UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE

INSTITUTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS, ADMINISTRATIVAS E CONTÁBEIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

MESTRADO ACADÊMICO EM ADMINISTRAÇÃO

ALISSON DE MORAES BASTOS

A ATIVIDADE EMPREENDEDORA NO MUNICÍPIO DE RIO GRANDE - RS: UMA ANÁLISE ECOSSISTÊMICA

RIO GRANDE

2022

ALISSON DE MORAES BASTOS

A ATIVIDADE EMPREENDEDORA NO MUNICÍPIO DE RIO GRANDE - RS: UMA ANÁLISE ECOSSISTÊMICA

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Administração da Universidade Federal do Rio Grande – FURG como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Administração.

Área de concentração: Gestão Organizacional. Linha de pesquisa: Organizações, Mercado e Trabalho.

Orientadora: Professora Doutora Lívia Castro D'Ávila.

RIO GRANDE

2022

Ficha Catalográfica

B327a Bastos, Alisson de Moraes.
A atividade empreendedora no município de Rio Grande - RS: uma análise ecossistêmica / Alisson de Moraes Bastos. – 2022.
157 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Programa de Pós-Graduação em Administração, Rio Grande/RS, 2022.
Orientadora: Dra. Lívia Castro D'Ávila.

1. Ecossistemas empreendedores 2. Atividade empreendedora 3. Atores-chave 4. Rio Grande-RS I. D'Ávila, Lívia Castro II. Título.

CDU 658.016(816.5RG)

Catalogação na Fonte: Bibliotecário José Paulo dos Santos CRB 10/2344

ALISSON DE MORAES BASTOS

A ATIVIDADE EMPREENDEDORA NO MUNICÍPIO DE RIO GRANDE - RS: UMA ANÁLISE ECOSSISTÊMICA

Dissertação de mestrado submetida a banca designada pelo Programa de Pós-graduação em Administração da Universidade Federal do Rio Grande – FURG como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Administração.

Aprovada em: 23/11/2022.

Banca Examinadora:

_____

Profª. Drª. Lívia Castro D'ávila – FURG (Orientadora)

_____

Prof. Dr. Elvis Silveira Martins – UFPEL (Membro externo)

_____

Profª. Drª. Ana Paula Capuano da Cruz – FURG (Membro interno)

_____

Prof. Me. Artur Roberto de Oliveira Gibbon – FURG (Convidado)

(a via original encontra-se assinada)

RIO GRANDE

2022

AGRADECIMENTOS

Com a entrega deste trabalho, encerro mais uma etapa de meu desenvolvimento acadêmico. Apesar das dificuldades impostas pela pandemia para execução deste trabalho ao longo dos últimos dois anos, entendo que todas as pessoas envolvidas no mesmo se propuseram ao melhor. Portanto, em primeiro lugar quero agradecer a todos os orixás pela vida e pela saúde que me foi dada.

À Universidade Federal do Rio Grande – FURG, pelo acolhimento e parceria ao longo dos últimos 7 anos, que me propôs diversos ensinamentos para me tornar o ser humano que sou hoje.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pelo financiamento desta pesquisa por meio de bolsa de estudos.

Aos meus pais Paulo Bastos e Giorgia Moraes pelo suporte emocional e financeiro ao longo desta trajetória.

À minha orientadora Lívia D'avila pelo carinho, dedicação e suporte em todos os momentos bons e difíceis.

Aos professores Elvis, Ana Paula e Arthur por participarem do processo como componentes da banca.

Ao meu orientador da graduação Samuel Bonato, por me apresentar os desafios da academia e me apoiar em minhas primeiras publicações.

Ao colega André Miki por todo apoio na condução das entrevistas e grupo focal deste trabalho, sem a sua ajuda jamais o mesmo seria viável.

À todos os meus colegas de mestrado, em especial meus grandes amigos do coração Bruno Rios, Suelen Piccoli e Caroline Ornel pelo trabalho em grupo, apoio e desabafos ao longo do processo.

A todos os meus amigos que me apoiaram neste processo e entenderam minhas ausências. Em especial ao José Eduardo pelas noites de companhia enquanto escrevia este trabalho.

Por fim, mas não menos importante, ao colegiado do PPGA, pelas prorrogações de prazo e zelo pelo bem-estar dos alunos do programa.

“Não somos o que deveríamos ser; não somos o que queríamos ser; não somos o que iremos ser, mas graças a Deus, não somos o que éramos”.

Martin Luther King Jr.

BASTOS, Alisson de Moraes. **A atividade empreendedora do município de Rio Grande - RS: Uma análise ecossistêmica**, 2022. 156f. Dissertação (Mestrado em Administração). Universidade Federal do Rio Grande, 2022.

RESUMO

Ecossistemas empreendedores, em síntese, são definidos pela literatura como um agrupamento de atores interessados no desenvolvimento econômico de uma localidade. Neste contexto, as ações coordenadas pelos mesmos bem como suas crenças e valores e o impacto dos respectivos elementos na atividade empreendedora local representam o objeto de estudo da temática. Assim, a presente dissertação se propõe a analisar a atividade empreendedora do município de Rio Grande sob a perspectiva de seus atores-chave. Para tal, foi conduzido um estudo de caso composto por entrevistas, grupo de foco e observações com 22 atores-chave distintos entre as etapas de coleta de dados. A análise foi conduzida por meio da análise de conteúdo envolvendo 2 categorias temáticas composta por 19 subcategorias de análise extraída de dois modelos de análise presentes na literatura. Neste contexto, foram adotados os modelos de elementos, produtos e resultados bem como o de estágio de desenvolvimento de ecossistemas empreendedores. Os resultados do estudo demonstram que a atividade empreendedora local se dá em caráter emergencial devido o índice de desemprego representar a força motriz das ações de desenvolvimento e motivações para empreender da região. O ecossistema empreendedor local é formado por atores-chave do seguimento de empreendedores individuais, poder público e instituições ligadas ao empreendedorismo, com protagonismo do poder público nas ações de desenvolvimento. A infraestrutura local representa a força motriz da demanda de novos negócios bem como caracteriza a demanda local e o caráter dos projetos de empreendedorismo iniciados na região. A atividade empreendedora gerada na região tem por objetivo atender a demanda de consumo gerada pela infraestrutura municipal e tem como principal resultado desejado a melhoria dos índices de desemprego e a qualidade de vida de empreendedores e da população em geral em termos de emprego e renda. Devido aos baixos níveis de desenvolvimento e ações emergentes para melhoria do empreendedorismo local, o estudo de caso infere que o ecossistema empreendedor local representa um ecossistema em estágio embrionário. A presente dissertação apresenta como contribuição a capacidade de aprendizagem do estudo de caso. Neste contexto, argumenta-se que a literatura demanda de elementos empíricos oriundos de localidades não estudadas pela literatura e o presente estudo

se propõe a apresentar os primeiros elementos empíricos da presente demanda. Além disso, diversos *gaps* de pesquisa são revelados para a temática de ecossistemas empreendedores. O presente trabalho desenvolve uma agenda pesquisa que leva em consideração o papel da educação, a qualidade do empreendedorismo e a demanda por pesquisas interdisciplinares para entender o processo de empreendedorismo em regiões menos desenvolvidas.

Palavras-chave: Ecossistemas empreendedores; Atividade empreendedora; Atores-chave; Rio Grande-RS.

BASTOS, Alisson de Moraes. **Entrepreneurial activity in the municipality of Rio Grande - RS: An ecosystem analysis**, 2022. 156p. Dissertation (Master in Business Administration). Federal University of Rio Grande, 2022.

SUMMARY

Entrepreneurial ecosystems, in short, are defined by the literature as a group of actors interested in the economic development of a locality. In this context, the actions coordinated by them as well as their beliefs and values and the impact of the respective elements on the local entrepreneurial activity represent the object of study of the theme. Thus, this dissertation proposes to analyze the entrepreneurial activity in the municipality of Rio Grande from the perspective of its key actors. To this end, a case study was conducted consisting of interviews, focus groups and observations with 22 different key actors between the stages of data collection. The analysis was conducted through content analysis involving 2 thematic categories composed of 19 subcategories of analysis extracted from two analysis models present in the literature. In this context, the models of elements, products and results were adopted, as well as the stage of development of entrepreneurial ecosystems. The results of the study show that local entrepreneurial activity takes place on an emergency basis because the unemployment rate represents the driving force of development actions and motivations to undertake in the region. The local entrepreneurial ecosystem is made up of key actors from the follow-up of individual entrepreneurs, public authorities and institutions linked to entrepreneurship, with the public power playing a leading role in development actions. The local infrastructure represents the driving force behind the demand for new businesses, as well as characterizing the local demand and the character of the entrepreneurship projects initiated in the region. The entrepreneurial activity generated in the region aims to meet the consumption demand generated by the municipal infrastructure and has as its main desired result the improvement of unemployment rates and the quality of life of entrepreneurs and the population in general in terms of employment and income. Due to the low levels of development and emerging actions to improve local entrepreneurship, the case study infers that the local entrepreneurial ecosystem represents an ecosystem in an embryonic stage. The present dissertation presents as a contribution the learning capacity of the case study. In this context, it is argued that the literature demands empirical elements from locations not studied by the literature and the present study proposes to present the first empirical elements of the present demand. In addition, several research gaps are revealed for the theme of entrepreneurial ecosystems. The present work

develops a research agenda that takes into account the role of education, the quality of entrepreneurship and the demand for interdisciplinary research to understand the process of entrepreneurship in less developed regions.

Keywords: Entrepreneurial ecosystems; Entrepreneurial activity; Key actors; Rio Grande-RS.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Elementos, produtos e resultados do ecossistema empreendedor.....42
Figura 2 - Seguimentos com maior participação no município de Rio Grande 59
Figura 3 - Vínculos empregatícios no município de Rio Grande por setor e porte.....59
Figura 4 – Síntese do processo de revisão sistemática.....64
Figura 5 – Síntese do processo de triangulação.....72
Figura 6 - Síntese do método.....73
Figura 7 – Mapa comercial de Rio Grande - RS 80
Figura 8 – Condições estruturais do ecossistema empreendedor de Rio Grande.....85
Figura 9 – Síntese de resultados das condições sistêmicas 98
Figura 10 - Síntese de produtos e resultados do Ecossistema Empreendedor de Rio Grande. 103

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Abordagem conceitual 39
Quadro 2 - Taxonomia básica de ecossistemas empreendedores 44
Quadro 3 - Atores-chave em ecossistemas empreendedores 49
Quadro 4 – Protocolo de revisão sistemática dos artigos encontrados 63
Quadro 5 - Categorias temáticas do estudo de caso 71
Quadro 6 - Taxonomia básica de ecossistemas empreendedores – resultado do caso. 132

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Composição do mercado por setor e porte 58
Tabela 2 - Resultados da busca por "Entrepreneurial ecosystem" nas bases de dados 61
Tabela 3 – Participantes das entrevistas em profundidade 66
Tabela 4 – Descrição dos participantes do grupo focal 69

LISTA DE SIGLAS

BDTD – Banco Digital de Teses e Dissertações

CDL – Câmara dos Dirigentes Lojistas

CNAE – Classificação Nacional de Atividades Econômicas

CNPJ – Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica

CNPQ – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

FURG – Universidade Federal do Rio Grande

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PDI – Plano de Desenvolvimento Institucional

PIB – Produto Interno Bruto

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SENAC – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico

PPGA – Programa de pós-graduação em Administração

PPI – Projeto Pedagógico Institucional

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 18

1. 1 Problema de pesquisa 19

1. 2 Objetivos de pesquisa 21

1. 2. 1 Objetivo geral 21

1. 2. 2 Objetivos específicos 21

1. 3 Justificativa 21

1. 4 Relevância teórica 22

1. 5 Contribuições da pesquisa 23

1. 6 Estrutura da dissertação 24

2 REFERENCIAL TEÓRICO 26

2. 1 Origem e conceito de Ecossistemas Empreendedores 26

2. 3 Modelos teóricos 41

2. 3. 1 O modelo de elementos, produtos e resultados de Stam 41

2. 3. 2 Taxonomia de Brown e Mason 44

2. 4 Atores-chave em ecossistemas empreendedores 48

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS 52

3. 1 Caracterização da pesquisa 52

3. 2 Estratégia de investigação 53

3. 3 Caracterização do caso 54

3. 3. 1 Origem e ciclos econômicos do município de Rio Grande – RS 54

3. 3. 3. O perfil empreendedor do município de Rio Grande - RS 57

3. 3. 4 Originalidade do caso 59

3. 4 Revisão da literatura 60

3. 5 Coleta de dados 65

3. 5. 1 Entrevistas em profundidade com os atores-chave 65

3. 5. 2 Grupo focal com empreendedores 67

3. 6 Tratamento e análise de dados 70

3. 7 Triangulação e confiabilidade 71

3. 8 Figura Síntese do método 73

4 RESULTADOS 74

4. 1 Elementos, produtos e resultados 74

4. 1. 1 Condições estruturais 74

4. 1. 2 Condições sistêmicas 85

4. 1. 3 Produtos e resultados 98

4. 2 Estágio de formação do ecossistema 103

4. 2. 1 Atores dominantes e interações no ecossistema 103

4. 2. 2 Orientação empreendedora 108

4. 2. 3 Negociadores 112

4. 2. 4 Empreendedorismo de blockbuster 115

4. 2. 5 Reciclagem empreendedora 119

4. 2. 6 Políticas públicas 121

4. 2. 7 Fluidez e Diversidade de atores 127

4. 2. 8 Dinâmica Espacial 129

4. 2. 9 Síntese de resultados e classificação do ecossistema 132

5 DISCUSSÃO 135

5. 1 O modelo de Stam e o ecossistema empreendedor de Rio Grande 135

5. 2 A tipologia de Brown e Mason e o ecossistema empreendedor de Rio Grande ... 137

5. 3 Implicações práticas ao observar o município de Rio Grande como um ecossistema empreendedor 139

5. 4 Uma agenda de pesquisa em ecossistema empreendedor diante do caso estudado 141

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 144

REFERÊNCIAS 149

APÊNDICE A 154

APÊNDICE B 155

APÊNDICE C 156

1 INTRODUÇÃO

Embora os estudos organizacionais tenham importado metáforas da ecologia para a execução de análises sobre a dinâmica organizacional na década de 1970 (HANNAH; FREEMAN, 1977) e mais tarde a escola de negócios tenha incorporado este tipo de abordagem para analisar o ambiente de negócios de determinada organização (MOORE, 1993), a abordagem ecossistêmica para observar o processo do empreendedorismo surge na literatura apenas na década de 1990 em uma análise de como funcionara a atividade empreendedora do Vale do Silício (BAHRAMI; EVANS, 1995). Na década seguinte, um texto de Isenberg (2010) para a *Havard Business Review* fez com que o termo se expandisse rapidamente nos debates entre os praticantes e acadêmicos da área culminando em diversas iniciativas por parte de formuladores de políticas públicas para a criação e manutenção de ecossistemas empreendedores. Neste contexto, a metáfora ecológica do ecossistema acabou apresentando um crescimento exponencial de uso em pesquisas e debates acadêmicos (ISENBERG, 2016).

Em síntese, os ecossistemas empreendedores são conceituados como um agrupamento de atores-chave interessados na governança da atividade empreendedora de uma determinada região (STAM, 2015; SPIGEL, 2017). A região em análise pode ser determinada tanto por limites geográficos como por limites socioculturais (ROUNDY *et al*, 2018). De acordo com Wurth *et al* (2021), representam uma unidade artificial de análise da atividade empreendedora em um determinado território. Neste sentido, os objetos de análise são construídos pelos pesquisadores e formuladores de políticas públicas a fim de conduzir análises da atividade empreendedora a nível de um município (AUDRETSCH; BELITSKI, 2016; BALA SUBRAHMANYA, 2017; ROUNDY, 2018), região (FISHER *et al*, 2018) ou país (YUSOFF *et al*, 2016). Além disso, a análise do empreendedorismo sob as perspectivas ecossistêmicas, implica na análise de como os fatores contextuais impactam a atividade empreendedora (AUTIO *et al*, 2018; AUDRETSCH *et al*, 2019). Estes fatores, de acordo com Ratten (2020), podem ser traduzidos em fatores sociais, culturais, econômicos e políticos.

De acordo com Stam (2015), ecossistemas empreendedores são constituídos por uma série de condições estruturais como instituições formais, cultura local, infraestrutura física e demanda. Além disso, são necessárias determinadas condições para o funcionamento sistêmico como as redes, as lideranças, as finanças, os talentos da região, o conhecimento e os serviços de suporte. Estas condições estruturais e sistêmicas acabam por descrever os detalhes da

atividade empreendedora da região que por si geram um produto final que pode ser caracterizado pelo valor agregado realizado pelas ações sinérgicas do ecossistema.

Ecossistemas empreendedores podem ser caracterizados também de acordo com Brown e Mason (2014) em relação ao seu estágio de desenvolvimento. Apesar de apresentar um modelo dicotômico, os autores argumentam que analisar ecossistemas sobre a forma embrionária ou desenvolvida pode ser um caminho inicial para entender em qual momento do desenvolvimento aquela unidade de análise se encontra. De acordo com os autores, ecossistemas empreendedores podem ser analisados sobre determinadas características, são elas: Atores dominante, interações no ecossistema, orientação empreendedora, financiamento, negociadores, diversidade, empreendedorismo de *blockbuster*, dinâmica espacial, políticas públicas e reciclagem empreendedora.

Ao adotar abordagens ecossistêmicas, pesquisadores devem definir a unidade de análise, de acordo com limites geográficos e culturais bem como determinar sob quais perspectivas o sistema será formado. Neste sentido, esta dissertação apresenta o modelo de elementos produtos e resultados de Stam (2015) bem como o modelo de análise de estágio de desenvolvimento do ecossistema de Brown e Mason (2014) para a condução da pesquisa.

1. 1 Problema de pesquisa

Nos últimos anos, uma quantidade significativa de revisões da literatura acerca dos ecossistemas empreendedores ocupara espaços nos periódicos de empreendedorismo, negócios e economia. Diversos autores afirmam que a temática, apesar de evoluir de forma rápida, apresenta um desenvolvimento conceitual em fase embrionária apresentando altas taxas de empirismo e pouca formulação teórica (ACS *et al*, 2017; BROWN; MASON, 2017; STAM; VAN DE VEN, 2021; BRITO; LEITÃO, 2021; WURTH *et al*, 2021). Além disso, os modelos empíricos apresentados na temática são caracterizados como modelos conceituais genéricos e preliminares objetivados na busca de mais elementos empíricos para uma possível contribuição teórica (STAM, 2015; BROWN; MASON, 2017).

A literatura de ecossistemas empreendedores não apresenta consenso acerca do nível de análise de seus objetos (ISENBERG, 2016). Neste contexto, os estudos na temática podem ser conduzidos em nível municipal, estadual, nacional ou ainda em regiões não delimitadas pelo fator geográfico (ROUNDY *et al*, 2018). Apesar de apresentar uma diversidade de resultados empíricos, a literatura de ecossistemas empreendedores apresenta como premissa a consolidação de ecossistemas de sucesso para construir suas análises como o Vale do Silício

(BAHRAMI; EVANS, 1995), Bangalore (BALA SUBRAHMANYA, 2017) e São Paulo (FISHER *et al*, 2018).

Os sujeitos pertencentes a um ecossistema podem apresentar crenças e percepções heterogêneas quanto à forma o qual o mesmo se constitui bem como suas contribuições para a atividade empreendedora de modo que emular dados e representações de ecossistemas de sucesso, como o Vale do Silício, podem representar erros de condução do desenvolvimento de um ecossistema (ISENBERG, 2010). Portanto, casos não consolidados de ecossistemas empreendedores precisam ser estudados. Neste contexto, parte-se da premissa de que se há atividade empreendedora em uma região, existe um conjunto de elementos interdependentes, mesmo que desorganizados, interessados no desenvolvimento da mesma (STAN; VAN DE VEN, 2019). Esta premissa está associada a analogia de Isenberg (2016) que compara ecossistemas empreendedores a ecossistemas naturais como um pântano ou uma floresta. Neste sentido, existem de forma natural, não podem ser criados, apenas desenvolvidos e sustentados.

Além disso, o contexto econômico, político, social e tecnológico de uma determinada região está diretamente associado com o sucesso de um ecossistema empreendedor (RATTEN, 2020). Neste sentido, modelos e tipologias de ecossistemas empreendedores apresentam difíceis construções dada a dificuldade de homogeneização dos contextos de cada região em análise (WURTH *et al*, 2021). Assim, as crenças e percepções dos principais atores bem como a estrutura do ecossistema representam elementos vitais da abordagem de ecossistemas empreendedores. Embora diversos autores de ecossistemas empreendedores entendam a interdependência dos atores (ISENBERG, 2016; STAM, 2015), a maior parte dos estudos identificados isolam um ator-chave e investigam seu papel (GUERRERO *et al*, 2017; GOSWAMI *et al*, 2018; NKUSI *et al*, 2020). Neste contexto, emerge a necessidade de estudar os atores-chave de um ecossistema empreendedor de forma integrada.

De acordo com o exposto, a presente dissertação parte da construção de unidade artificial de análise de ecossistema empreendedor (WURTH *et al*, 2021) a nível municipal e adota o município de Rio Grande – RS como objeto de estudo no intuito de contribuir com mais elementos empíricos para o debate na temática de ecossistemas empreendedores sob a perspectiva de seus atores-chave em um contexto divergente dos ecossistemas empreendedores de sucesso abordados pela literatura. Neste contexto, esta dissertação se propõe a investigar as seguintes questões: *1) Como se caracteriza a atividade empreendedora de Rio Grande?2) É possível adotar a temática de ecossistemas empreendedores em regiões similares ao município*

de Rio Grande? 3) De que forma a temática de ecossistemas empreendedores, no contexto municipal, pode ser explorada a nível prático e científico?

1. 2 Objetivos de pesquisa

Na presente subseção é apresentado o objetivo geral desta dissertação bem como os objetivos específicos adotados para compor o caminho pelo qual se pretende atingir o objetivo geral.

1. 2. 1 Objetivo geral

Analisar o município de Rio Grande, sob a ótica de ecossistema empreendedor, com base na percepção dos atores-chave da atividade empreendedora do município.

1. 2. 2 Objetivos específicos

I) Descrever o ecossistema empreendedor de Rio Grande em relação a seus elementos, produtos e resultados;

II) Analisar o ecossistema empreendedor de Rio Grande quanto ao seu estágio de desenvolvimento;

III) Analisar implicações práticas e teóricas em virtude da análise de municípios sob o prisma da temática de ecossistemas empreendedores.

IV) Desenvolver uma agenda de pesquisa no âmbito da temática de ecossistemas empreendedores para regiões similares ao caso estudado.

1. 3 Justificativa

A unidade artificial de análise de ecossistema empreendedor adotada na presente dissertação representa o município de Rio Grande – RS. Neste contexto, a dissertação pode ser justificada a partir dos números da atividade empreendedora no município.

Da perspectiva dos números da atividade empreendedora no município de Rio Grande – RS, pode-se considerar que de fato ocorre algum tipo de atividade empreendedora na região. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) a população do município é estimada em 211 mil habitantes bem como o município apresenta um Produto Interno Bruto (PIB) per capta de 55 mil reais, valor acima da média nacional (IBGE, 2018).

De acordo com o mapa de empresas do ministério da economia, o município apresenta pouco mais de 18 mil empresas ativas, destas 11,3% foram abertas no ano de 2021 versus 4,27% de encerramentos no mesmo período. Além disso, 92,57% das empresas situadas no município

representam matrizes, ou seja, são originárias do município. Das empresas ativas no município de Rio Grande – RS, cerca de 79,18% são constituídas de empreendedores individuais (BRASIL, 2021). Apesar dos números indicarem um certo nível de atividade empresarial, a presente dissertação se justifica no instante que pretende abordar o empreendedorismo municipal sob uma perspectiva ecossistêmica. Neste contexto, a dissertação irá abordar a análise da atividade empreendedora municipal sob uma perspectiva mais complexa que a análise dos dados disponíveis de abertura, manutenção e fechamento de empresas no município.

1. 4 Relevância teórica

Para auxiliar a discussão acerca da relevância acadêmica desta dissertação, foi conduzida, uma busca no Banco Digital de Teses e Dissertações (BDTD) a partir do termo "Ecossistema Empreendedor" a fim de encontrar os documentos que apresentam o conceito no título (Apêndice A). Foram encontradas quatro teses e duas dissertações que serão brevemente debatidas a fim de apresentar os pontos os quais a presente dissertação se apresenta como inédita e relevante.

Gomes (2013) argumenta que a literatura de empreendedorismo tem fortes vínculos com a figura do empreendedor e demanda de análises que contemplem os demais atores da atividade empreendedora. Neste contexto, o autor tem por objetivo analisar a forma o qual empreendedores gerenciam incertezas interdependentes em ecossistemas empreendedores. Assim, o trabalho considera o ecossistema como um conjunto de incertezas individuais e coletivas e coloca a incerteza como ponto em evidência na análise.

Pereira (2017) apresenta uma análise do ecossistema empreendedor de *startups* de Belo Horizonte sob os aspectos de elementos que compõem os ecossistemas empreendedores. Embora apresente o fundo municipal como análise e envolva diversos atores-chave na condução da atividade empreendedora, o trabalho analisa o ecossistema e a atividade empreendedora sob o prisma de estímulo às *startups* de Belo Horizonte.

Oliveira (2015) tem por objetivo propor um modelo de estímulo à *spin-offs* acadêmicas por meio de instituições científicas e tecnológicas. Neste sentido, apesar de contribuir com elementos de análise para um importante elemento do ecossistema empreendedor, o trabalho apresenta a temática de ecossistemas empreendedores apenas como plano de fundo. Da mesma forma, sob o aspecto nacional, Silva (2017) realiza o mesmo tipo de análise unilateral, sob ponto de vista dos elementos do ecossistema, para contribuir com a gestão de incubadoras empresas no Brasil. Já Gasparoto (2019) analisa o papel da Universidade Estadual de Campinas no

ecossistema empreendedor da região metropolitana do município. Defendendo o protagonismo das universidades nos ecossistemas, o autor descreve as redes formadas pelas instituições que compõem o ecossistema de Campinas.

Por fim, o trabalho de Fialho (2019) tem por objetivo investigar como ocorre o fortalecimento do ecossistema empreendedor e, para tal, conduz um estudo acerca das percepções dos atores-chave do ecossistema empreendedor de Santa Maria. Neste contexto, a autora mapeia os atores-chave daquele ecossistema e analisa a forma como cada ator percebe as ações de fortalecimento do ecossistema sob a perspectiva dos elementos que o compõem. O trabalho da autora representa a pesquisa que mais se aproxima desta dissertação pois tem como premissa a captura da percepção de atores-chave a respeito da atividade empreendedora de um determinado ecossistema. Entretanto, esta dissertação não se concentra no recorte de análise dos estímulos ao ecossistema, mas no ecossistema como um todo o qual as ações de desenvolvimento fazem parte.

A presente dissertação se apresenta como relevante no instante que observa a atividade empreendedora como a busca pelo crescimento econômico e o bem-estar social agregado (STAM, 2015) bem como observa o ecossistema empreendedor de um município, que apresenta características divergentes dos ecossistemas de sucesso analisados pela literatura, sob o prisma de diversos setores que envolvem a atividade empreendedora, se afastando da percepção de ecossistema empreendedor composto apenas por *startups* (ISENBERG, 2010). A relevância de um estudo de caso se dá na capacidade de apresentação de elementos empíricos e na capacidade de aprendizagem que o caso proporciona (STAKE, 1995). Além disso, o presente trabalho não opera sob o protagonismo de algum elemento do ecossistema empreendedor, mas o observa como um conjunto de atores inter-relacionados o qual o elemento organizativo, chamado ecossistema empreendedor, possui características de governança distintas pautadas pelo contexto (ISENBERG, 2016).

1. 5 Contribuições da pesquisa

Apesar da limitação do avanço teórico, inúmeros governos e organizações não governamentais como a Fundação Kaufman, o Fórum Econômico Mundial e a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) adotaram o conceito para tratar do empreendedorismo em determinados territórios. Neste contexto, uma agenda de pesquisa ainda é necessária para a temática propor avanços teóricos (WURTH *et al*, 2021).

A presente dissertação contribui com a agenda supracitada ao adotar a unidade de análise a nível municipal em um contexto fora dos padrões os quais ecossistemas de sucesso estão inseridos. Neste contexto, se espera contribuir com a literatura ao apresentar elementos empíricos acerca da visão ecossistêmica em empreendedorismo de regiões com características distintas daquelas os quais a literatura já apresenta dados. Além disso, a perspectiva da percepção dos atores-chave também possibilitará dados empíricos acerca de como é observada a atividade empreendedora nestas regiões de modo a presente dissertação não se limitará apenas a descrever os elementos, mas também apresentar opiniões, percepções e crenças acerca da atividade empreendedora do município de Rio Grande sob a perspectiva ecossistêmica. Por fim, o presente estudo de caso trás contribuições de aprendizagem para a temática de ecossistemas empreendedores ao adotar, analisar e debater dois modelos de análise de ecossistemas empreendedores resgatados da literatura para analisar uma região distinta da realidade comumente abordada na mesma bem como propor uma agenda de pesquisa para a evolução da temática em casos semelhantes ao estudado.

Do ponto de vista das contribuições gerenciais, se espera que esta dissertação apresente um arcabouço empírico sobre o atual panorama da atividade empreendedora do município de Rio Grande – RS. Neste sentido, é esperado que o trabalho possa elencar uma série de informações que auxilie partes do governo, empresários e instituições interessadas no empreendedorismo da região a tomar decisões acerca dos pontos de trabalho para o incentivo da atividade empreendedora no município. Considerando a gestão do ecossistema empreendedor como uma modalidade de gestão descentralizada, marcada pela ausência de protagonismo (ISENBERG, 2016), espera-se que o trabalho forneça *insights* diferentes para cada agente do ecossistema.

1. 6 Estrutura da dissertação

Além da introdução apresentada neste primeiro capítulo, esta dissertação está estruturada da seguinte forma:

- Capítulo 2 – Representa o referencial teórico da pesquisa constituído pelo debate teórico acerca dos ecossistemas empreendedores para expor elementos ontológicos da temática, modelos de análise que serão adotados na dissertação bem como pesquisas empíricas a respeito da contribuição dos atores-chave em ecossistemas empreendedores.

- Capítulo 3 – Aborda os aspectos metodológicos do trabalho como a caracterização da pesquisa e do caso de estudo, o processo de revisão da literatura, a coleta, análise, triangulação e validação dos dados.
- Capítulo 4 – Aborda os resultados da pesquisa de acordo com as categorias de análise elencadas para descrever o ecossistema empreendedor de Rio Grande em concordância com os modelos de Stam (2015) e Brown e Mason (2014).
- Capítulo 5 – Apresenta a discussão teórico-empírica a respeito da adoção dos modelos de análise adotados no município de Rio Grande. Além disso, apresenta uma série de sugestões para o alinhamento entre a atividade empreendedora realizada no município e as características de ecossistemas empreendedores bem como apresenta uma proposta de agenda de pesquisa para a temática em regiões similares a do caso estudado.
- Capítulo 6 – Apresenta as considerações finais a respeito da pesquisa bem como limitações experimentas pela mesma e sugestões de pesquisas futuras para a continuidade do trabalho.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O presente referencial teórico está estruturado da seguinte forma: Em primeiro lugar serão expostos elementos da discussão da origem e definição do conceito sob o prisma dos principais autores do tema de ecossistemas empreendedores. Após o debate conceitual, serão apresentados os modelos de análise que foram adotados no trabalho e, por fim, serão elencados um conjunto de trabalhos que permitem o levantamento e o papel de diferentes atores-chave em ecossistemas empreendedores.

2. 1 Origem e conceito de Ecossistemas Empreendedores

A metáfora do ecossistema, importada da ecologia, surgiu na literatura da então denominada escola de negócios pela primeira vez em um artigo de Moore (1993). Dado o avanço da sistemática de competição global na década de 90 o qual as empresas eram observadas como pertencentes à mercados únicos e indústrias particulares, as análises de competitividade, sob o contexto de seu espaço específico de tempo, apresentavam dados empíricos com indicativo de que as empresas atuavam na criação de novos mercados e, com o passar dos anos, perdiam o controle sobre os mesmos. Neste sentido, o autor argumenta que adotar a metáfora do ecossistema para observar a competitividade empresarial se faz necessário devido a complexa gama de organizações que estabelecem relações com uma determinada empresa que, dadas as constatações destacadas, tinham por necessidade uma forma mais sofisticada para a análise dos aspectos da competitividade.

Moore (1993) propõe a adoção da lógica de co-evolução empresarial como forma de embasamento da análise de competitividade. Advinda da antropologia, a abordagem de co-evolução é descrita como um processo cujo espécies interdependentes evoluem em um ciclo de dependência de modo que mudanças na gênese de uma determinada espécie explicam as mudanças de gênese em uma outra espécie. Após apresentar uma série de exemplos que percorrem as indústrias automobilísticas, de *software* e varejo, o autor conclui que as mudanças nos negócios de uma organização-chave inseridas em um ecossistema acabam por mudar o próprio sistema e, por consequência, a lógica da competitividade que o envolve.

No âmbito do empreendedorismo, a metáfora do ecossistema ganhou espaço na academia diante do trabalho de Bahrami e Evans (1995) que tinha por objetivo analisar o Vale do Silício como um ecossistema empreendedor em franco desenvolvimento. O uso da metáfora para analisar o Vale do Silício é defendido pelos autores pela característica de co-evolução entre os empreendimentos situados na região. Os autores argumentam que no vale há um processo

de manutenção e evolução que consiste na "reciclagem flexível" de empreendimentos que consiste na finalização ou fragmentação de empreendimentos em virtude do surgimento de novas empresas orientadas a explorar novas oportunidades empreendedoras.

Bahrami e Evans (1995) definem os elementos constituintes do Vale do Silício sob o prisma de diversos atores-chave, como universidades, institutos de pesquisa, financiadores de capital de risco e elementos culturais, como o espírito empreendedor da Califórnia. Além disso, são expostos elementos que constituem o processo de "reciclagem flexível" do ecossistema como a criação incessante de novos empreendimentos, mobilidade entre empresas, transmissão de conhecimento e processos de aprendizagem. Após apresentar uma série de exemplos internos do Vale do Silício, o documento defende a ideia de que membros do ecossistema empreendedor coexistem e coevoluem até atingir uma massa crítica de conhecimento que se transformam em *startups* e *spin-offs* de pesquisa que geram novas entidades promotoras da evolução do ecossistema. Este movimento é representado por um ciclo de formação, evolução e extinção de empreendimentos que representa o processo de "reciclagem flexível".

Apesar do sucesso do Vale do Silício, os caminhos percorridos pelo ecossistema empreendedor da Califórnia, de acordo com Isenberg (2010), não podem ser emulados por autoridades interessadas na criação de ecossistemas empreendedores em regiões com características divergentes. De acordo com o autor, ecossistemas empreendedores consistem em um conjunto de elementos individuais que interagem de forma complexa e conduzem ao empreendedorismo sustentável a longo prazo. O autor apresenta nove passos para gestores públicos criarem ecossistemas empreendedores sustentáveis, são eles: evitar emular o Vale do Silício; organizar o ecossistema com base nas condições locais; envolver a iniciativa privada; favorecer iniciativas promissoras; conquistar vitórias e divulgá-las; enfrentar barreiras culturais; promover empreendimentos de bases sólidas; auxiliar *clusters* empresariais e reformar e promover regulações relacionadas ao aparato burocrático;

Mais tarde, em razão do avanço de políticas públicas e pesquisas orientadas à geração e desenvolvimento de ecossistemas empreendedores, Isenberg (2016) promoveu um debate teórico acerca das definições de ecossistemas naturais originados na área da ecologia e o uso da metáfora de ecossistemas empreendedores na literatura de negócios. De acordo com o autor, a metáfora de ecossistemas preconiza a existência de um sistema que é auto organizado, autorregulado e autossustentado e pode, em diversos casos, servir como instrumento de políticas públicas de promoção à coopetição e empreendedorismo. Neste sentido, representa um sistema socioeconômico que experimenta de um nível de equilíbrio em virtude da constante

busca pela satisfação das necessidades de seus interessados. Um ecossistema empreendedor, de acordo com o autor, apesar de ser influenciado por políticas públicas de interação entre empresas e promoção do empreendedorismo, prevê a existência de um sistema com pouca influência externa e com mecanismos de controle descentralizados. Apesar destas definições, o autor argumenta que a discussão acerca dos ecossistemas empreendedores é usada para analisar mecanismos formais de incentivo ao empreendedorismo como incubadoras e *startups*. Neste sentido, o autor dá início a um debate teórico acerca dos usos e abusos da metáfora.

De acordo com Isenberg (2016), para analisar o uso da metáfora de ecossistemas empreendedores se faz necessário retomar a discussão acerca das concepções de um ecossistema natural. O autor argumenta que ecossistemas naturais representam, na literatura da ecologia, uma comunidade formada por organismos vivos e não vivos que atuam e interagem de forma sistêmica, possuem inúmeras partes e são fisicamente circunscritos. As partes existentes podem ou não ser biológicas, interagem ou coexistem em um quase equilíbrio, apresentam influências múltiplas umas sobre as outras, possuem impulsos e motivações muitas vezes conflitantes, competem por recursos e não detém controle sobre o ecossistema. O autor ressalta que os seres humanos, em virtude de suas características cognitivas distintas, representam agentes únicos nos ecossistemas. Neste sentido, em ecossistemas naturais como um pântano ou uma floresta, ações deliberadas como o reflorestamento e desvios fluviais para manter a sustentabilidade de um ecossistema são possíveis diante da junção das forças naturais do ecossistema com a ação e o pensamento humano.

Ao comparar o uso da metáfora do ecossistema empreendedor com o conceito de ecossistemas naturais, Isenberg (2016) aponta cinco erros de uso indevido da metáfora pela literatura de negócios. O erro da criação é identificado no instante que ecossistemas naturais não podem ser criados pois os mesmos existem de forma natural. Assim, ecossistemas empreendedores, assim como ecossistemas naturais, podem sofrer ações de desenvolvimento sustentável assim como um pântano ou uma floresta pode ser preservados pelo homem. Neste contexto, ecossistemas empreendedores tem como premissa sua existência de forma natural em locais cujo o empreendedorismo ocorre, portanto, o mesmo pode apenas ser desenvolvido, afetado e sustentado pelas partes. O erro da centralização do controle advém do erro da criação, no instante que alguém ou um conjunto de partes cria um ecossistema ocorre a pressuposição que alguém o detém. Neste sentido, as partes podem controlar elementos do ecossistema, mas não o sistema como um todo pois a metáfora do ecossistema prevê a ausência de propriedade sob o mesmo. O erro geográfico é percebido sob a ótica de análise de ecossistemas específicos

como da Índia ou Brasil, assim como ecossistemas naturais não respeitam os limites administrativos das nações, ecossistemas empreendedores também não se limitam as fronteiras geográficas e são definidos como regiões circunscritas que apresentam elementos socioculturais que indicam as fronteiras do ecossistema. O erro de intenção diz respeito aos objetivos de um pequeno grupo de elementos serem apontados como relevantes ou causais no ecossistema. Neste sentido, o ecossistema não pode ser explicado apenas sob o ponto de vista de um ou dois elementos como a água ou as árvores, pois os mesmos não possuem intenção. Deste modo, em ecossistemas empreendedores um conjunto de elementos como crenças e valores socioculturais surgem de forma não intencional apesar de serem apropriados por um conjunto de elementos do ecossistema. Por fim, o erro da centralidade do empreendedor trata da posição de privilegio adotada nas pesquisas em relação as crenças e valores do empreendedor como elementos centrais do ecossistema. Embora os empreendedores sejam o elemento de maior visibilidade, o ecossistema é formado por um conjunto de elementos vivos e não vivos que, se excluídos, representam uma análise fragmentada do todo.

Outro elemento colocado em evidência pela literatura de ecossistemas empreendedores, de acordo com Isenberg (2016), são as *startups*. Em diversos casos as *startups* são observadas como o produto final da promoção do empreendedorismo. Neste contexto, um ecossistema empreendedor eficiente é aquele que produz um maior número de *startups*. Entretanto, o autor argumenta que é preciso observar o real impacto destas jovens empresas na atividade empreendedora, pois são poucas as *startups* que realmente conseguem crescer em termos de empregabilidade, crescimento e exploração de oportunidades de mercado. O autor também argumenta que os demais elementos do ecossistema empreendedor também atuam em função de promover a atividade empreendedora, portanto, outros elementos de resultados além da abertura de *startups* devem ser inseridos na análise de ecossistemas empreendedores.

Isenberg (2016) conclui que o empreendedorismo, no instante que a metáfora do ecossistema empreendedor é adotada, deve ser definido como um crescimento extraordinário, acima das condições impostas de forma natural pelo mercado. Da mesma forma, os empreendedores devem ser observados como elementos que potencialmente se beneficiam deste processo, entretanto ressalta que as vias causais do empreendedorismo nestes sistemas de interação podem ser complexas, portanto, devem levar em consideração a interação entre os demais elementos vivos e não vivos do ecossistema.

De acordo com Acs *et al* (2017), as origens da abordagem de ecossistemas empreendedores podem ser encontradas tanto na literatura de estratégia quanto na literatura de

empreendedorismo regional. Embora ambas adotem a perspectiva ecológica e sistêmica para explicar seus fenômenos, os autores argumentam que as matrizes conceituais apresentam divergências.

Do ponto de vista da literatura de estratégia, de acordo com Acs *et al* (2017), o ecossistema é observado sob a perspectiva de ecossistema de negócios de uma empresa para criar valor e explorar oportunidade em razão das interações que a mesma faz com determinado ambiente de negócios. Além disso, são explorados elementos de coexistência e co-evolução de empresas menores que sustentam as atividades da empresa ou plataforma de negócios que detém a centralidade do ecossistema. De acordo com os autores, a literatura de ecossistemas em estratégia se apresenta como uma releitura da organização industrial proposta por Porter (1998). Entretanto, a abordagem ecossistêmica em estratégia não se limita a setores exclusivos e prevê a participação das empresas em múltiplos setores e mercados da economia global.

Por outro lado, a literatura de empreendedorismo regional adota uma série de conceitos como distritos industriais, *clusters* de empresas e sistemas de inovação. O foco desta literatura está relacionado com o desempenho do ecossistema em razão de elementos como a inovação, empregabilidade ou produtividade. Além disso, esta literatura foca os limites territoriais do ecossistema e procura explicar o desempenho acima das condições de mercado agregado pela noção do empreendedorismo regional e impacto da análise do lugar (ACS *et al*, 2017).

Embora similares, a noção de empreendedorismo regional e ecossistema de negócios apresentam divergências da abordagem de ecossistema empreendedor. De acordo com Acs *et al* (2017), ambas as abordagens analisam a interação entre atores e fatores do ecossistema, entretanto observam o empreendedorismo como um resultado do sistema e não como o fenômeno originário. Neste sentido, de acordo com os autores, a abordagem de ecossistema empreendedor se diferencia das abordagens de ecossistema de negócios e empreendedorismo regional pois apresenta como premissa que o empreendedorismo não representa apenas o resultado do sistema, mas também o ponto de partida do mesmo. Assim, elementos como a competitividade aparecem em menor evidência orientado à ênfase de que o objetivo de um ecossistema empreendedor é a exploração das oportunidades de um determinado mercado.

Roundy (2017) conceitua o ecossistema empreendedor como um sistema delimitado por forças culturais e geográficas permeado por um conjunto de atores e forças inter-relacionadas orientados à atividade empreendedora, esta relação é limitada pelas crenças e valores destes atores em relação à atividade empreendedora. Os atores de um ecossistema atuam sob um conjunto de crenças institucionalizadas que formam a base sociocultural do ecossistema. Sob a

lógica da teoria institucional, o autor apresenta um debate teórico acerca das lógicas dominantes em ecossistemas empreendedores. Neste sentido, as lógicas dominantes de um ecossistema empreendedor também compõem o escopo de elementos limítrofes dos mesmos. De acordo com o autor, em ecossistemas empreendedores, em diferentes níveis, ocorre a coexistência da lógica de mercado empreendedor e a lógica comunitária.

A lógica de mercado empreendedor tem relação com o desenvolvimento da atividade empreendedora como objetivo econômico. Neste sentido, o foco em inovação, novos modelos de negócios e exploração de novas oportunidades de mercado deve representar um conjunto de crenças e simbologias dentro do ecossistema. Esta lógica, quando enraizada no ecossistema, exerce papel sobre o comportamento dos indivíduos e leva a um comportamento empreendedor pela forma de intenção empreendedora, incorporação de novas formas de negócios, busca de financiamento de risco e aceitação ao fracasso. Já a lógica comunitária, atua com objetivo do bem-estar social dentro do ecossistema e do aumento de valor da região através da cooperação e do altruísmo. Neste contexto, a lógica comunitária no ecossistema empreendedor tem por objetivo a ajuda mútua orientada à sustentabilidade do ecossistema (ROUNDY, 2017).

De acordo com Roundy (2017), apesar das lógicas institucionais representarem a gênese e os elementos limítrofes do ecossistema, é necessário que os participantes do ecossistema sejam expostos a estas crenças e valores. Diante desta afirmação, o autor argumenta que as organizações de suporte híbrido ou organizações de apoio ao empreendedorismo exercem papel fundamental na manutenção das crenças e valores institucionalizados no ecossistema. Dentre estas organizações estão presentes as incubadoras, os aceleradores, as universidades e os centros de desenvolvimento de pequenas empresas. Estas organizações, normalmente de natureza jurídica sem fim lucrativo, tem o objetivo de fortalecer a atividade empreendedora por meio da manutenção da lógica institucional que sustenta o ecossistema. O autor ressalta que as organizações de apoio ao empreendedorismo ou de suporte híbridas desempenham suas atividades conforme determinada lógica dominante no ecossistema. Se a lógica dominante for a de mercado empreendedor, logo estas organizações irão infundir valores relacionados a mesma lógica e o mesmo acontece com a lógica comunitária. Neste contexto, a proposição do autor é de que ecossistemas empreendedores que apresentam diversidade de lógicas institucionalizadas apresentam maior diversidade de empreendimentos em relação a ecossistemas de lógicas únicas.

Brawn e Mason (2017) realizaram uma revisão da literatura com o objetivo de sistematizar um conceito de ecossistemas empreendedores que abarque a complexidade

demandada pela metáfora quando adotada para analisar o fenômeno do empreendedorismo. De acordo com os autores, o conceito de ecossistemas empreendedores representa a mais nova forma de lançar luz sobre forças aglomeradas que são capazes de gerar mudanças sociais. Divergente da discussão de sistemas de inovação que apresenta ênfase nas instituições, os ecossistemas empreendedores são pautados por regiões empreendedoras cujo o contexto representa um elemento mediador do sucesso empreendedor. Neste sentido, de acordo com os autores, estudar a temática de ecossistemas empreendedores, percorre o processo de explorar seus determinantes sociais, culturais, comportamentais, institucionais e biológicos.

É comum na temática de ecossistemas empreendedores o estudo das relações locais e interdependentes dentre os atores-chave como força motriz do empreendedorismo dado uma lógica espacial. Neste contexto, os ecossistemas empreendedores representam um conjunto de atores inter-relacionados com organizações, instituições e processos empreendedores que apresentam alianças formais e informais orientadas à governança do desempenho empresarial local cujo o empreendedorismo representa o resultado essencial do mesmo (BROWN; MASON, 2017).

De acordo com Brown e Mason (2017), uma das principais demandas da temática representa a desconstrução do mito de representatividade das *startups* como representantes essenciais e ecossistemas empreendedores. Neste sentido, os autores apresentam uma série de argumentos que enfatizam o papel de diferentes elementos ou atores-chave em ecossistemas empreendedores como os empreendedores, os empreendimentos, os provedores de recursos, o empreendedorismo de *blockbusters*, a reciclagem empreendedora, as organizações conectoras, os negociadores e a cultura empreendedora.

Com base nas características descritas acima, Brown e Mason (2017) apontam as principais críticas à adoção de ecossistemas como política pública. Em primeiro lugar, destacam a importância de observar que no instante em que formuladores abordam a temática do ecossistema os mesmos tratam, de forma errônea, das *startups*. Neste sentido, os candidatos a ecossistemas podem não abarcar a estrutura de elementos-chave para compor um ecossistema empreendedor, assim a política orientada ao ecossistema empreendedor deve focar os empreendimentos caracterizados pela busca de oportunidade de crescimento. Além disso, muitos ecossistemas impulsionados por políticas públicas são orientados apenas as empresas de base tecnológica e *spin-offs* universitários. Neste contexto, o ecossistema está alinhado a políticas de *clusters* ou ecossistemas de inovação, entretanto, este foco central na tecnologia pode não representar o contexto empreendedor da região. Assim, ecossistemas empreendedores

devem absorver as características industriais e agregar o conhecimento existente na região para compor um escopo de atuação cujo o resultado não necessariamente representa uma tecnologia ou inovação, mas o crescimento econômico acima do esperado e o bem-estar social. De acordo com os autores, estes ecossistemas baseados em tecnologia única ou nichos específicos de tecnologia são formulados e seguem os objetivos e crenças de elementos centrais e coordenadores do sistema como uma empresa-chave ou uma universidade afastando-se da lógica de ecossistema empreendedor.

De acordo com Spigel e Harrison (2017), a pesquisa em ecossistemas empreendedores apresenta tendências tipológicas e ateóricas. Neste sentido, os autores exploram elementos processuais que permeiam os ecossistemas empreendedores. A partir deste ponto de vista, os ecossistemas empreendedores são classificados como guarda-chuvas conceituais que agregam um conjunto de resultados de uma comunidade regional envolvida por empreendedores e apoiadores da atividade empreendedora. No intuito de demonstrar o que há de novo nesta perspectiva, os autores traçam as características das teorias de *clusters* industriais e sistemas regionais de inovação e demonstram como a carga conceitual de ecossistemas empreendedores tem origem nestas teorias ao passo que se difere das mesmas.

A teoria dos *clusters* industriais, de origem em Porter (1998), argumenta que existem forças externas à empresa, porém no espectro de uma região, que atuam como fonte de vantagem competitiva. Neste sentido, a competitividade de um mercado é mantida em razão das aglomerações empresariais que permitem movimentos de competição e cooperação. Além disso, os *clusters* industriais permitem a acumulação de conhecimento que pode ser compartilhado entre as empresas da referida aglomeração. De acordo com Spigel e Harrison (2017), ecossistemas empreendedores absorvem três elementos da teoria de *clusters*. Em primeiro lugar, a premissa de aglomeração em virtude da competição e cooperação. Em segundo lugar, a capacidade das empresas aproveitarem conhecimentos dos demais membros do ecossistema. Por fim, o processamento e criação de conhecimento cooperativo através da proximidade física.

A teoria de sistemas regionais de inovação procura debater elementos institucionais e políticos orientados à inovação sob a perspectiva da região. A região representa o fator limítrofe das atividades de inovação em termos de políticas públicas, a inovação representa a produção de conhecimento e reconfiguração de recursos em prol de oportunidades econômicas e o sistema representa o conglomerado de organizações e instituições que atuam de forma conjunta (COOKE; GOMEZ URANGA; ETXEBARRIA G*,* 1997). De acordo com Spigel e Harrisson

(2017), a teoria de ecossistemas empreendedores também se baseia em três premissas desta teoria. A primeira trata o papel das redes socialmente construídas para apoiar a atividade empreendedora. A segunda consiste no papel de organizações e instituições de apoio e promoção ao empreendedorismo. Por fim, o papel de políticas de criação e manutenção de ambientes favoráveis ao empreendedorismo e a inovação.

De acordo com Spigel e Harrisson (2017), a noção de ecossistemas empreendedores além de absorver premissas das teorias de *clusters* industriais e sistemas regionais de inovação procura enfrentar as fragilidades das mesmas em relação ao empreendedorismo. Neste contexto, o foco dos ecossistemas empreendedores está associado na análise e apoio de empreendimentos orientados ao crescimento invés de todas das empresas de uma região. Além disso, a análise é orientada ao acesso destes empreendimentos à recursos em detrimento da região, como capital intelectual e financeiro. Neste sentido, a presença das universidades em ecossistemas empreendedores é representada pelo nível de acesso e uso dos presentes recursos pelos empreendimentos orientados à crescimento da região. Outro ponto que os autores acrescentam é que o conhecimento abordado nas teorias de *cluster* e sistemas regionais de inovação é enriquecido, em ecossistemas empreendedores, pelo conhecimento acerca do processo de empreender. O apoio do estado, diante de políticas públicas, em ecossistemas empreendedores, é apresentado em termos das demandas dos empreendedores de modo a preconizar uma relação diferente entre estado e empreendedores. Neste contexto, políticas públicas de formação de capital intelectual, manutenção das redes de apoio e busca de financiamento representam iniciativas de políticas públicas em ecossistemas empreendedores.

A construção da literatura em ecossistemas empreendedores, de acordo com Stam (2015), apresenta uma concepção caótica. Neste sentido, os autores advertem que ocorre no tema uma representação tautológica dada na relação entre ecossistemas empreendedores fortes e empreendimentos de sucesso. Além disso, ocorre um exacerbado número de fatores e elementos constituintes de ecossistemas sem a presença de uma relação de causa e efeito e a confusão sobre o nível adequado de análise em termos geográficos. Neste contexto, Spigel e Harrisson (2017) propõem que a abordagem passe de uma concepção caótica para uma categoria analítica complexa através da abordagem de processos. Assim, ecossistemas empreendedores devem ser analisados diante dos níveis de recursos e processos de alocação e aquisição dos mesmos assim como a relação dos empreendedores e empreendimentos com tais recursos sob a lógica de distinção entre ecossistemas efetivos ou não. Nesta abordagem, de acordo com os autores, a análise atinge a complexidade por não definir o ecossistema apenas

pelo nível de novos empreendimentos, mas como um conjunto de processos e relações complexas dos mesmos com seu ambiente local.

A complexidade também foi tema de debate teórico do trabalho de Roundy, Bradshaw e Brockman (2018) que conceituam os ecossistemas empreendedores como sistemas adaptativos complexos. Nesta abordagem, o foco da análise reside nas interações complexas entre agentes, organizações e forças socioculturais. Os autores argumentam que, embora a abordagem sistêmica apresente evidências de que determinados sistemas operem em equilíbrio, existem sistemas que operam em constante ausência de equilíbrio. Portanto, a análise proposta pela teoria geral dos sistemas não é capaz de explica-los. Neste contexto, emerge a necessidade de analisar os sistemas como sistemas adaptativos complexos. De acordo com os autores, nesta lógica de análise, ecossistemas empreendedores representam uma comunidade auto organizada adaptativa, geograficamente limitada, composta por agentes complexos e múltiplas interações não lineares. Estas interações complexas traduzem a forma como novos empreendimentos surgem ou deixam de existir ao longo do tempo dentro desta comunidade.

De acordo com Roundy *et al* (2018), três forças são responsáveis pela emergência de um ecossistema empreendedor sob o espectro de sistemas adaptativos complexos: A intencionalidade e as tensões adaptativas dos empreendedores, a coerência das atividades empreendedoras e a injeção de recursos no ecossistema.

A intencionalidade e as tensões adaptativas dos empreendedores representam a primeira força. Neste contexto, emerge a necessidade de identificação de atores-chaves do sistema e os elementos que influenciam a cognição e o comportamento destes agentes. Apesar das pesquisas em empreendedorismo observarem de perto o empreendedor sob o espectro de suas crenças, valores e comportamentos, o ponto chave para a emergência de um ecossistema empreendedor é a intencionalidade dos mesmos. Neste sentido, a análise reside nas tendências de metas individuais existentes na cabeça dos empreendedores que contribuem para o entendimento dos objetivos gerais do ecossistema empreendedor e explicam a emergência do mesmo. As tensões adaptativas também emergem como a força motriz de novos empreendimentos por parte destes empreendedores. Neste contexto, uma força externa, como uma crise ou uma oportunidade de mercado, provoca tensões internas no ecossistema e por consequência altera sua configuração. Assim, quando empreendedores identificam oportunidades e ameaças, os mesmos demonstram intencionalidade ao redesenhar seus planos de modo que a falta de equilíbrio entre intenções e recursos geram oportunidades para o ecossistema e, por consequência, inovações (ROUNDY; *et al*, 2018).

A segunda força de emergência em ecossistemas empreendedores, de acordo com Roundy *et al* (2018), é a coerência da atividade empreendedora. De acordo com os autores, os agentes do ecossistema compartilham um conjunto comum de planos de ação e intenções empreendedoras que, além de forçar os mesmos ao envolvimento em um conjunto de atividades semelhantes, favorecem a criação de uma comunidade favorável aos negócios e homogênea as quais o resultado de um agente poderá impactar diretamente nos resultados de um outro agente como ocorre na relação entre incubadoras e incubados assim como empreendedores e investidores de risco. Além disso, de acordo com os autores, a coerência também pode ser explicada pelo compartilhamento de um conjunto de crenças, valores e um conjunto de regras sociais implícitas. Neste sentido, a coerência levará a emergência de um padrão de comportamento nas atividades empreendedoras e na tomada de decisão no ecossistema que, por consequência, facilitará o processo de interação sistêmica emergente em ecossistemas empreendedores.

Por fim, a terceira força motriz da emergência de ecossistemas empreendedores, de acordo com Roundy *et al* (2018), é a injeção de recursos. Neste sentido, os mesmos irão operar como parâmetros de controle. De acordo com os autores, uma injeção de recursos de investimento em um determinado nicho de mercado poderá instigar o interesse de inúmeros empreendedores interessados em exercer aquela atividade em instalar suas atividades em um determinado ecossistema. Além disso, as injeções de recursos representam fonte de coerência entre os agentes do ecossistema de modo que os empreendedores, orientados a atividades semelhantes em razão do recurso, podem desenvolver um ambiente coeso com regras implícitas que balizarão a atuação dos mesmos.

Em síntese, Roundy *et al* (2018) dissertam acerca da coalescência do ecossistema empreendedor sob a lógica de sistemas adaptativos complexos. Os autores argumentam que os empreendedores de uma determinada região realizam suas atividades conforme suas intencionalidades e tensões adaptativas sem a noção da existência de uma economia ecossistêmica. Com o advento da injeção contínua de recursos, ações coordenadas orientadas à economia do ecossistema passam a fazer parte da rotina destes empreendedores que desenvolvem, de forma natural, um ecossistema empreendedor com certo grau de coerência. De acordo com os autores, este comportamento também passa a ser replicado por outros agentes até formar a base de comportamentos, crenças e valores sociais do ecossistema de modo que quanto maiores os estímulos a ações coordenadas, maior será o nível de coerência do ecossistema e maiores serão as evidências de atividades empreendedoras ecossistêmicas.

Autio *et al* (2018) constroem o conceito de ecossistemas empreendedores sob o prisma de aglomerações organizacionais, similares a lógica de *clusters*, que se especializam no aproveitamento de recursos tecnológicos em combinação com recursos espaciais para gerar inovação nos modelos de negócios. Estas atividades têm por objetivo global a descoberta e exploração de oportunidades empreendedoras. Os recursos espaciais são representados pelos *spillovers* de conhecimento, *drivers* de oportunidades empreendedoras, oportunidade em *lócus*, papel dos empreendedores locais e estrutura de promoção ao empreendedorismo. De acordo com os autores, um elemento que difere ecossistemas empreendedores da lógica de *clusters* tradicional é a digitalização. A digitalização cria recursos para o ecossistema como o desacoplamento entre forma e função, a desintermediação e a generatividade, que exercem efeito sobre as organizações econômicas e impulsionam a inovação no modelo de negócios para descoberta de oportunidades empreendedoras.

Audretsch *et al* (2019) apresentam um ensaio teórico acerca das contribuições da metáfora de ecossistemas, sob perspectiva dos *Oikós*, para a pesquisa em empreendedorismo. Neste contexto, os autores argumentam que os ecossistemas empreendedores podem ser observados sob o ponto de vista dos impactos econômicos, sociais e tecnológicos. De acordo com os autores, o ecossistema empreendedor surge na literatura como tentativas organizadas de estabelecer um ambiente de negócios que busquem o crescimento econômico de uma determinada região. Neste sentido, a tentativa de abordar o empreendedorismo sob a lógica da metáfora de ecossistemas tem por objetivo, de acordo com os autores, não apenas analisar os atores que configuram a cadeia de valor gerada pela rede, mas todos os fatores contextuais atrelados ao movimento da atividade empreendedora de uma determinada região.

De acordo com Audretsch *et al* (2019), a literatura de ecossistemas empreendedores enfrenta a dificuldade da escassez de definição. Neste sentido, não se tem a certeza dos elementos que compõem o ecossistema empreendedor de modo que ele pode ser caracterizado pelo fim econômico, como ecossistema de inovação, por sua rede de atores, como ecossistemas empreendedores, sob a perspectiva de uma empresa mãe, como ecossistemas de negócios, ou por seus limites, como ecossistema nacional. De acordo com os autores, a metáfora do ecossistema empreendedor foi desenvolvida com objetivo de analisar o contexto ambiental e as relações do mesmo com a atividade empreendedora de uma determinada região e caracterizar o fenômeno do empreendedorismo.

Para realizar um debate profundo acerca da metáfora do ecossistema empreendedor, Audretsch *et al* (2019) retomam a discussão de ecossistema feita por Hesiod (700 a. C.) para

descrever a alocação de recursos nas famílias da Grécia Antiga. De acordo com os autores, as famílias, chamadas de *Oikós*, representavam uma unidade econômica básica da sociedade. A presente atividade envolvia pessoas, recursos, bens e diversas atividades realizadas sob um governo. De acordo com os autores, um *Oikós* bem desenvolvido aloca em recursos em prol do crescimento e criação de valores econômicos, sociais e tecnológicos e servem como base para a discussão em ecossistemas empreendedores que devem também ser observados acerca dos impactos sociais, econômicos e tecnológicos.

A noção de ecossistema empreendedor, de acordo com Stam e van de Ven (2021), consiste em uma abordagem de compreensão contextual relacionada ao fenômeno do empreendedorismo em uma determinada comunidade que engloba atores e fatores que afetam a atividade empreendedora. Neste sentido, a abordagem representa uma mudança de perspectiva na área do empreendedorismo, até então voltada para características individuais dos sujeitos empreendedores, para a perspectiva coletiva e contextual de modo a englobar forças sociais, econômicas e culturais na análise da atividade empreendedora.

Apesar de difundido pela literatura, a abordagem apresenta caracterizações problemáticas e demanda de maior construção teórica e empírica para sanar questões tautológicas relacionadas ao conceito. Neste contexto, ecossistemas empreendedores tendem a ser identificados pela literatura como sistemas que produzem empreendedorismo de sucesso de modo que se há empreendedorismo de sucesso, então existe um ecossistema empreendedor. Esta definição tautológica pouco contribui para a prática e proposições de políticas públicas orientadas a promoção da atividade empreendedora. Além disso, diversos fatores são adotados para caracterizar um ecossistema empreendedor e pouco se conhece acerca das relações de causa e efeito dos mesmos na atividade empreendedora. Uma parte da literatura também considera como ecossistema empreendedor um aglomerado de *startups* e *scaleups* que geram inovações, crescimento, produtividade e renda deixando de lado as demais estruturas relacionadas à atividade empreendedora (STAM; VAN DE VEN, 2021).

De acordo com Stam e van de Ven (2021), um ecossistema em evolução é representado por um sistema de empreendedores e firmas-chave que exercem as operações necessária para a existência de atividade empreendedora em um determinado território. Além disso, ecossistemas empreendedores apresentam como resultado o empreendedorismo produtivo, que se refere a atividade que produza crescimento econômico e bem-estar agregado.

Por fim, sob a ótica de empreendedorismo internacional, Ratten (2020) aborda o ecossistema empreendedor como um esquema conceitual sistêmico composto por elementos do

empreendedorismo, interações entre organizações, relações políticas e fatores contextuais. Neste sentido, abordagens ecossistêmicas, de acordo com a autora, incorporam questões culturais, econômicas, sociais e políticas para analisar como o empreendedorismo ocorre em uma determinada sociedade de modo que aborda as organizações e seus parceiros de negócios, a trajetória do desenvolvimento das interações entre empreendedores, influências políticas e relações de poder no ecossistema, desenvolvimento e sustentabilidade do ecossistema e suas implicações sociais.

Ratten (2020) argumenta que a pesquisa em torno de ecossistemas empreendedores apresenta fragilidades conceituais e características ateóricas. Neste sentido, o uso de teorias organizacionais como a teoria de sistemas, dependência de recursos e instituições assim como teorias da estratégia como os *clusters*, visão baseada em recursos e a competitividade aparecem envolvidas nas discussões da abordagem ecossistêmica. Além disso, a autora argumenta que ocorre a escassez de dados empíricos acerca de diversos objetos de estudo do campo do empreendedorismo como a ética dos empreendedores, comportamentos emocionais, mapeamento dos processos dentro do ecossistema e o papel da colaboração. Por fim, a autora argumenta que não existe uma teoria única para argumentar em ecossistemas empreendedores e o campo demanda de um desenvolvimento de teoria.

Em razão da melhor exposição dos conceitos e argumentos teóricos estabelecidos até o presente momento, o quadro 1 foi elaborado para representar uma síntese conceitual de ecossistemas empreendedores com base nos autores mais citados e mais produtivos da temática a fim de contribuir para o entendimento do posicionamento teórico adotado nesta dissertação.

Quadro 1 – Abordagem conceitual

Referência	**Definição**
Isenberg (2016)	É caracterizado pela causalidade multidirecional e alta ordem de interações objetivadas ao avanço do empreendedorismo que deve ser caracterizado como um crescimento acima das condições que o mercado promove. Apresentam características regionais e são organizados de forma descentralizada com múltiplas formas de intenção e diversos meios de satisfazer as necessidades dos elementos bióticos e abióticos envolvidos. O ecossistema se organiza e se sustenta porque satisfaz as necessidades de seus elementos constituintes.
Acs *et al* (2017)	O conceito de ecossistema empreendedor diferencia-se do desenvolvimento regional e da organização industrial Porteriana pelo foco na criação de valor por parte do empreendedor individual, limitados por uma cidade ou região e existente através de

	uma complexa combinação de esforços públicos e privados. Pode ser identificado pela presença de pequenas empresas de alto valor, como as *startups* unicórnios.
Roundy (2017)	Sistemas delimitados por forças culturais e geográficas que apresentam um conjunto inter-relacionado de atores e forças que concentram foco e desenvolvem a atividade empreendedora. Compreendem alto número de atividades empresariais, acadêmicos e formuladores de políticas públicas. O ecossistema empreendedor engloba conjunto de atributos empresariais e comunitários que auxiliam a competitividade e a busca por oportunidades.
Brown e Mason (2017)	Áreas voltadas para um número relativamente modesto de empreendedorismo orientadas para o crescimento econômico envolvidos por uma lógica espacial e um nível de atividade relacional. A análise do ecossistema é orientada para empreendedores e empreendimento. Podem ser classificados de acordo com uma tipologia dicotômica de ecossistemas embrionários e ecossistemas de escala.
Spigel e Harrison (2017)	Um guarda-chuva conceitual que engloba benefícios e recursos produzidos por uma comunidade, geograficamente delimitada, dos quais fazem parte empreendedores, instituições de apoio e empreendimentos interessados no crescimento econômico e na exploração de oportunidades com base na relação entre o processo do empreendedorismo e os fatores contextuais locais.
Roundy, Bradshaw e Brockman (2018)	Sistemas adaptativos complexos os quais a ordem emerge de ações descoordenadas e semiautônomas dos agentes individuais. Ecossistemas empreendedores emergem das micro intenções de seus agentes individuais e são caracterizados pela auto-organização onde não ocorre a liderança de um agente ou organização, apesar das configurações de poder serem divergentes. Apresentam fronteiras abertas, porém limitadas por contextos geográficos e socioculturais. As dinâmicas apresentam-se de forma não linear com loops de feedback e interações complexas de vários níveis.
Autio *et al* (2018)	Um fenômeno da economia digital que concentra forças em um tipo distinto de comunidade de partes interessadas que aproveita recursos tecnológicos em combinação com recursos espaciais com objetivo de buscar de forma constante a expansão de oportunidades empreendedoras, em múltiplos setores da economia, através da inovação do modelo de negócios. Facilitam uma base de conhecimento compartilhada relacionada a um processo de negócio genérico e não a uma base tecnológica ou setor específico.
Audretsch *et al* (2019)	Uma metáfora adotada pela literatura de negócios para analisar um tipo especial de rede e suas externalidades. Englobam um espaço geográfico específico e limitado onde as empresas competem e cooperam baseados em compartilhamento de recursos, difusão de conhecimento, apoio governamental e todos os atores envolvidos na cadeia de valor em busca de impacto econômico, social e tecnológico.
Stam e Van de Ven (2021)	Reside nas relações sistêmicas de todos os elementos necessários para sustentar o empreendedorismo, independente de setores econômicos, em um determinado

	território. O empreendedorismo é sustentado pela constante busca por oportunidades orientadas ao crescimento econômico da região.
Ratten (2020)	A teoria de ecossistemas empreendedores envolve a construção de relacionamentos entre agentes e teorias. Envolvem considerações culturais, econômicas, sociais e políticas na visão de como os atores e organizações interagem. As previsões envolvem como a teoria do ecossistema empreendedor pode ser usada de novas maneiras da prática. As limitações de domínio são dadas pelo contexto geográfico.

Fonte: Autor (2021).

Diante da discussão teórica apresentada e da síntese conceitual expressa pelo quadro 1, a presente dissertação será norteada pela seguinte definição de um ecossistema empreendedor: Um guarda-chuva conceitual (SPIGEL; HARRISON, 2017) que comporta a análise de um sistema, delimitado por forças culturais e geográficas, permeado por um conjunto de atores e forças inter-relacionadas, orientados à atividade empreendedora (ROUNDY, 2017), representados por alianças formais e informais que tem por objetivo a governança do desempenho empresarial local (BROWN; MASON, 2017). Estas interações traduzem a forma como novos empreendimentos surgem ou deixam de existir ao longo do tempo dentro desta comunidade (ROUNDY; BRADSHAW; BROCKMAN, 2018) que se especializa no aproveitamento de recursos tecnológicos em combinação com recursos espaciais para gerar inovação nos modelos de negócios. Tem por objetivo analisar todos os fatores contextuais atrelados ao desenvolvimento da atividade empreendedora de uma determinada região (AUTIO *et al*, 2018; AUDRETSCH *et al*, 2019) que podem ser traduzidos em fatores culturais, econômicos, sociais e políticos (RATTEN, 2020).

2. 3 Modelos teóricos

No intuito de desenvolver um arcabouço empírico da dissertação, este tópico aborda dois modelos objetivados a análise de ecossistemas empreendedores. Neste sentido, é apresentado o modelo de Stam (2015) que aborda ecossistemas empreendedores sob o aspecto de elementos, produtos e resultados bem como a taxonomia de Brown e Mason (2017) que aborda o ecossistema sob a análise do seu estágio de evolução.

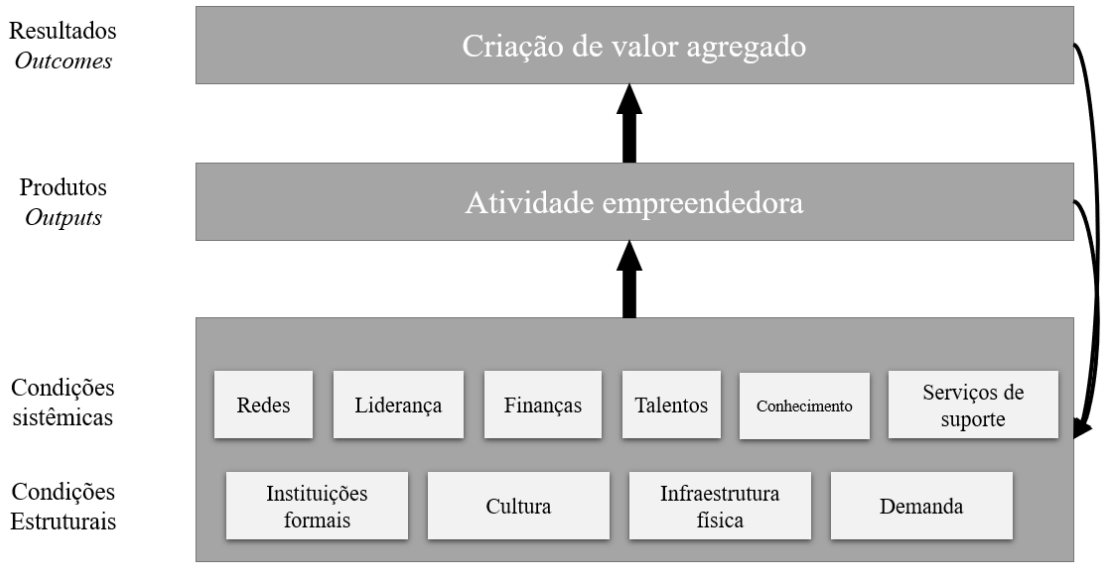
2. 3. 1 O modelo de elementos, produtos e resultados de Stam

A abordagem de ecossistemas empreendedores, de acordo com Stam (2015), tem em sua origem um direcionamento de literatura popular de apoio aos praticantes do empreendedorismo. Neste contexto, a base de evidências pelo qual acadêmicos se debruçam

para realizar suas análises ainda está em fase de desenvolvimento. Além disso, as características tautológicas da abordagem, a longa lista de fatores relevantes e falta de definição quanto ao nível de análise corroboram para um crescimento em larga escala com a ausência de coordenação nas análises conduzidas no tema.

Stam (2015) propõe uma síntese construtiva de uma visão integrada dos fatores e aspectos caracterizadores de um ecossistema empreendedor com a contrapartida de quatro camadas ontológicas e fontes causais para os elementos destacados da literatura que, até então, carecia de uma relação de causa e efeito entre os atributos de ecossistemas empreendedores (figura 1).

Figura 1 - Elementos, produtos e resultados do ecossistema empreendedor



Fonte: Stam (2015, tradução própria)

De acordo com o modelo de Stam (2015), a profundidade causal do ecossistema empreendedor é dada sob a forma de causa ascendente e causa descendente. A causa ascendente explica como as condições sistêmicas e estruturais dão origem a atividade empreendedora do ecossistema que tem como resultado a criação de valor agregado para o mesmo e para a sociedade o qual está inserido. Já a causa descendente explica como este valor agregado criado realimenta as condições sistêmicas e estruturais do ecossistema.

As condições estruturais, de acordo com o modelo de Stam (2015), são expressas por condições sociais e físicas que afetam as relações humanas no ecossistema. Além disso, as demandas ou necessidades de mercado a serem exploradas também são necessárias para

estruturar o ecossistema. De acordo com o autor, estas condições estruturais representam a causa da criação de valor e emergência do ecossistema. As condições estruturais são expressas pelas instituições formais, pela cultura empreendedora, pela infraestrutura física do ecossistema e a demanda por produtos e serviços. Entretanto, de acordo com o autor, as condições estruturais levam a atividade empreendedora por causa de uma série de condições sistêmicas.

As condições sistêmicas são os elementos centrais para que o ecossistema funcione de fato como um sistema alimentado por atores-chave orientados à atividade empreendedora. As redes de empreendedores atuam como fluxo de informações, trabalho e capital para o desenvolvimento da atividade empreendedora. A liderança exerce o papel de estabelecer direção e declarar papeis críticos no ecossistema orientados a manutenção e o desenvolvimento do mesmo. Além disso, é necessário o acesso à financiamento pela rede de empreendedores através de capital de risco e especialistas empreendedorismo aptos a financiar ambientes incertos em prol da exploração da oportunidade de mercado. Também é importante a oferta de trabalhadores talentosos, dispostos a trabalhar no ambiente empreendedor para servir como fonte de elaboração e troca de conhecimento no ecossistema. Esses trabalhadores, dispostos e comprometidos com o ecossistema, podem ter origem tanto em instituições públicas quanto privadas. Por fim, o financiamento de serviços de suporte através de instituições intermediárias orientadas a diminuição das diversas fontes de barreiras de entrada a novos empreendimentos, produtos e serviços (STAM, 2015).

Devido ao ecossistema empreendedor ter como produto final a criação de valor agregado e o bem-estar social, a atividade empreendedora é vista como um produto intermediário no modelo de Stam (2015). O autor considera a atividade empreendedora como um processo onde as pessoas trabalham oportunidades de inovação no modelo de negócios. Neste sentido, o autor exemplifica a atividade empreendedora como a criação de *startups* inovadoras, *startups* de alto crescimento ou *scale-ups*, funcionários empreendedores e até negócios que não obtiveram sucesso, porém abrem as portas para novas tentativas de empreendimentos, chamados de empreendimentos catalisadores. A criação de valor agregado, de acordo com Stam (2015), representa uma atividade empreendedora ou empreendedorismo produtivo o qual o ganho social gerado pela atividade empresarial coletiva é maior que a soma do valor gerado pela atividade empresarial individual.

Mais tarde, com objetivos mais amplos acerca de como as economias funcionam, Stam e Van de ven (2019) realizaram um estudo acerca dos elementos dos ecossistemas empreendedores holandeses baseados no modelo de Stam (2015). De acordo com os autores, o

objetivo do trabalho não é prever como as economias funcionam, mas compreender como o empreendedorismo funciona através das interdependências dos elementos expressos no modelo. Neste sentido, um modelo quantitativo foi elaborado pare mensurar a interdependência entre os elementos do modelo de Stam (2015).

De acordo com Stam e Van de ven (2021), existem fortes evidências de que os elementos de um ecossistema são interdependentes e co-evoluem de acordo com a região. Esta interdependência aparece forma mais evidente quando os elementos estão dispostos em *clusters*. Neste sentido, os talentos, serviços de suporte e cultura empreendedora representam o primeiro grupo de elementos. O segundo grupo de elementos é composto pela liderança e pelo conhecimento. Já o terceiro grupo é composto pelos elementos de infraestrutura física e demanda. Além disso, os autores encontram divergências nas correlações quando imposta a análise dos elementos ao longo dos anos demonstrando uma forte dependência da trajetória da região.

Stam e Van de vem (2021) também analisam a causa ascendente do modelo. Neste contexto, encontram fortes evidências de que os 10 elementos do ecossistema empreendedor estão fortemente relacionados à atividade empreendedora subsequente. Do ponto de vista da causa descendentes foram encontradas pelos autores algumas relações positivas de *feedback*. Entretanto, os autores atentam que o processo de análise dos dados foi realizado em um conjunto com escopo de 3 anos. Neste sentido, os efeitos de *feedback* podem ser observados de forma crua e parcial e mais pesquisas de campo precisam ser conduzidas.

2. 3. 2 Taxonomia de Brown e Mason

Uma forma de propor avanços teóricos acerca de novos conceitos, de acordo com Brown e Mason (2017), consiste no desenvolvimento de taxonomias. Neste contexto, os autores propõem uma classificação preliminar para ecossistemas empreendedores. O modelo consiste em uma classificação dicotômica que diferencia ecossistemas nascentes de ecossistemas de escala ou *scale-ups* (quadro 2). Os autores ressaltam que todo ecossistema pode ser considerado único, porém os mesmos possuem certo grau de semelhança que pode ser levado em consideração para compor um instrumento de caracterização.

Quadro 2 - Taxonomia básica de ecossistemas empreendedores

Dinâmica do ecossistema	**Ecossistema embrionário**	**Ecossistema de escala**
Atores dominantes	Número limitado de *startups*. As firmas estabelecidas são o alicerce	Grande número de *startups* orientadas para o crescimento. Um

	da economia local e frequentemente conduzem o processo de *startup*.	grande número de empresas ambiciosas de crescimento rápido (por exemplo, HGFs). As *startups* unicórnios dominam em presença, gerando novas empresas.
Natureza das interações no ecossistema	Interações limitadas dentro do ecossistema. Fracas interações verticais entre *startups*, empresas maiores e fontes de capital de crescimento.	Fortes níveis de interação em *startups*. Grandes empresas de rápido crescimento configuram fortemente a arquitetura do ecossistema. Fortes redes verticais entre atores.
Níveis de orientação empreendedora	Baixo. As startups se concentram em saídas precoces e / ou prematuras. Firmas de alto crescimento são frequentemente adquiridos por multinacionais estrangeiras.	Alto. Forte crescimento - foco na geração de novas firmas *'blockbuster'* (por exemplo, ofertas públicas iniciais).
Importância do papel dos negociadores	Um número limitado de negociadores tende a dominar a maioria dos negócios importantes focados em setores únicos.	Grande número de negociadores com forte conectividade inter-regional e intersetorial.
Fluidez e diversidade de atores no ecossistema	Predominância de empresários com domicílio local, baixos níveis de 'empresários transnacionais'.	Um grande número de empresários não é nativo, a imigração de 'empresários transnacionais' é alta.
Nível de empreendedorismo de *blockbuster*	Limitados, mas às vezes empreendedorismo de "*blockbusters*" ocorre.	Os "blockbusters" frequentes levam a um processo cumulativo que gera um ciclo virtuoso de 'eventos' de grande sucesso.
Natureza da reciclagem empreendedora	Pequeno número de grandes 'saídas' de mercado. Baixos níveis de reciclagem empresarial, mas limitados a pequenos projetos. Número limitado de anjos, principalmente sindicalizados e co-investimento com fontes governamentais de capital de risco.	Grande número de 'saídas' de *blockbuster*. Níveis substanciais de reciclagem e aprendizagem experiencial para empreendedores em série. Grande número de indivíduos de alto valor líquido que se tornam anjos.
Dinâmica espacial	Principalmente focado de forma local com algumas conexões com outras interações nacionais para	Fortes interações locais, nacionais e globais. Os recursos são extraídos

	financiamento, capital humano e inovação.	de uma miríade de diferentes fontes e atores.
Importância e foco de políticas públicas	Papel forte para a política, normalmente se concentra no aumento de recursos (especialmente financiamento) para novas empresas de base tecnológica.	Papel limitado para a política, muitas iniciativas são lideradas pela indústria e se concentram na construção de conectividade de rede vertical em todo o ecossistema.

Fonte: Brown e Mason (2017, tradução própria).

Os atores dominantes ou atores empreendedores, de acordo com Brown e Mason (2017) representam o elemento central da abordagem de ecossistemas empreendedores. Entretanto, a literatura de ecossistemas empreendedores tende a observar os responsáveis pelos empreendimentos ou os empreendedores apenas como os sujeitos destes processos (ISENBERG, 2011; STAM, 2015). Os atores dominantes consistem em todos os atores vinculados ao processo da atividade empreendedora da região. Neste sentido, estão representados tanto pelos empreendedores quanto pelos sujeitos envolvidos nas demais estruturas de apoio ao empreendedorismo e da economia local em contextos mais amplos (BROWN; MASON, 2017).

A natureza das interações no ecossistema se dá pelas redes estabelecidas entre os atores-chave. As redes auxiliam ecossistemas empreendedores nascentes na distribuição dos recursos escassos entre os novos empreendimentos. Já em ecossistemas de escala, as redes proporcionam heterogeneidade de investimentos e gestão do conhecimento bem como compartilhamento de cultura empreendedora e uso de novas tecnologias. Além disso, ecossistemas estão inseridos em um contexto complexo e situado que envolvem relações sociais e culturais que permitem que a interação no ecossistema tenha um papel significativo (BROWN; MASON, 2017).

A orientação empreendedora advém de elementos da cultura empreendedora. De acordo com Isenberg (2011), a cultura empreendedora sob a forma de normas sociais pré-estabelecidas que favorecem a atividade empreendedora representa um dos pilares de ecossistemas empreendedores. Brown e Mason (2017) argumentam que a cultura empreendedora pode se manifestar nas organizações de eventos de suporte ao pensamento empreendedor. Além disso, em ecossistemas os quais as atitudes empreendedoras são pouco valorizadas, as aspirações dos indivíduos em empreender pode ser inibida. Também faz parte da cultura empreendedora, de acordo com Isenberg (2011), a aceitabilidade do fracasso como elemento de aprendizagem para

o ecossistema bem como oportunidade de empreendimentos futuros diante da saída de um empreendimento descontinuado.

De acordo com Brown e Mason (2017), o financiamento representa um elemento de apoio crucial para o sucesso de ecossistemas empreendedores. O nível de financiamento existente em um ecossistema empreendedor pode definir os limites de alcance do empreendedorismo de escala que o mesmo resulta. Em ecossistemas empreendedores nascentes, de acordo com os autores, as fontes de financiamento são limitadas, normalmente realizadas através de políticas públicas e através de programas de crédito organizados pelos bancos para pequenas empresas. Já em ecossistemas de escala, os financiamentos ocorrem por uma ampla gama de agentes interconectados compromissados com o desenvolvimento do ecossistema.

Os negociadores, de acordo com Brown e Mason (2017), representam indivíduos com um capital social valioso para o ecossistema empreendedor. Neste sentido, representam membros intermediários para o acesso aos recursos demandados pelos demais membros do ecossistema. Os autores argumentam que a agencia realizada por estes indivíduos os coloca como elementos importantes dentro de um ecossistema, visto que possuem algum compromisso com a região e normalmente são ex-empresários interessados no estímulo da economia local. Além disso, os negociadores podem atuar como intermediários no processo de compra e venda de empreendimentos do ecossistema bem como realizar a publicidade do ecossistema para que novas empresas e financiadores tenham interesse pelo mesmo.

O empreendedorismo de *blockbuster* representa empresas jovens que, com pouco tempo de mercado, alcançaram um determinado patamar de sucesso (BROWN; MASON, 2017). De acordo com Isenberg (2011), um número pequeno de sucessos empresariais é suficiente para qualificar um ecossistema empreendedor e usufruir de benefícios oriundos do mesmo. Neste contexto, empresas que crescem no ecossistema representam oportunidades para atrair mais empreendedorismo para uma determinada região. De acordo com Brown e Mason (2017), estes empreendimentos de escala estão associados pela literatura a indústria de *software* e tecnologia. Entretanto, em ecossistemas não voltados para esta indústria podem ocorrer casos de pequenos empreendimentos voltados para o consumo crescerem de forma rápida.

A reciclagem empreendedora, também chamada por Bahrami e Evans (1995) de reciclagem flexível, representam o efeito cumulativo que o empreendedorismo tem sobre os agentes do ecossistema empreendedor. A reciclagem empreendedora consiste no movimento de reconfiguração do empreendedorismo o qual empresários que vendem seus

empreendimentos ou empreendimentos que foram encerrados germinam o ecossistema para o surgimento de novos empreendimentos. Neste contexto, estão inseridos empreendedores em série, sócios que desfazem parcerias empresariais e lançam *spin-offs* e até empreendedores que não obtiveram sucesso e aproveitam recursos para iniciar um novo empreendimento (BROWN; MASON, 2017).

Por fim, as políticas públicas, de acordo com Brown e Mason (2017), representam instrumentos de apoio e desenvolvimento de ecossistemas que podem aparecer sob a forma de financiamento público, apoio a cultura empreendedora e acesso a redes de investidores. De acordo com os autores, diversos órgãos como a Organização para a cooperação e desenvolvimento econômico (OCDE) vêm apresentando políticas e diretrizes para o aprimoramento de economias empreendedoras com base no conceito de ecossistema empreendedor. Entretanto, os autores atentam para três elementos críticos destas políticas públicas. Em primeiro lugar, ocorre a monocultura da *startup*. Neste sentido, inúmeros elaboradores de políticas públicas ao apoiar o empreendedorismo observam ecossistemas empreendedores apenas pelo espectro das *startups* e acabam por ignorar as demais formas organizacionais que pertencem ao ecossistema. Segundo, uma ênfase no investimento em tecnologia como fonte única de empreendedorismo, em especial as tecnologias derivadas das universidades (BROWN; MASON, 2014). De acordo com Brown e Mason (2017), esta ênfase em tecnologia pode não corresponder com a indústria o qual o ecossistema está inserido e políticas públicas voltadas para este escopo podem deixar de abarcar as verdadeiras oportunidades exploradas pelo ecossistema. Por fim, o terceiro elemento crítico reside na interferência proposta por um único ator, seja por intermédio de uma grande empresa ou de uma universidade as intervenções por políticas públicas se apresentam com foco em um determinado ator da rede e não sob o ecossistema em linhas gerais (BROWN, MASON, 2017).

O modelo apresentado, de acordo com Brown e Mason (2017), representa um modelo genérico e preliminar para analisar ecossistemas empreendedores. Neste contexto, os autores atentam que a característica dicotômica do modelo pode implicar em problemas de análise de modo que ecossistemas híbridos entre as características de um ecossistema nascente e de escala podem surgir ao longo da análise.

2. 4 Atores-chave em ecossistemas empreendedores

O empreendedorismo, de acordo com Stam e van de Vem (2021), é representado por um movimento coletivo o qual não apenas o comportamento dos empreendedores individuais

é importante, mas também o exercício de papéis-chave distribuídos entre os setores público e privado para propor e manter uma infraestrutura capaz de promover o empreendedorismo em uma determinada região. Os atores empreendedores representam peças fundamentais na abordagem de ecossistemas empreendedores. De acordo com Brown e Mason (2017), a relevância dada para os atores-chave no processo do empreendedorismo em uma determinada região representa a característica que difere as abordagens de ecossistema de empreendedorismo e ecossistema de inovação. Além disso, a abordagem de ecossistemas empreendedores, de acordo com Spigel e Harrison (2017), apresenta como premissa que os atores envolvidos em um ecossistema empreendedor não podem ser representados por todos os atores e empresas, mas sim por aqueles engajados na atividade empreendedora focada em crescimento de impacto na região.

No portfólio bibliométrico apresentado no início do presente referencial teórico, foram identificados 57 artigos que discutem como um grupo de organizações, instituições, pessoas e regiões se organizam em torno do ecossistema empreendedor. Neste contexto, o quadro 3 foi elaborado para expressar os principais atores-chave presentes na literatura bem como os estudos que os contemplam.

Quadro 3 - Atores-chave em ecossistemas empreendedores

Ator-chave	**Exemplos**	**Papel no ecossistema**	**Referência**
Associações	Associações de empreendedores; centros de empreendedorismo; aceleradores de empresas	Exercem papel intermediário no empreendedorismo de modo a aprimorar a experiência empreendedora, garantir o compromisso com o ecossistema e validar os empreendimentos. Além disso, criam adicionalidade ao ecossistema ao conectar atores-chave e engajar a cooperação.	Goswami *et al* (2018).
Empresas consolidadas	Multinacionais (MNEs); Empresas familiares;	Os *spillovers* de conhecimento engajados por empresas consolidadas podem, com a dependência da capacidade de absorção do ecossistema, contribuir com o desenvolvimento da atividade empreendedora de uma região. A empresa familiar pode, em alguns casos, incentivar uma cultura empreendedora com base nos fatores sociais que moldam a atividade empreendedora.	Bhawe e Zahra (2019); Bichler *et al* (2021).
Financiadores	*Fintechs*; Bancos; Cooperativas de crédito; Investidores;	As *fintechs* impulsionam a inovação em serviços financeiros e auxiliam startups no desenvolvimento do empreendedorismo bem como afetam, com suas inovações, o sistema bancário e a concorrência do setor como um todo, alterando as formas o qual o financiamento é concedido. Já as cooperativas de crédito locais, auxiliam na transformação de *spin-offs* acadêmicas em empreendimentos, moderados	Berman *et al* (2021); Ghio *et al* (2019).

		pelo nível de comportamento de oportunidade dos cidadãos de uma região;	
Incubadoras	Incubadoras universitárias e empresariais	As incubadoras afetam a intenção empreendedora de uma determinada região, ao observar a oferta do serviço de incubação, empreendedores são encorajados a dar início em seus planos de negócios; incubadoras representam intermediários de programas de financiamento orientados à promoção do empreendedorismo, facilitando a construção de redes e pontes entre atores.	Guerrero *et al* (2017)
Cidadãos	Consumidores; Trabalhadores	Boa parte dos cidadãos de uma região exercem o papel de consumidores, geradores da demanda dos produtos e serviços ofertados pelo ecossistema empreendedor. Oferecem ao ecossistema um potencial de acesso as oportunidades de mercado. Os trabalhadores munidos de um espectro de qualificações e comportamentos empreendedores são descritos como recursos estratégicos em ecossistemas empreendedores;	Roundy (2018); Stam (2015).
Governo	Políticos	O governo participa na promoção do bem-estar agregado, tem interesse no crescimento econômico e atua em diversos fatores contextuais que impactam a atividade empreendedora, atuam na condição de manutenção da cultura empreendedora e tem interesse nos números da atividade empreendedora da região como vitrine de resultados da gestão pública.	Stam e van de Vem (2021)
Empreendedores	Individuais; incubados;	Os empreendedores moldam as características do ecossistema empreendedor bem como diferentes tipos de ecossistemas formam diferentes tipos de empreendedores; as crenças e percepções dos empreendedores impactam diretamente na forma o qual o ecossistema empreendedor se desenvolve.	Muldoon *et al* (2018); Scheidgen (2021);
Universidades	Públicas; Privadas; Empresariais;	As universidades empreendedoras expandem suas atividades de ensino e pesquisa para atender as necessidades econômicas e sociais da região de inserção; o papel das universidades em ecossistemas empreendedores é limitado por uma série de fatores institucionais;	Nkusi *et al* (2020)
Spin-offs de pesquisa	Empresas baseadas em resultados de pesquisas;	Apresentam o papel de transformar ideias de negócios que emergem de pesquisas acadêmicas em empreendimentos de crescimento; no geral, reduzem os riscos do fracasso no instante que o desenvolvimento científico da ideia se consolida no estágio de pesquisa;	Schillo (2018)

Fonte: Elaborado pelo autor.

Como pode ser observado no quadro 3, diversos atores interdependentes constituem um ecossistema empreendedor. Entretanto, os estudos levantados apresentam o papel de um determinado ator-chave de forma isolada. Assim, emerge a necessidade de estudar o ecossistema empreendedor do ponto de vista da integração de todos os atores-chave. Neste

sentido, este trabalho entenderá como ator-chave pessoas que, de alguma forma, estão interessadas e contribuem para a governança da atividade empreendedora da região (STAM, 2015; SPIGEL, 2017).

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

No presente capítulo da dissertação serão apresentados os aspectos metodológicos da pesquisa. Neste sentido, foram organizados 8 subcapítulos, a saber: (i) a caracterização da pesquisa; (ii) a estratégia de pesquisa escolhida pelo pesquisador para a condução da mesma; (iii) a caracterização do caso a ser estudado; (iv) o processo de revisão da literatura adotado para compor o referencial teórico; (v) os processos de coleta dos dados; (vi) os processos de tratamento e análise dos dados; (vii) os critérios de triangulação, validação e confiabilidade dos dados e (viii) uma figura síntese do método executado.

3. 1 Caracterização da pesquisa

A pesquisa representa um processo formal desenvolvido através do método científico que tem por objetivo apresentar, através do emprego de técnicas científicas, respostas para as problemáticas que emanam da prática ou da teoria. As pesquisas são classificadas quanto aos seus fins ou natureza, objetivos, abordagens e procedimentos técnicos (GIL, 2008).

A natureza da pesquisa é **aplicada**, pois tem como premissa que os resultados esperados apresentem a capacidade de propor impactos para a prática do empreendedorismo. De acordo com Gil (2008), as pesquisas aplicadas têm como característica a contribuição e aplicação imediata do conhecimento. De acordo com o autor esta forma de pesquisa é frequenta na Psicologia, Economia, Sociologia e outras áreas das ciências sociais.

Em razão do problema de pesquisa da dissertação investigar como os atores-chaves observam o desenvolvimento do ecossistema empreendedor de Rio Grande – RS, optou-se pela condução de uma investigação pautada pelo **construtivismo social**. De acordo com Creswell (2010), no construtivismo social parte-se do ponto de vista o qual os sujeitos tentam entender o mundo que vivem e trabalham e desenvolvem, a partir de significados e simbologias, experiências complexas e amplas a respeito do objeto de estudo.

De acordo com o contexto supracitado, emerge a necessidade do uso da **abordagem qualitativa**, uma vez que o objetivo do trabalho é compreender como os atores-chave, através da construção particular de significados e simbologias socialmente construídas, observam o desenvolvimento do ecossistema empreendedor de Rio Grande – RS. A abordagem qualitativa, de acordo com Creswell (2010) é exploratória e oportuna quando o pesquisador desconhece as variáveis e os sujeitos da pesquisa. Neste contexto, o autor afirma que esta abordagem é indicada quando o tópico de pesquisa é novo ou nunca foi feito no contexto o qual trabalho está inserido. Além disso, Bauer e Gaskell (2008) argumentam que a pesquisa qualitativa é vista

como uma forma de pesquisa que dá poder ou voz as pessoas em contrapartida de trata-las apenas como objeto de estudo os quais comportamentos podem ser quantificados e padronizados.

A presente dissertação é caracterizada como um **estudo de caso**. De acordo com Stake (1995), estuda-se um caso quando se tem um interesse muito especial nele e nos detalhes da interação com seus contextos particulares. O autor argumenta que conduzir um estudo de caso significa investigar singularidades e complexidades de um caso para compreender um determinado fenômeno em circunstâncias particulares. Neste contexto, um caso não representa uma escolha metodológica, mas o desenho de um objeto de pesquisa orientado à capacidade de aprendizagem particular que o objeto propõe. Assim, o presente trabalho de pesquisa pretende abarcar o fenômeno do desenvolvimento de ecossistemas empreendedores e como característica de particularidade e singularidade, apresenta como objeto a unidade de análise do município de Rio Grande – RS.

Quanto aos objetivos de pesquisa, expostos na seção 1.2, a presente dissertação é classificada como **exploratória**, pois não foram encontrados na literatura de ecossistemas empreendedores estudos que levem em consideração o caso elencado como objeto de pesquisa. De acordo com Gil (2008), estudos exploratórios tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema bem como o aprimoramento de ideias ou descobertas de intuições a respeito do mesmo. Além disso, o autor explica que estudos exploratórios são flexíveis em delineamento metodológico, mas são comumente conduzidos através de pesquisas bibliográficas e estudos de caso. Neste contexto, para atingir o objetivo proposto, optou-se em um estudo bibliográfico para a elaboração do referencial teórico da dissertação e o estudo de caso instrumental como estratégia de investigação.

Em síntese, pode-se classificar a dissertação com uma pesquisa aplicada, com objetivos exploratórios, conduzida sob o paradigma construtivista, com abordagem qualitativa por meio de estudo de caso.

3. 2 Estratégia de investigação

Como foi dito no capítulo introdutório, o município de Rio Grande – RS representa o local de nascimento, criação e moradia do pesquisador bem como o município sede da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Neste contexto, optou-se pela condução de um **estudo de caso intrínseco**.

De acordo com Stake (1995), em algumas ocasiões, ocorrem casos o qual não caberá ao pesquisador escolha alguma. Neste sentido, o caso vem dado e o pesquisador se vê obrigado a toma-lo como objeto de estudo. Assim, os interessados na pesquisa a ser conduzida apresentam interesses mais intrínsecos nos resultados que a mesma pode propor. Portanto, o papel do estudo de caso intrínseco não reside em propor teoria ou entender um fenômeno genérico e, mas sim na apresentação da aprendizagem necessária a um determinado caso em virtude do conhecimento amplo a respeito do caso representar uma necessidade imediata.

Através do estudo de caso é possível descrever ações, crenças e simbologias particulares do caso. Neste contexto, apesar de ser possível a elaboração de generalizações, o objetivo do estudo de caso é centrado na particularidade do contexto de estudo. Assim, busca-se o aprofundamento de um caso particular para conhece-lo bem e apresentar como elemento máximo de aprendizagem as questões intrínsecas do caso que lhe diferenciam dos demais estudos já relatados pela literatura (STAKE, 1995).

Conforme as caracterizações supracitadas, a dissertação consiste em um estudo de caso intrínseco objetivado a análise do ecossistema empreendedor do município de Rio Grande – RS bem como a percepção dos atores-chave do mesmo quanto ao seu desenvolvimento orientado pela capacidade de aprendizagem necessária para a região bem como identificação de características particularidades do caso em razão dos casos já expostos pela literatura.

3. 3 Caracterização do caso

Nesta subseção o caso de estudo será apresentado. Neste sentido, o caso será caracterizado em relação a sua natureza, histórico, contexto, complexidade e problemáticas que o envolvem.

3. 3. 1 Origem e ciclos econômicos do município de Rio Grande – RS

O município de Rio Grande está localizado a margem sul do estuário que liga o oceano atlântico à laguna dos patos e seus afluentes. O histórico do município tem origem na barra do Rio Grande de São Pedro, construída pelos portugueses como instrumento de acesso e posse da terra das regiões do Sul do continente americano, em virtude de evitar o controle espanhol na parte sul das américas. A barra do Rio Grande de São Pedro tornou possível o povoamento e a atividade agropecuária na região por parte dos portugueses, consolidando a região como colônia de Portugal. O povoado de Rio Grande de São Pedro foi fundado em 19 de fevereiro de 1737 pelo Brigadeiro José da Silva Paes com objetivo de assegurar as posses das terras do sul à Portugal, que disputava o espaço com a Espanha que detinha o controle da região onde hoje

Montevideo. Com a ajuda de colonos, o povoado se expandiu até tornar-se um vilarejo e em seguida a capital da nova Organização Administrativa. Apesar da Espanha obter o domínio das terras locais por 13 anos, Portugal conseguiu retomar o controle da região com a construção de estabelecimentos militares e então fundar o município de Rio Grande – RS (RIO GRANDE, 2021b).

Apesar do município de Rio Grande – RS apresentar em suas origens o objetivo militar, foi na atividade comercial que o município se consolidou na américa portuguesa. Os comerciantes, em maioria portugueses, porém com alguns oriundos da França, Inglaterra, Itália e Alemanha concentravam suas atividades na exportação de gado, produtos agrícolas e indústria têxtil e importavam diversos maquinários industriais e derivados do petróleo, colocando o porto de Rio Grande como elemento central das atividades comerciais (PIRES, 2019).

Com o início da industrialização por todo território brasileiro, o município de Rio Grande – RS passou a realizar construções fora das trincheiras que protegiam a cidade, com a chegada de diversas empresas industriais, no fim do século XIX, o município se expandiu devido à alta demanda de mão de obra gerada pela indústria frigorífica, têxtil, do tabaco, de cordas e de calçados. No mesmo ritmo, inúmeros trabalhadores se deslocaram pelo país em busca destas oportunidades de emprego, alojando-se em Rio Grande em casas precárias e de baixa renda na primeira favela do município (PIRES, 2019).

O fim da primeira guerra mundial e a grande depressão econômica da década de 30 levou a uma acentuada queda de produção e a concorrência com São Paulo levou o fechamento de inúmeras indústrias localizadas na cidade de Rio Grande. De forma contraditória, neste período a população do município aumentou e o loteamento urbano também. Neste contexto, foi na pesca que a população do município encontrou sustento, culminando na abertura de seis empresas de pescado na região chegando a um total de 20 mil empregados na década 1980. Entretanto, nos anos seguintes a escassez de matéria prima e o desaquecimento do setor levaram ao declínio desta indústria e novas preocupações atingiram o município (PIRES, 2019).

A intervenção estatal em conjunto com a iniciativa privada levou a um novo ciclo econômico no município. De acordo com Pires (2019), a cidade recebeu mais de 4 bilhões de dólares em investimentos públicos e privados para fomentar os processos produtivos de uma nova região industrial construída ao sul da cidade, mais próxima do oceano. Além disso, a construção de um novo porto com capacidade para competir com portos internacionais também foi incluído no pacote de investimentos. A indústria do município então passou de uma indústria de bens não duráveis na década de 1950 para uma indústria de bens intermediários na década

de 1980. Neste período também ocorreu a fundação e expansão da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), com a construção de um campus e a inauguração de diversos cursos de graduação em diversas áreas do conhecimento e o comando do 5º distrito naval foi transferido de Florianópolis para o município, trazendo uma base naval para formação da marinha do Brasil e reparo dos navios de guerra. Entretanto, a expansão da indústria, da atividade militar e educacional do município atraíram novos habitantes para o município que não correspondeu às expectativas geradas pelo investimento realizado mantendo a demanda por empregos e desigualdade na região.

Em 2006, quando o governo federal decidiu impulsionar a indústria naval nacional, um ambicioso projeto de construção de uma indústria naval e *offshore* foi implantado no município de Rio Grande. Através da Petrobrás, diversas plataformas de petróleo foram encomendadas ao novo polo naval da cidade e, no auge de suas atividades em 2013, o polo naval chegou a empregar mais de 20 mil trabalhadores. A construção elevou as expectativas econômicas do município, atraindo diversos trabalhadores para firmar residência no município, bem como a expansão de diversas atividades de todos os seguimentos econômicos. Entretanto, os escândalos de corrupção revelados pela Operação lava-jato da Polícia Federal bem como os desdobramentos políticos da mesma, que envolveram a troca do governo federal e paralisação da encomenda de novas plataformas produzidas no Brasil pela Petrobrás, levaram as grandes expectativas econômicas de Rio Grande a mais uma depressão (PIRES, 2019).

Desde o enfraquecimento das atividades do polo naval de Rio Grande, negociado em uma decisão política, o município enfrenta uma forte crise econômica. Além disso, a "ressaca do desinvestimento" levou crises econômicas para os municípios de São José do Norte e Pelotas, vizinhos de Rio Grande, que também recebiam investimentos em virtude da movimentação naval (EXTRACLASSE, 2018).

3. 3. 2 O desenvolvimento do ecossistema como oportunidade municipal

Conforme exposto na seção anterior, o município de Rio Grande passou por diversos ciclos econômicos que geraram altas expectativas na região, atraíram novos moradores para o município e culminaram em novas crises econômicas. Além disso, é possível observar que as expectativas econômicas geradas na região são de iniciativa externa ao município, que sempre contou com investimentos de empresas estrangeiras e do governo federal. Neste contexto, a cada ciclo econômico a população de Rio Grande aumentou e as atividades impostas pelos

investimentos não geraram o retorno necessário para o desenvolvimento e o bem-estar da comunidade local.

Ainda sob o efeito do polo naval de Rio Grande, em 2013, a Universidade Federal do Rio Grande investiu na construção de um complexo para abrigar um parque tecnológico na região. Com o objetivo de fomentar novas econômicas na área da tecnologia orientadas a um empreendedorismo inovador e auxiliar o desenvolvimento da região, o parque foi inaugurado em 2017 e conta hoje com a residência de 4 empresas do setor de energia e *softwares* (OCEANTEC, 2021).

Embora o incentivo ao empreendedorismo através da inovação represente um fator importante para o desenvolvimento do ecossistema empreendedor de Rio Grande, o parque tecnológico da universidade não tem capacidade de gerar o desenvolvimento necessário para a demanda de emprego e renda da região. Neste contexto, o município precisou organizar novas formas de observar o empreendedorismo e impulsionar o crescimento econômico da cidade.

Em 2021, o município de Rio Grande aderiu ao programa "Cidade Empreendedora" na busca do desenvolvimento da atividade econômica da região a partir da capacidade da própria região, divergindo de ciclos econômicos anteriores (DIÁRIO POPULAR, 2021). O programa cidade empreendedora, gerenciado pelo Sebrae em parceria com as prefeituras, engloba ações estratégicas para o desenvolvimento municipal objetivado à geração de emprego, renda e oportunidades de negócio. Por meio da liderança, da desburocratização, das compras governamentais e da educação empreendedora, o programa propõe uma integração entre a gestão pública e os pequenos negócios da região (SEBRAE, 2021).

Outro evento que marca o desenvolvimento do ecossistema empreendedor de Rio Grande é a aprovação do Projeto de Lei – PL n° 040/2021 que trata da nova lei de liberdade econômica do município. O projeto foi apresentado pela prefeitura com o objetivo de incentivar o empreendedorismo local por meio da agilização do processo de abertura de novas empresas. A lei dispensa atos públicos, como emissão de alvarás, para abertura de empresas com a atividade considerada de baixo risco. Entretanto, ainda não foi definido pelo legislativo municipal quais das atividades empresariais se encaixam nesta modalidade (RIO GRANDE, 2021a).

3. 3. 3. O perfil empreendedor do município de Rio Grande - RS

Apesar das iniciativas de desenvolvimento do empreendedorismo na região, o processo é relativamente recente e envolve uma ampla gama de atores e objetivos. Neste contexto, o

processo de desenvolvimento do ecossistema empreendedor de Rio Grande passa por complexidades e problematizações que não são perceptíveis através das lentes daqueles que o propõe. Assim, é necessário que emerja a percepção de todos os atores-chave da atividade empreendedora bem como dos empreendedores reais da região e não apenas aqueles os quais as inciativas tomadas pretendem atrair. Neste contexto, o presente subtópico apresenta o perfil da atividade econômica do município de Rio Grande – RS.

Os empreendimentos em Rio Grande ocorrem de forma majoritária em microempresas, sendo o setor de serviços e o comércio os maiores responsáveis pela quantidade de empresas no município, o mesmo ocorre para o estrato das pequenas empresas. Já em termos de média e grande empresa, a indústria de transformação aparece como um importante ator (Tabela 1).

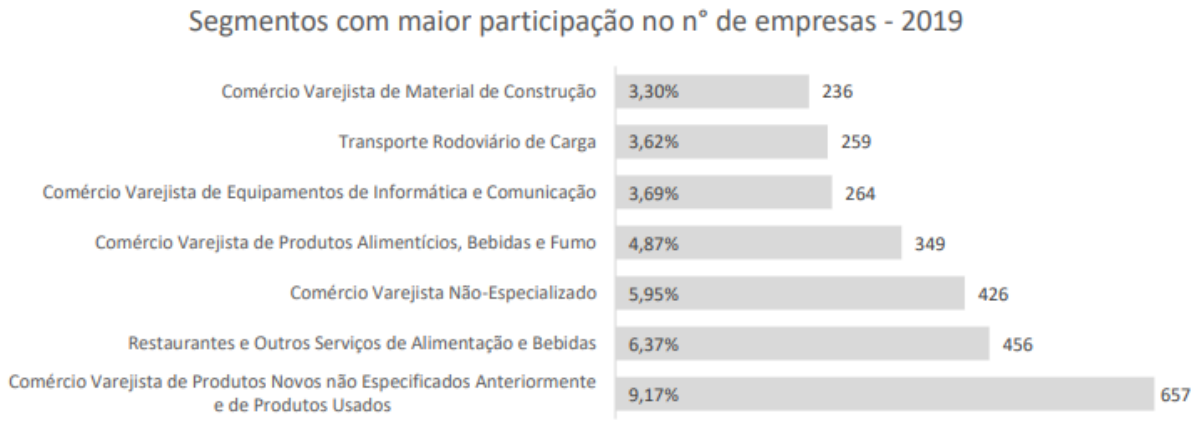
Tabela 1 - Composição do mercado por setor e porte

Setor	Microempresa	Pequena Empresa	Média e Grande Empresa
Indústria de transformação	423	25	16
Construção Civil	222	11	2
Comércio	2654	190	14
Serviços	3126	219	64
Agropecuária e extração vegetal[1]	195	-	-
Total	**6620**	**445**	**96**

[1]Setor integralmente agrupado na categoria de Microempresa
Fonte: SEBRAE (2020)

O comércio varejista de produtos novos não especificados anteriormente e de produtos usados representa o seguimento de mercado com maior participação no município seguido por restaurantes e outros serviços de alimentação e bebidas (Figura 5). Neste contexto, mesmo que o município, em outros ciclos econômicos, tenha apresentado incentivos aos diversos setores, o empreendedorismo municipal é majoritariamente dominado por atividades de consumo.

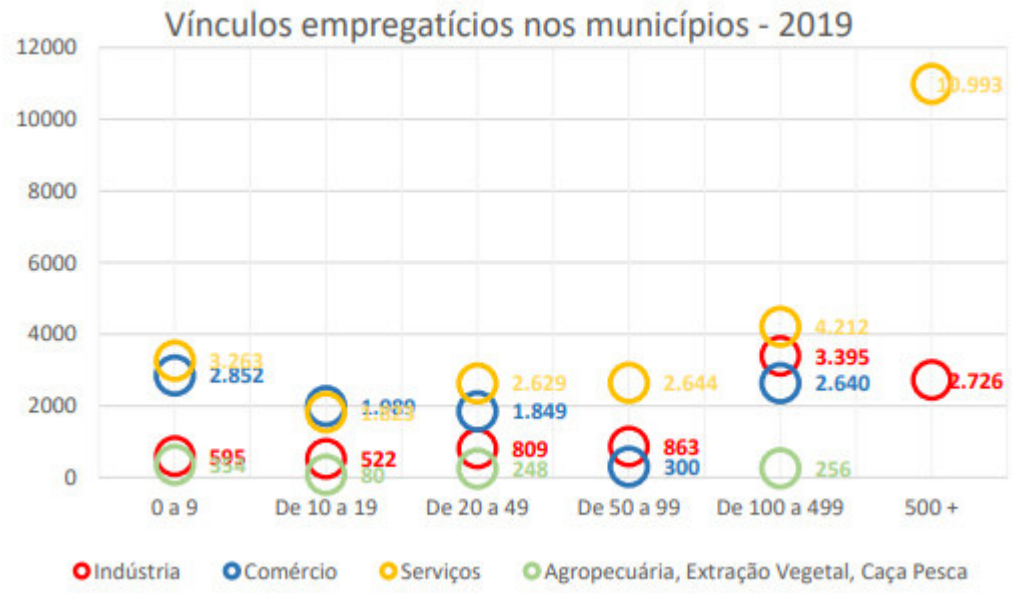
Figura 2 - Seguimentos com maior participação no município de Rio Grande



Fonte: SEBRAE (2020).

Os dados a respeito do vínculo empregatício no município refletem a situação supracitada. Nas empresas com até 100 funcionários o setor de serviços e o comércio representam os maiores empregadores da região. A indústria começa aparecer como um empregador relevante quando evidenciados os estratos de acima de 100 empregados. Ainda neste contexto, o setor de serviços representa o maior empregador da região (Figura 6).

Figura 3 - Vínculos empregatícios no município de Rio Grande por setor e porte



Fonte: SEBRAE (2020).

3. 3. 4 Originalidade do caso

Como pode ser observado nos dados apresentados nesta seção, o município de Rio Grande apresentou diversos ciclos econômicos advindos de oportunidades externas que, após

um período de ascensão e queda econômica, trouxeram inúmeros reflexos nas atividades. Embora o município apresente como oportunidade o desenvolvimento do ecossistema empreendedor da região, os esforços estão situados na abertura de novas empresas e no incentivo a inovação, dado os agentes interessados em tal façanha serem o executivo municipal e a universidade federal da região. Entretanto, os dados a respeito das atividades econômicas do município indicam que o empreendedorismo na região é voltado para o consumo.

A originalidade do caso se dá na análise do desenvolvimento de um ecossistema empreendedor, entendido como oportunidade municipal, que apresenta diversos atores com objetivos heterogêneos e conflitos de interesses com um histórico de crises econômicas decorrentes de investimento e desinvestimento externo. Diferente de outros casos consolidados pela literatura, o caso do município não representa um caso de sucesso como o elemento da aprendizagem, mas um caso em franco desenvolvimento, em uma região não tradicional dos estudos em empreendedorismo. Neste contexto, o desenvolvimento do empreendedorismo em regiões do extremo sul do Brasil se apresenta como capacidade de aprendizagem e relevância do presente estudo de caso.

3. 4 Revisão da literatura

A finalidade da pesquisa científica se dá no desenvolvimento interpretativo em relação aos dados obtidos. Neste sentido, é necessário a construção de uma relação de símbolos e significados com um determinado universo teórico (MARCONI; LAKATOS, 2018). Para construir o referencial teórico foram desenvolvidas duas etapas de revisão da literatura. A primeira etapa consistiu na revisão bibliométrica da literatura. Neste sentido, foram conduzidas buscas nas bases de dados *Science Direct*, *Web of Science* e *Scopus* em busca da literatura que contempla o termo *"Entrepreneurial ecosystem"* no título das publicações. A segunda etapa consistiu na revisão sistemática da literatura com base em categorias temáticas convergentes aos objetivos da pesquisa.

Na primeira etapa de revisão da literatura, as buscas foram conduzidas para contemplar a Lei de Lotka (1926), que tem por objetivo de análise a produtividade dos autores na temática estudadas, a Lei de Bradford (1949), que analisa a produtividade de publicação dos periódicos e a Lei de Zipf (1949), que observa a ocorrência de palavras-chave no tema. Em seguida os dados das três bases de dados foram mesclados e filtrados conforme a adequação aos objetivos da pesquisa.

Como recorte de busca, foram traçados filtros temporais, que compreenderam o período de 2001 até 2021, filtros de área, que compreenderam as áreas de negócios e gestão e filtros de tipologia de documento, que compreenderam artigos e revisões. A tabela 2 apresenta o resultado das buscas nas bases de dados.

Tabela 2 - Resultados da busca por "*Entrepreneurial ecosystem*" nas bases de dados

Base de dados	**Total**	***Articles* e *Reviews***	***Business* e *Management***
Web of Science	166	149	103
Scopus	375	281	197
Science Direct	62	58	48

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Como pode ser observado na tabela 2, foram identificados 424 artigos e revisões após a implementação dos filtros de buscas propostos para a revisão bibliométrica. A busca de material ocorreu em 01 março de 2021 e atualizada em 30 de maio de 2022.

Ao mesclar os dados das três bases propostas, foram excluídos da revisão 88 documentos na condição de duplicidade. Em seguida, os documentos foram analisados conforme o título e o resumo, nesta etapa foram excluídos 69 documentos não alinhados ao tema da dissertação, para cada documento foram adicionadas notas de exclusão com uma das 5 alegações determinadas para esta revisão. Primeiro foram retirados documentos os quais a tipologia não entrou em acordo com o limitador artigos e revisões colocado na busca nas bases de dados, assim foram excluídas resenhas, chamadas de submissão e capítulos de livros. Em seguida, foram excluídos artigos de revisão de termos correlatos ao empreendedorismo, porém não associados a temática de ecossistemas empreendedores. Neste caso, foram excluídos 15 documentos como a revisão de Cavusgil (2021) acerca dos conhecimentos avançados em mercados emergentes e a revisão bibliométrica de Forliano, Bernardi e Yahiaoui (2021) acerca da produção científica relacionada ao tema universidades empreendedoras. Outros 43 documentos foram excluídos por debater outras áreas de pesquisa e conceitos e suprimir a discussão sobre ecossistemas empreendedores, mesmo apresentando o termo em seu título. Apenas 1 documento foi excluído por não apresentar informações suficientes no resumo. Por fim, foram excluídos 7 documentos que apresentavam discussões de ecossistemas empreendedores orientadas a pequenos nichos como o turismo (MILWOOD; MAXWELL. 2020), o setor rural (POLBITSYN; 2019), esportivo (RATTEN; THOMPSON, 2020) e de marketing (ZHANG; WATSON, 2020). Após o processo de exclusão, um montante de 190 artigos compuseram o escopo da presente dissertação.

Na base de dados *Web of Science*, sob a ótica de 103 documentos e através da lei bibliométrica de Lotka (1926), os principais autores da temática *"Entrepreneurial ecosystem"* identificados foram Philip T. Roundy com 11 documentos (10,68%) e Vanessa Ratten com 4 documentos (3,88%). Através da lei de Bradford (1949) os periódicos de maior produtividade observados na base de dados foram *Small Business Economics* com 17 documentos (16,50%) seguido por *Journal of Technology transfer*, *Review of Manageral Science* e *International Entrepreneurship and Management Journal* ambos com 6 documentos cada (5,82%). Em acordo com a Lei de Zipf (1949), as palavras de maior co-ocorrencia ao considerar o título e resumo dos documentos analisados foram *"Entrepreneurial ecosystem"* com 73 ocorrências, *"Inovation"* com 52 ocorrências, *"Policy"* com 25 ocorrências e *"Knowledge"* com 22 ocorrências.

Sob a ótica da base de dados *Scopus* foram observados 197 documentos. Sob a lei de Lotka (1926), os autores de maior produtividade foram Philip T. Roundy com 13 documentos (6,60%), David B. Audretsch com 6 documentos (3,04%), James A. Cunningham e Vanessa Ratten com 4 documentos cada (2,03%). Os periódicos de maior produtividade foram destacados com o auxílio da Lei de Bradford (1949). Neste sentido, performaram maior produção o *Small Business Economics* com 30 documentos (15,23%), o *International Entrepreneurship and Management Journal* com 11 documentos (5,58%) e o *Journal of Technology Transfer* com 9 documentos (4,57%). Em acordo com a Lei de Zipf (1949) as palavras de maior co-ocorrência foram *"Entrepreneurial ecosystems"* com 141 ocorrências, *"Entrepreneurship"* com 47 ocorrências, *"Ecosystems"* com 34 ocorrências e *"Innovation"* com 17 ocorrências.

Na base de dados *Science Direct* foram observados 48 documentos. Sob a lei de Lotka (1926), os autores de maior produtividade foram James A. Cunningham, Conor O'kane, Philip T. Roundy e Jing A. Zhang todos com 2 documentos cada (4,17%). Os periódicos de maior produtividade na base de dados foram destacados com o auxílio da Lei de Bradford (1949). Neste sentido, destaca-se o *Technological Forecasting and Social Change* com 15 documentos (31,25%), o *Journal of Business Venturing* com 7 documentos (14,58%) e o *Journal of Business Research* com 6 documentos (12,5%). Em acordo com a Lei de Zipf (1949) as palavras de maior co-ocorrência foram *"Entrepreneurship"* com 15 ocorrências, *"Innovation"* com 8 ocorrências e *"Entrepreneurial ecosystems"* com 4 ocorrências.

As revisões sistemáticas da literatura são construídas quando é necessário maior aprofundamento a respeito da produção de um determinado tema de pesquisa. Neste sentido, são realizadas quando os pesquisadores estão em busca de um problema de pesquisa ou se faz necessário uma análise crítica do material produzido (Creswell, 2010).

O objetivo deste artigo é analisar a literatura a respeito da abordagem de ecossistemas empreendedores bem como propor rotas de pesquisas na temática no contexto brasileiro e, para tal, adota-se as orientações dadas por Tranfield et al (2003) para a condução de revisões sistemáticas no campo da administração. De acordo com os autores, a revisão sistemática da literatura se apresenta como uma metodologia eficiente para delimitar práticas e políticas em determinados temas de todas as áreas do conhecimento. Entretanto, os pesquisadores na área da gestão têm por costume conduzir este tipo de revisão dado a possibilidade de implicações práticas e teóricas dos achados deste tipo de busca.

A primeira etapa do processo de revisão sistemática, de acordo com Tranfield et al (2003) é a elaboração do protocolo de revisão, o mesmo deve conter todas as informações relevantes para que qualquer membro da equipe de revisores possa executar a pesquisa. Nesta etapa, os pesquisadores definiram as bases de dados, os termos, os critérios de inclusão e exclusão de artigos e as categorias de análise que serão adotadas na respectiva revisão da literatura (quadro 4).

Quadro 4 – Protocolo de revisão sistemática dos artigos encontrados

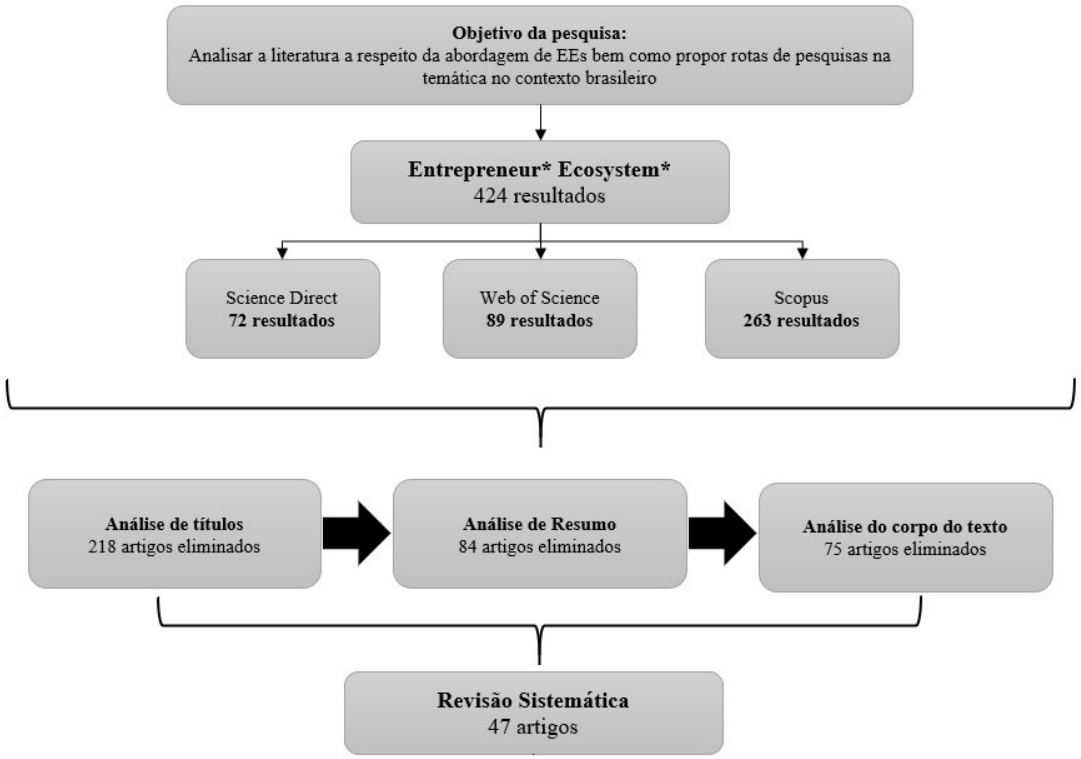
Elementos balizadores	**Definição**
Bases de dados	Web of Science, Scopus e Science Direct.
Termos de buscas	"Entrepreneur* Ecosystem*"
Filtros de busca	Conter o termo no título, no período de tempo de 2001 a 2021, em um documento classificado como artigo de pesquisa ou de revisão, da área de *Business, Management and Accounting* e redigido na língua inglesa.
Critério de inclusão/exclusão	Os artigos devem ser analisados conforme o título, resumo e corpo do texto devendo representar artigos teóricos ou empíricos que tenha um ou mais ecossistemas empreendedores como objeto de análise e, em alguma seção do corpo do texto debata, sob perspectiva teórica, a temática de ecossistemas empreendedores.

Categorias de análise	Debate teórico	Ensaios teóricos a respeito de ecossistemas empreendedores como tema e objeto de análise de pesquisas em empreendedorismo.
	Modelos de análise	Artigos teóricos e empíricos que apresentem modelos de análise para ecossistemas empreendedores.
	Encontro com teorias	Artigos teóricos e empíricos que debatam a implicação de uma determinada teoria no contexto dos ecossistemas empreendedores.

Fonte: Autores com base em Tranfield et al (2003).

A segunda etapa do processo de revisão sistemática, de acordo com Tranfield et al. (2003), consiste na condução da revisão descrita no protocolo. Para os autores está representa a principal etapa, pois é o momento de refinar a pesquisa e analisar os dados. A figura 4 ilustra o resultado da etapa de refinamento da revisão.

Figura 4 – Síntese do processo de revisão sistemática



Fonte: Autores.

Como é possível observar na figura 1, a revisão sistemática da literatura consistiu na análise de 47 artigos teóricos e empíricos a respeito da temática de EEs.

3. 5 Coleta de dados

O procedimento de coleta de dados da pesquisa será composto por duas etapas. Em primeiro lugar, foram realizadas entrevistas em profundidade com os atores-chave da atividade empreendedora, elencados conforme os apontamentos de atores-chaves mapeados na revisão da literatura. Em seguida, foi realizado um grupo focal com um novo grupo de atores-chave do município de Rio Grande.

3. 5. 1 Entrevistas em profundidade com os atores-chave

Nas ciências sociais empíricas, de acordo com Bauer e Gaskell (2008), as entrevistas individuais são amplamente empregadas como metodologia de pesquisa. De acordo com os autores, parte-se da premissa de que o mundo social é construído por perspectivas divergentes e conflitantes além daquela o qual o pesquisador que toma frente da realização da pesquisa conhece.

Por trás de uma conversa quase casual, a entrevista bem-sucedida, depende da capacidade de planejamento da mesma por parte do pesquisador. Uma entrevista realizada diante de perguntas inadequadas pode comprometer a pesquisa além de incutir na perda de tempo do entrevistador e do entrevistado. Neste contexto, emerge a necessidade da elaboração de um roteiro semiestruturado para condução das entrevistas individuais. O roteiro semiestruturado emerge pela necessidade do pesquisador de dar conta dos fins e objetivos da pesquisa durante a conversação que emerge na realização da entrevista, normalmente ocupa o espaço de uma página e é composto por tópicos de abordagem e perguntas abertas a serem respondidas e satisfeitas ao longo da entrevista. Neste contexto, ele funciona como uma espécie de lembrete dos assuntos que devem ser tratados no encontro (BAUER; GASKELL, 2008).

De acordo com Bauer e Gaskell (2008), o roteiro semiestruturado não deve ser organizado de forma rígida, pois é importante que o pesquisador esteja atento, ao longo da entrevista, sobre quais temas o mesmo já versou. Embora o roteiro semiestruturado seja elaborado de forma prévia, deve haver um certo nível de flexibilidade por parte do pesquisador para alterações que podem emergir ao longo da realização das entrevistas. Os autores destacam que todas as alterações devem ser documentadas com rigor pelo pesquisador bem como todas as razões e observações que levaram a isto.

As entrevistas semiestruturadas foram conduzidas com base os modelos de elementos, produtos e resultados (STAM, 2015) e a taxonomia de Brown e Mason (2017) para classificação do estágio de desenvolvimento do ecossistema empreendedor, disponíveis no tópico 2.3 (apêndice A).

Os entrevistados foram selecionados com base no contexto de atores-chave expresso pela revisão da literatura (tópico 2.4). Neste sentido, foram selecionados sujeitos que puderam responder como representantes dos atores-chaves da atividade empreendedora do município. Os entrevistados foram previamente convidados via *e-mail* e, quando necessário, uma solicitação de confirmação via telefone foi realizada.

Tabela 3 – Participantes das entrevistas em profundidade

Entrevistado	**Representação de ator-chave**	**Ocupação**	**Duração da entrevista**	**Número de palavras transcritas**
Entrevistado 1	SENAC	Diretor de unidade	31 minutos	4304
Entrevistado 2	Sala do Empreendedor	Servidor público	34 minutos e 06 segundos	2624
Entrevistado 3	CDL	Presidente da entidade	19 minutos e 17 segundos	3682
Entrevistado 4	Empresa Blockbuster	Diretor	27 minutos e 06 segundos	2755
Entrevistado 5	Prefeitura	Prefeito municipal	27 minutos e 33 segundos	3901
Entrevistado 6	SEBRAE	Gerente de projetos	35 minutos e 45 segundos[1]	5334
Entrevistado 7	Universidade	Pró-reitora de Inovação e Tecnologia	43 minutos e 11 segundos[1]	5490
Entrevistado 8	Empresa em Crescimento	Proprietário	34 minutos e 23 segundos	3937

[1]Entrevista realizada por videoconferência

Fonte: Autor.

É possível observar na tabela 3 que as entrevistas obtiveram a média de 30 minutos de duração. Devido às restrições impostas pela pandemia de Covid-19, 2 entrevistas individuais foram realizadas em formato digital. Os entrevistados participaram de uma chamada virtual que foi realizada na plataforma *Google Meet*®. Todos os entrevistados foram informados que a entrevista foi integralmente gravada em formato de áudio e vídeo bem como assinaram e

receberam uma cópia do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) da pesquisa (Apêndice C). Os arquivos de áudio extraídos dos encontros foram transcritos de forma integral e literal para a condução da etapa de análise dos dados por meio de categorias temáticas.

3. 5. 2 Grupo focal com empreendedores

O mundo social, de acordo com Bauer e Gaskell (2008), não é dado de forma natural, é ativamente construído pelos sujeitos e suas vidas cotidianas, mas não sob as condições estabelecidas pelas mesmas. De acordo com os autores, as construções destes sujeitos fazem parte da realidade das pessoas, do mundo existencial. Com objetivo de identificar os atores-chave do ecossistema empreendedor de Rio Grande (objetivo I) bem como as percepções quanto ao desenvolvimento do ecossistema empreendedor municipal (objetivo II), sob a perspectiva do mundo existencial dos empreendedores do município, optou-se pela realização de um grupo focal.

Um grupo focal tem por objetivo o estímulo à fala dos participantes bem como as reações expressas pelos demais participantes. Trata-se de uma interação social o qual a construção de símbolos e significados emergem da construção da interação grupal em oposto da individualidade da entrevista. Em um grupo, emergem interações sociais mais complexas que a interação diádica das entrevistas em profundidade. Neste sentido, a soma das partes do grupo o transforma em uma entidade dentro dele mesmo de modo que os resultados do processo são expostos em termos de crenças, opiniões e simbologias do grupo em contradição à individualidade exposta pelas entrevistas (BAUER; GASKELL, 2008).

A emergência do grupo focal, de acordo com Bauer e Gaskell (2008), se dá pela emergência de uma identidade compartilhada. Entretanto, um grupo focal pode se dividir em facções de divergência de opiniões e significados. Os autores atentam que a interação dentro do grupo pode gerar emoções, alterações de humor, estímulos à criatividade e espontaneidade. Neste sentido, os sujeitos do grupo podem estar mais propensos a escutar novas ideias e explorar novos significados. Portanto, o grupo focal se diferencia da entrevista em profundidade pelo sentido da coletividade e pela propensão do grupo em construir significados e simbologias a partir dos relatos de seus semelhantes, sob um ponto de vista dialético. Em síntese, de acordo com Bauer e Gaskell (2008), as características do grupo focal residem na sinergia gerada pelos participantes, pela emergência da entidade chamada grupo, a presença de uma dinâmica expressa pela mudança de opinião bem como pela liderança de opinião e, em alguns casos, um envolvimento emocional entre os participantes.

No grupo focal, os pesquisadores exercem o papel de mediador do debate. Neste contexto, os pesquisadores representam os catalisadores da interação social no grupo de modo que o seu papel reside no estímulo ao diálogo e as reações dentro do grupo bem como pelo processo de construção de consenso e garantia do desempenho do grupo quanto às respostas extraídas. Além disso, o pesquisador também assume o papel de observador participante visto que em um grupo focal é necessário tomar notas a respeito de manifestações não verbais, como troca de olhares e reações de espanto ou tristeza (BAUER; GASKELL, 2008).

Tuckman (1965) identificou que o grupo focal pode ser composto por quatro momentos. Em primeiro lugar, é necessário formar ou familiarizar o grupo. Nesta etapa, o moderador tem de instigar a abertura dos participantes a compartilhar relatos para que os membros do grupo de fato sintam que fazem parte de um todo. Em seguida, se inicia um processo tempestuoso em que os conflitos e as contradições precisam ser expostas e os líderes de opinião identificados. Assim, que o período tempestuoso é solucionado pela busca do consenso o grupo se torna coeso em termos de crenças e valores. Após este processo, a etapa de desempenho começa e o pesquisador pode dar início a coleta de dados relacionada aos temas e conceitos centrais em sua pesquisa. De acordo com Bauer e Gaskell (2008), ainda é possível inserir uma quinta etapa, denominada "luto". Os autores argumentam que o desligar das câmeras e dos microfones instigam conversas que não seriam relatadas pelo grupo bem como conversas entre um pequeno número de participantes. Neste momento, o moderador, no papel de observador participante pode ainda coletar dados valiosos para seu estudo.

Bauer e Gaskell (2008) comentam que o grupo focal normalmente ocorre com um grupo de seis a oito pessoas, em um ambiente confortável e tem duração em torno de uma ou duas horas. O debate tem que ser aberto e acessível a todos os membros bem como o assunto tem que apresentar interesse global dentro do grupo. As respostas representam uma troca de pontos de vistas, ideias e experiências expressas de forma natural e aparentemente sem lógica. Além disso, as diferenças de *status* dentro do grupo não devem ser levadas em consideração na construção do consenso. Os participantes sentam em um ciclo, sem privilégio de posições e as primeiras palavras são feitas pelo moderador que se apresenta, apresenta seus objetivos bem como os temas e a importância do assunto que será tratado. O moderador deve estar munido de um bloco de anotações para registro das observações bem como das posições dos participantes e do "tópico guia" com as perguntas e temas que serão tratadas no debate. O objetivo do moderador é iniciar a condução de um debate que será conduzido e concluído pelos participantes do grupo focal.

O presente grupo focal será composto por empreendedores que nasceram ou residem em Rio Grande e apresentaram em seus negócios características de empreendedorismo produtivo bem como representantes de atores-chave da atividade empreendedora de Rio Grande. Os participantes foram previamente convidados via *e-mail* e, quando necessário, foram realizadas confirmações de participação via telefone celular com os mesmos. O grupo focal foi realizado nas dependências do parque tecnológico da Universidade Federal do Rio Grande, em uma sala de reunião. Os participantes foram informados que o evento foi integralmente gravado em formato de áudio em dois aparelhos distintos. Os participantes do grupo focal assinaram uma ata de participação que foi anexada ao termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) da pesquisa, cada participante do grupo focal recebeu uma cópia do presente termo. Para a condução do grupo focal foi composta uma equipe de pesquisadores formada por 1 docente professora doutora, 2 mestrandos e 1 graduanda bolsista de iniciação científica. O arquivo de áudio extraído do encontro, com duração de 2 horas, 27 minutos e 01 segundo, foi transcrito de forma integral e literal, em um documento de 27278 palavras, para a condução da etapa de análise dos dados por meio de categorias temáticas.

Tabela 4 – Descrição dos participantes do grupo focal

Entrevistado	**Representação de ator-chave**	**Ocupação**
Participante 1	Empreendedor local	Proprietária
Participante 2	Representante empresa multinacional	Executivo
Participante 3	Acadêmico	Estudante FURG
Participante 4	Representante empresa	Analista de relacionamentos com cliente
Participante 5	Prefeitura	Superintendente de comunicação social
Participante 6	Empreendedor *startup*	CEO
Participante 7	Prefeitura e Câmara de Vereadores	Vereadora e Primeira Dama
Participante 8	Acadêmico	Professor FURG
Participante 9	Empreendedor local e representante CDL	Proprietário
Participante 10	Prefeitura	Secretário de desenvolvimento
Participante 11	Parque tecnológico	Coordenador de incubadora de empresas

Participante 12	Empreendedor local	Proprietário
Participante 13	Prefeitura	Superintendente de inovação
Participante 14	Sistema S	Gestor de projetos

Fonte: Autor.

O tópico guia do grupo focal foi elaborado com base no tópico 2.3 do referencial teórico da dissertação. Neste sentido, foram incluídos temas e questões que abordassem todas as etapas do grupo focal descritas por Tuckman (1965) bem como os possíveis atores-chave expressos pelo referencial teórico. Também foram incluídas questões a respeito das ações de desenvolvimento do ecossistema empreendedor municipal (Apêndice B).

Um relatório de observações a respeito das atividades do grupo focal foi elaborado pela equipe que participou da condução do mesmo. O relatório contém observações de todos os participantes a respeito de todas as categorias de análise temática da presente dissertação. O documento foi escrito em um texto de 3955 palavras.

3. 6 Tratamento e análise de dados

A análise dos dados, nas duas etapas de coleta, será realizada sob as premissas da técnica de análise de conteúdo por meio de categorias temáticas. De acordo com Bardin (2011), a análise de conteúdo representa uma forma de análise do processo de comunicação que fornece um processo sistemático de análise do processo de formação e significado das mensagens. Por meio do processo de categorização, a autora afirma que a análise de conteúdo favorece a inferência de conhecimento sob o processo de comunicação documentado. A análise de conteúdo é composta por três fases: Pré-análise, exploração do material e tratamento e interpretação dos dados.

A pré-análise envolve a leitura flutuante do material que pode ser caracterizada como uma leitura inicial do conteúdo coletado para que o pesquisador apresente familiaridade com os dados que irá analisar, neste momento o pesquisador deve selecionar o material o qual irá trabalhar de modo a obedecer as regras da exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência. Em seguida, a formulação de hipóteses e índices pode ser traduzida pelo processo de elaboração de categorias de análise *a priori* (BARDIN, 2011).

A segunda etapa, exploração do material, é traduzida pela alocação do material nas categorias de análise estabelecidas *a priori* bem como análise de categorias emergentes e subcategorias. Nesta etapa, o material é alocado em categorias de análise bem como são desenvolvidos nós temáticos, cada fragmento de passagem de comunicação extraído dos dados

é representado sob o aspecto de pontos de codificação, que formarão uma somatória de fragmentos por nó e, por consequência, categorias de análise (BARDIN, 2011).

Por fim, o tratamento e a interpretação dos dados, encerra o processo de análise de conteúdo. Nesta etapa, são extraídos significados e interpretações a respeito do material coletado podendo resultar em inferências de conhecimentos com impactos teóricos e práticos bem como o surgimento de indagações para pesquisas futuras (BARDIN, 2011).

As categorias temáticas foram elaboradas com base no referencial teórico bem como nos objetivos da pesquisa. As categorias temáticas definidas para o estudo de caso estão disponíveis no quadro 5.

Quadro 5 - Categorias temáticas do estudo de caso

Categoria temática	**Descrição**	**Subcategorias temáticas**	**Referência**
Elementos, produtos e resultados do ecossistema	Nesta categoria de análise estão inseridos fragmentos de comunicação relacionados à percepção de atores-chave quanto as condições estruturais e sistêmicas que permitem o empreendedorismo no município bem como os produtos que a atividade empreendedora pode propor à região. Além disso, fragmentos que expressem a forma o qual o empreendedorismo gera crescimento econômico agregado e bem-estar social estão inclusos nesta categoria.	Instituições formais	Stam (2015)
		Cultura	
		Infraestrutura física	
		Demanda	
		Redes	
		Lideranças	
		Finanças	
		Talentos	
		Conhecimento	
		Serviços de suporte	
		Produtos e resultados	
Estagio de formação	Nesta categoria de análise estarão inseridos fragmentos de comunicação relacionados ao nível de desenvolvimento conforme taxonomia apresentada por Brown e Mason. Neste sentido, serão elencados os seguintes temas: Interação, orientação empreendedora, financiamento, papel dos negociadores, empreendedorismo de *blockbuster*, reciclagem empreendedora, dinâmica espacial e políticas públicas.	Atores dominantes e interações no ecossistema	Brown e Mason (2017)
		Orientação empreendedora	
		Negociadores	
		Empreendedorismo de blockbuster	
		Reciclagem empreendedora	
		Fluidez e diversidades de atores	
		Políticas Públicas	
		Dinâmica Espacial	

Fonte: Elaborado pelo autor.

3. 7 Triangulação e confiabilidade

De acordo com Bauer e Gaskell (2010), os debates acerca dos critérios de validade externa dos projetos de pesquisa qualitativo são amplamente debatidos pela comunidade acadêmica. Embora exista um contraponto ao "positivismo" da rigidez dos métodos

quantitativos, existem critérios de validade e confiabilidade que podem ser delineados para prestação de contas de um projeto de pesquisa qualitativo.

De acordo com Bauer e Gaskell (2010), o pesquisador social está sempre na posição de descobrir outros sentidos e significados a respeito do objeto de pesquisa que não os seus. Neste contexto, o próprio pesquisador, ao final do projeto de pesquisa, apresenta mudanças no conjunto de significados e simbologias construídos sobre o tema de pesquisa. Assim, de acordo com os autores, triangulações entre a teoria e diversos métodos de pesquisa representam uma via rumo à confiabilidade do projeto de pesquisa.

Figura 5 – Síntese do processo de triangulação



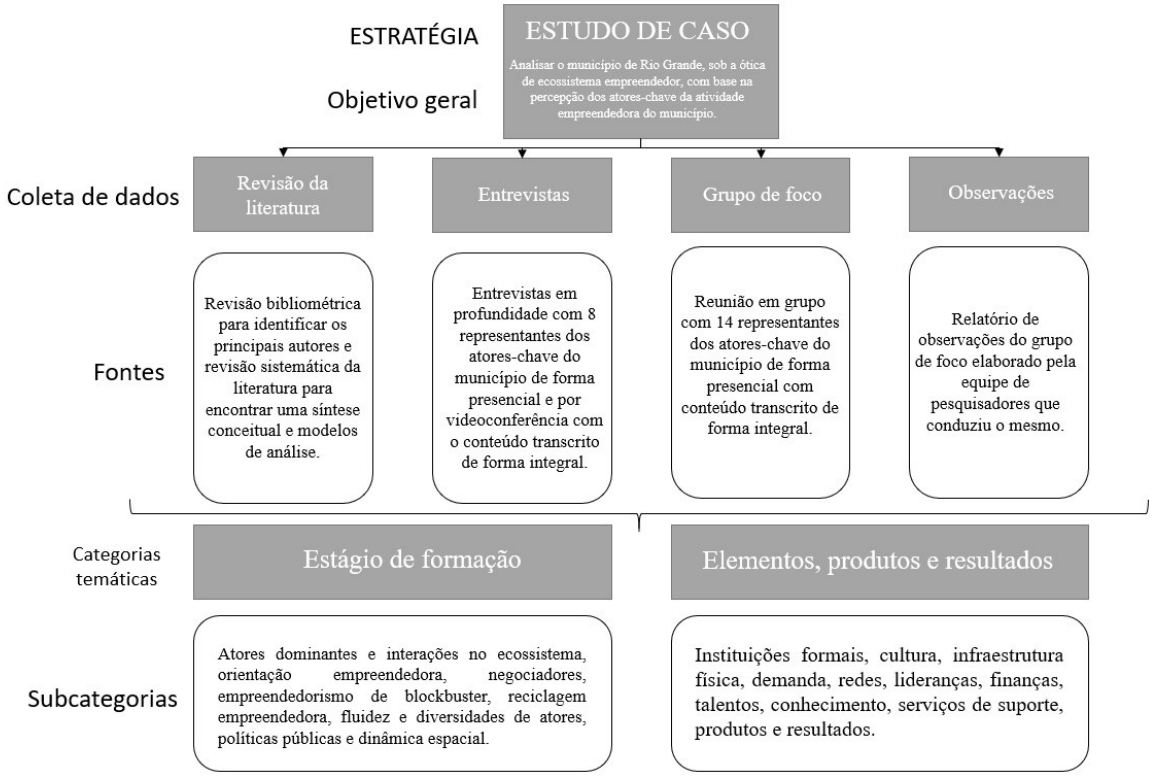
Fonte: Elaborado pelo autor.

A triangulação do presente estudo de caso ocorrerá entre os dados da revisão da literatura, transcrição das falas dos participantes grupo focal com empreendedores, relatório de observação dos participantes do grupo focal e entrevistas individuais com atores-chave da atividade empreendedora de Rio Grande – RS (figura 5). De acordo com Bauer e Gaskell (2010) a perspectiva múltipla de opiniões, crenças e significados levam o pesquisador à reflexividade visto que contradições e perspectivas múltiplas se enfrentam ao longo do processo de análise. Neste contexto, o fenômeno social analisado poderá se mostrar de formas diferentes quando analisado sob diferentes pontos de vista. Assim, através da triangulação o pesquisador pode demonstrar a confiabilidade da dissertação.

3. 8 Figura Síntese do método

Em virtude de melhor expor o capítulo metodológico apresentado na presente dissertação, uma breve síntese do método está disposta na figura 6.

Figura 6 - Síntese do método



Fonte: Elaborado pelo autor.

4 RESULTADOS

Neste capítulo da dissertação estão descritos os resultados emanados pelos dados coletados nas etapas descritas no capítulo anterior. Neste contexto, estão descritos os dados provenientes das entrevistas individuais e do grupo focal. Em primeiro lugar estão descritos os resultados das categorias de análise referentes ao modelo de elementos, produtos e resultados de Stam (2015). Em seguida, estão descritos os resultados das categorias de análise referentes a taxonomia de Brown e Mason (2017) a respeito do estágio de formação do ecossistema empreendedor.

4. 1 Elementos, produtos e resultados

Neste subcapítulo serão apresentados os resultados referentes ao primeiro objetivo desta dissertação. Neste contexto, os resultados das categorias de análise referentes ao modelo de Stam (2015) serão abordadas para descrever o ecossistema empreendedor de Rio Grande. O subcapítulo está dividido em três tópicos, são eles: Condições estruturais, condições sistêmicas e produtos e resultados. Ao final de cada tópico será apresentado um desenho que descreve o ecossistema empreendedor de Rio Grande.

4. 1. 1 Condições estruturais

As condições estruturais representam forças sociais e físicas presentes em um ecossistema empreendedor que atuam como fonte da emergência do ecossistema, além disso a demanda e a cultura local são levadas em consideração em virtude de se caracterizarem como força motriz da necessidade e oportunidade de geração de valor agregado. As condições estruturais são representadas pelas instituições formais, pela cultura, pela infraestrutura física e pela demanda do ecossistema empreendedor (STAM, 2015).

4. 1. 1. 1 Instituições formais

Na categoria de análise que aborda as instituições formais do ecossistema empreendedor, o objetivo reside em mapear as instituições relevantes para o funcionamento da atividade empreendedora no município de Rio Grande – RS. Neste contexto, foram coletados fragmentos de fala que contenham citações a respeito de instituições que de alguma forma participam do processo do empreendedorismo municipal.

De acordo com os entrevistados, a prefeitura municipal, a universidade e o sistema S representam as principais instituições formais interessadas na atividade empreendedora municipal.

> Eu percebo isso, pelo menos com os atores que eu mais estou acostumado a trabalhar como a própria Secretaria Municipal de desenvolvimento econômico e inovação e turismo, a prefeitura, o SEBRAE e a própria Universidade a FURG eu vejo através do Parque tecnológico (E01)

É possível observar que o processo de empreendedorismo no município de Rio Grande – RS tem origem em instituições de ensino e pesquisa bem como de formação para o mercado. Neste contexto emerge o papel proliferador da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) e do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) que atuam diante de outras instituições interessadas.

> Eu acho que o empreendedorismo inicial, em uma cronologia, sempre começou com as Universidades e instituições de ensino. No início não se sabia muito dessas terminologias: empreendedorismo, iniciativa, inovação, buscar coisas novas. A gente tem o SENAC, a própria FURG, que já criou centro de empreendedorismo, eu vejo isso, o CDL que manda no Comércio, que são instituição de ano de existência. (E02).

> O SEBRAE e o SENAC também têm ajudado muito o CDL este ano. A gente realizou o seminário do EMPRETEC que é ofertado pelo SEBRAE no Brasil todo e a gente conseguiu realizar ele no espaço do SENAC então esses órgãos também estão sempre auxiliando e apoiando o empreendedorismo na cidade (E03b).

A Câmara dos Dirigentes Lojistas (CDL) tem participado do processo de empreendedorismo municipal, por meio da construção e execução de eventos de grande porte relacionados ao empreendedorismo, por meio da adesão do movimento apresentado pelas instituições de ensino. Os conselhos organizados pela prefeitura municipal também participam do processo, além disso outras instituições emergiram nas entrevistas como o Terminal de containers e a superintendência do porto de Rio Grande.

> A universidade ela tem contribuído muito nos conselhos. Da cidade e todos os eventos da Inovation, OceanTech. Tem sido construído junto aos parceiros da CDL, Centro de Logística, indústrias, Tecon, Porto. Então existe um conselho próprio como principal mecanismo que se conecta com a cidade porque quando

> a gente fala de inovação a gente está falando de ligação de agentes seria governo, empresas, universidades e sociedade (E06).

Ao longo da execução do grupo de foco, diversas instituições formais foram abordadas, dentre elas: Universidade Federal do Rio Grande (FURG) junto por meio da Pró-reitoria de Inovação e Tecnologia da Informação (Proiti), incubadora de empresas de base tecnológica (INNOVATIO) e Parque científico e tecnológico (OCEANTEC); A prefeitura municipal de Rio Grande por meio do Conselho de tecnociência e tecnologia e secretaria de Desenvolvimento, Inovação e Turismo; O sistema S, composto pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), Serviço Social do Comércio (SESC); Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (SESCOOP), Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), Serviço Social da Indústria (SESI), Serviço Social do Transporte (SEST), Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte (SENAT) e Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE); A Câmara dos Dirigentes Lojistas (CDL) e a Superintendência do Porto de Rio Grande (SUPRG).

4. 1. 1. 2 Cultura

Nesta categoria de análise, foram coletados fragmentos textuais a respeito de questões que marcaram a cultura do ecossistema empreendedor bem como a percepção atual dos atores-chave entrevistados e dos participantes do grupo de foco a respeito da cultura local e a forma como ela afeta o empreendedorismo da região. Em primeiro lugar, é importante destacar que o contexto de ciclos econômicos apresentado no capítulo 3 para ilustrar o caso foi ressaltado pelos entrevistados.

> Rio Grande viveu de ciclos, posso citar o ciclo têxtil, o ciclo do pescado e o ciclo do polo naval. A cidade não pode viver só de ciclos. É porque quando nós temos um polo naval que todas as atenções, todos os investimentos são melhorados em torno daquela daquele grande negócio nós talvez percamos outras oportunidades (E04).

> Todo mundo fala que aqui tem uma cultura vira-lata, tudo já teve e nada ficou, a história disso a história daquilo que já foi que já teve. O que eu vejo hoje que tem uma cultura aí por colonização, né? Eu acredito que seja por colonização que é muito pessimista a altura da cidade é uma cultura que deprecia a cidade, não valoriza (E08)

Como pode ser ilustrado pela fala do entrevistado 04, os ciclos econômicos de Rio Grande – RS dependem de investimentos externos. Neste contexto, o encerramento dos ciclos

implica em desinvestimentos que afetam o ecossistema local. De acordo com o entrevistado, esta dependência econômica externa, impede que outras oportunidades sejam exploradas. Além disso, o entrevistado 08 ressalta que estas histórias que se repetem de investimentos e desinvestimentos acabaram inserindo na cultura da cidade algo depreciativo a respeito da crença de que os investimentos na região não são permanentes e acabam por se encerrar. A questão de vislumbrar oportunidades de mercado, foi abordada pelo entrevistado 05 como um processo que deve ser aprendido desde a escola, no ensino básico.

> [...] nós precisamos mudar a cultura nossa da nossa região. Principalmente da nossa cidade, isso só vai ser possível fazer isso com os nossos alunos. Desde o ensino fundamental até o ensino médio, aquilo que é obrigação do município, ensino fundamental até o nono ano nós vamos ter como disciplina obrigatória, nós vamos ter metodologia de aplicação ensino pedagógico de maneira transversal em todas as disciplinas para que todos tenham oportunidade de entender o quanto é importante enxergar oportunidades e ter menos visão de necessidades carteira assinada ele também de concurso público (E05).

De acordo com entrevistado 05, enxergar oportunidades de mercado e ter uma mente empreendedora representa uma habilidade que tem de ser aprendida desde o ensino básico. Pode ser vislumbrado a existência de um projeto de integrar a questão cultural do empreendedorismo de forma transversal em todas as disciplinas da educação básica. De acordo com o entrevistado, os alunos do ensino básico devem ser ensinados a vislumbrar oportunidades de mercado e depender cada vez menos de empregos com carteira assinada e concursos públicos. O entrevistado 06 acrescenta que diversos talentos formados pela universidade local não são aproveitados devido a cultura local de investir em empregos formais e concursos públicos.

> Hoje quantos talentos se formam aqui na universidade e vão embora porque a gente tem um mecanismo de ensino orientado a se colocar num emprego ou a passar num concurso (E06).

O entrevistado 07 relatou que, apesar do processo cultural abordado a cima, a cidade apresenta empreendedores de todos os tipos. Os empreendedores que empreendem porque observam uma oportunidade de mercado e os empreendedores que empreendem por questões de auto trabalho.

> Não é uma cidade que as pessoas só empreendem porque não tem emprego e também não é uma cidade que as pessoas só empreendem porque viram uma grande oportunidade de negócio. Não, a gente tem um equilíbrio onde as

> pessoas que veem oportunidades de mercado, e tem recursos, elas investem na cidade. A cidade tem um potencial muito grande e aquele empreendedor por natureza que precisa ter uma chance de tentar fazer algo que não tem emprego ou perdeu ou por necessidade, até pessoas que têm filho pequeno, muitos abrem assim e acaba dando certo. Essas pessoas elas têm um grande eixo de apoio (E07).

Apesar de ocorrerem empreendedores por oportunidade, a fala do entrevistado 07 demonstra que em diversos casos os empreendedores têm por costume a fuga do desemprego. Neste caso, o empreendedorismo pode se caracterizar como um processo de auto exploração das necessidades locais e por questões culturais fogem do contexto de empreendedorismo por oportunidades de mercado. O entrevistado afirma, que apesar de ser um caminho diferente, os empreendedores que iniciam sua jornada no empreendedorismo por necessidade, em muitos casos, acabam tendo sucesso e contam com uma rede de apoio para isso.

No grupo de foco, a categoria cultura foi bem discutida. Em um primeiro momento, se falou em uma guerra cultural entre o empreendedorismo acadêmico e o empreendedorismo de mercado. Neste contexto, os entrevistados comentaram que existe um distanciamento de linguagens entre os acadêmicos e os empreendedores.

> Linguagem de mercado é uma coisa violenta. Vocês têm uma linguagem acadêmica, vocês têm um conflito muito grande, vocês assustam às vezes. Estou falando isso como empresário (P10).

> A gente encontra certa resistência do mercado. Eles dizem, mas isso aí é acadêmico, eu sou um tecnicista. Não quero ler isso, sabe? E a gente tem o material. Às vezes a gente tem até um trabalho maior, de pegar uma coisa técnica que a gente construiu e desenhar no outro formato, que seja uma linguagem de mercado. Eu digo meu Deus, como é que eu faço uma dissertação com cento e poucas páginas, caber em uma imagem, numa linguagem? E aí é uma desconstrução em cima do que você escreveu. E aí às vezes você envia e não tem uma resposta. Às vezes se coloca na mão do empresário e ele não dá bola (P8).

Além da discussão entre mercado e academia, os participantes relataram que dentro da própria universidade a cultura do empreendedorismo enfrenta desafios de aceitação. As áreas de ensino de tecnologia e ciências sociais aplicadas enfrentam certa resistência das demais áreas de ensino quanto ao processo de difusão do empreendedorismo dentro da universidade e o seu papel na educação.

> A gente também busca aqui, dentro do processo do grupo, que ainda é pequeno, mas que está em ebulição, está crescendo. Trabalhar a inovação, que é entregar para a sociedade a tecnologia, transferir essa tecnologia. Ela é bem vista, sim, porque é um caminho que não vai ter volta. Mas nós tivemos uma carta de repúdio de uma unidade acadêmica. Nós temos 13 unidades que tem uma carta de repúdio. Nesse caso, 40 e poucos professores assinaram uma carta aberta à comunidade e eu, em estágio probatório... Das 13 unidades acadêmicas, 11 compareceram naquele dia nos apoiando (P11).

A questão cultural também foi abordada no grupo de foco, sob o ponto de vista do empreendedor de Rio Grande. Neste contexto, foi ressaltada a mentalidade de lucro como objetivo principal do empreendedor em contrapartida do desenvolvimento econômico sustentável da região.

> O pensamento primeiro Riograndense é cara, como eu ganho dinheiro? Em vez de pensar assim, como é que a região, como é que a gente se desenvolve? Sabe, sou eu primeiro, meu queijo primeiro. Nós temos que quebrar o queijo, o queijo é nosso. E tem um tamanho só. O mercado é esse aqui (P7).

Como pode ser observado, ocorre no município uma resistência ao processo de cooperação para viabilizar o processo de competição. Como o objetivo imediato dos empreendedores é o lucro, que pode ter relação com a questão cultural com do empreendedorismo por necessidade, o desenvolvimento econômico da região não é pautado como objetivo dos pequenos empresários da região.

> Depois que esse mercado ficar rico, aí a gente pode começar a fazer uma coisa mais feroz entre a gente. Mas até lá nós estamos juntos no mesmo barco. Nós temos a universidade aqui, que Gramado nem sonha ter na vida e nós estamos fazendo "ah gramado", Gramado não é nada. Obviamente que eles fizeram isso. Tem uma excelência que conseguiram. E por que conseguiram? Por que a cultura deles é diferente da nossa e o pensamento deles é preocupado com o desenvolvimento da cidade (P12).

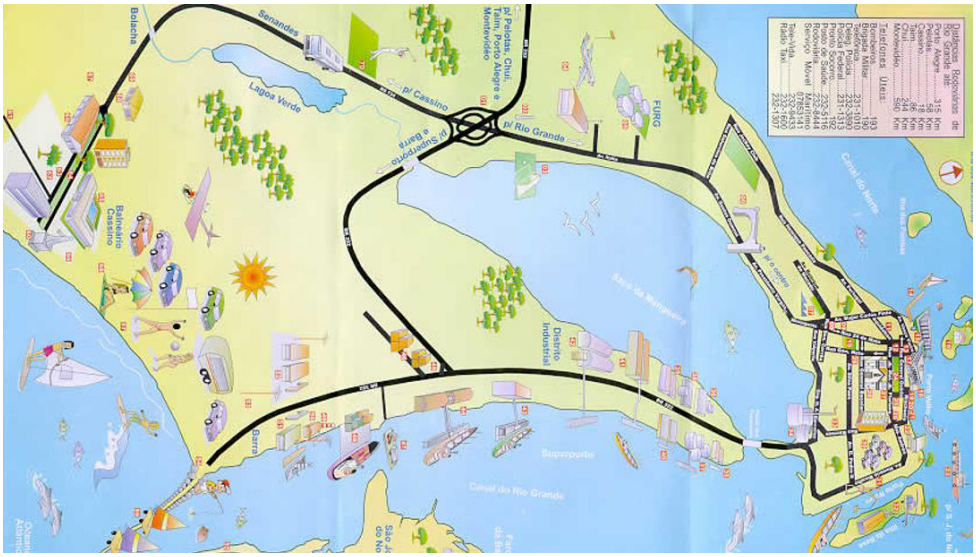
Os participantes do grupo de foco sugeriram que os empresários deveriam pensar no município como um mercado a ser desenvolvido. Neste contexto, em cooperação desenvolvê-lo para depois pensar em iniciar uma jornada de competição mais feroz. No geral, os participantes entendem que é necessária uma mudança no processo cultural que envolve o empreendedorismo na região, seja por meio da educação empreendedora desde a educação

básica até o ensino superior, seja por meio da mudança de mentalidade dos empresários locais em relação ao desenvolvimento local.

4. 1. 1. 3 Infraestrutura física

O município de Rio Grande apresenta uma infraestrutura física, no âmbito do empreendedorismo, diversificada que impõe diversas oportunidades de mercado (figura 7).

Figura 7 – Mapa comercial de Rio Grande - RS



Fonte: Google imagens.

É possível observar, com o auxílio da imagem acima, que o município conta com um centro comercial, onde se localizam as empresas de comércio e consumo. No capítulo de descrição do perfil empreendedor municipal, foi apresentado que este setor representa uma das maiores fatias do mercado de Rio Grande. Além do centro comercial, existe um balneário permeado pela maior praia de faixa de extensão territorial do mundo, que fomenta o mercado do turismo. O campus universidade federal, próximo ao coração da cidade, movimenta milhares de pessoas diariamente. Também ocorre a existência de um porto marítimo, que provoca uma demanda por escoamento do país inteiro e um distrito industrial que gera emprego e renda no município.

No grupo de foco, todas estas questões físicas foram tratadas como oportunidades de mercado a serem exploradas. Apesar da cidade contar com esta estrutura há muitos anos, o empresariado local segue focado em consumo imediato por parte dos visitantes e moradores da cidade. Apesar do projeto de organização das compras da indústria e do serviço público para que os empreendedores locais possam atende-las, estas oportunidades de mercado geradas pela estrutura física estão em etapa de concepção de projetos de exploração por parte do município.

4. 1. 1. 4 Demanda

A demanda do município é caracterizada pelas condições impostas por sua estrutura física. Neste contexto, as demandas que os empreendedores tendem a atender são aquelas oportunizadas pela existência do balneário cassino, da universidade federal, do centro comercial, do porto marítimo e do distrito industrial da cidade.

> A cidade é por exemplo a cidade que tem mais museus e eu mesmo não sabia. Então tem coisas bem nesse sentido, verifica que tá acontecendo isso em Rio Grande, aí tem o pessoal que vem se deslocando de fora para fazer prática esportiva. A gente mapeou mesmo as principais coisas que a cidade poderia explorar. Tem a parte de turismo empresarial, a parte de natureza, parte do Cassino, parte esportiva, então tem uma matriz bem interessante (E02).

A fala do entrevistado 02 demonstra que existem diversas oportunidades de mercado a serem exploradas no município. Em evidência, o turismo, em virtude de uma série de pontos turísticos promovidos pela existência do balneário cassino, do porto e dos museus municipais. Além disso, o distrito industrial do município promove uma série de movimentações econômicas, em termos logísticos e de suprimentos que os empreendedores municipais podem explorar.

> A gente tem aí hoje a possibilidade da indústria forte na cidade na área portuária aí e a indústria tinha muita necessidade de compras da parte deles que eram feitas fora da cidade fora do Estado até às vezes. Hoje se faz um estudo relacionado a isso, vemos o que eles precisam e para que esse investimento que eles fazem seja retorne de alguma forma né para o comércio local. Então hoje o que existe essa renda de descobrir tudo que a indústria local precisa para que o comércio local esteja preparado para receber essa demanda e suprir a necessidade (E03a).

Apesar da oportunidade de mercado existir no município, a questão das compras industriais e o atendimento desta demanda por parte dos empreendedores municipais é um movimento recente. Ainda em fase de estudo e preparação do comércio local, com auxílio do projeto cidade empreendedora do SEBRAE, o movimento dos empresários em observar esta demanda e explorá-la aparece de forma tardia e por imposição das instituições formais da cidade. Neste contexto, é possível observar que instituições formais tentam organizar o empresariado local para atender possíveis mercados inexplorados em Rio Grande, não é um movimento que surge a partir de empreendedores. Embora, hajam movimentos de

empreendedorismo local, a cidade ainda conta com investimentos externos e gera uma expectativa econômica sobre os mesmos.

> Hoje temos aí a expectativa enorme de uma estação de gás como se diz termo elétrica, mas eu acho que se isso tá certo e que vem, se vem aqui efetivamente para Rio grande, ótimo. Mas nós precisamos pensar na frente porque é energia de origem fóssil. Então pode ter um tempo de tempo de vida útil então para que Rio Grande não viva de ciclos nós precisamos da frente. Eu acho que uma grande uma grande oportunidade também é a área da Indústria, por exemplo, a possibilidade de escoamento. [...] Então eu vejo dessa forma, é a diversificação dos negócios porque a gente posta ver uma solução de continuidade para a economia da cidade (E04).

O entrevistado 04 atenta para o processo de finitude deste tipo de investimento externo, que impõe os ciclos econômicos já relatados nesta dissertação. O mesmo afirma o município precisa diversificar os investimentos internos e participar das atividades industriais, do potencial econômico que o distrito industrial coloca para os empreendedores locais. Neste contexto, o entrevistado 05 afirma que o potencial de compra local destas industrias representa um mercado a ser explorado pelos empreendedores municipais.

> Estamos mapeando todas as todas as indústrias de Rio Grande todas as compras que existem no município de Rio Grande sob o ponto de vista da indústria privada e todas as compras públicas município, Universidade, Marinha e exército (E05).

A questão das compras municipais foram objeto de debate em diversas entrevistas e permearam muitas categorias de análise desta dissertação. Desta forma, este projeto tende a se apresentar como uma prioridade nos projetos de empreendedorismo local.

No grupo de foco, os participantes ressaltaram a necessidade de observar as oportunidades de mercado que o município oferece. Desde os pontos turísticos como potenciais de geradores de consumo e a academia como uma estrutura que movimenta milhares de pessoas anualmente em direção ao município.

> O empresário acredita que tem que ter dinheiro na mesa, né? E a gente tem que mostrar pra ele que aqui tem dinheiro na mesa, tem consumo, tem mercado, é um lugar legal, é um lugar bonito. Temos vantagens turísticas, temos a academia. Então eu vejo isso com ótimos olhos.
>
> O terminal de containers é um exemplo disso, tem um projeto, como ocorreu com a FURG e com a Anhanguera, quando era 25 anos, e a gente investe em

> tecnologia pesadamente. A gente compra muita coisa do exterior, de São Paulo, Europa e Estados Unidos e nada em Rio Grande. Nós precisamos também para isso. Os empresários, o meio privado precisa olhar para o Oceantec, olhar para esses lugares e falar assim. Aqui tem gente inteligente, tem mercado.

Além das questões de compras e capital intelectual, uma demanda municipal que apareceu no grupo de foco foi a necessidade da criação e gerenciamento de bancos de dados a respeito da atividade empreendedora municipal. Embora haja projetos a respeito de mapeamento de empreendedores e oportunidades de mercado, estes projetos não são construídos em cima de dados sólidos a respeito do empreendedorismo. Dentre os participantes, 5 concordaram que esta ausência de dados representa um vazio nas relações institucionais do município, visto que o mesmo conta com um empresariado forte e interessado nas oportunidades de mercado, a prefeitura inclinada a criação de projetos de empreendedorismo e uma universidade federal com pessoas capazes de criar e gerenciar este tipo de banco de dados. Neste contexto, as partes interessadas carecem de acordos de cooperação.

> A gente tem uma grande carência de dados e foi exatamente essa inquietação. Quando nós buscamos escrever o projeto da rede de mulheres empreendedoras, a primeira coisa que pensamos é: onde estão os dados? E nós não tínhamos essa base de dados.

> Nós temos múltiplas bases segmentadas, dentro dessa segmentação de bases de dados, nós temos três cidades dentro de um mesmo município. A gente tem um parque tecnológico, com inteligência artificial e com múltiplos dados. A gente tem os pequenos negócios que geram pouca arrecadação e pagam salários acima da média e super empregam. E a gente tem a universidade que supre e gera conhecimento de ponta. Então a gente tem clientes que a gente precisa fazer vias de mãos duplas para as três pontas, então esses dados precisam alimentar todas essas pontas soltas.

A dificuldade de integração dos dados e acordos de cooperação foi vista por parte dos integrantes do grupo de foco como uma falta de estrutura colaborativa no município. Além disso, foi relatado que o município tem dificuldades de traçar seus objetivos econômicos. Entretanto, em um município repleto de oportunidades, de acordo com os participantes, é comum que se tenham objetivos diversificados.

> Uma coisa que eu sinto na nossa cidade é a dificuldade de definir objetivos. Então, a gente não sabe se a gente vai ser uma cidade turística, se a gente vai ser uma cidade portuária. Então eu sei que são várias coisas em uma só. A gente não vai ter um objetivo único, mas com pequeno. Essa coisa de que

> chegar mais mastigada a gente a gente consegue ver que tem vários ramos. A cidade, por exemplo. O cara que tá lá no cassino, que tem comércio, ele quer saber se vai ter turista pra consumir.

Embora alguns empresários tenham se manifestado que é necessário criar um objetivo específico, as discussões se voltaram para o aproveitamento das múltiplas oportunidades. Neste contexto, também se revela como demanda municipal, e a concordância de 03 participantes, um processo de sensibilização do empresariado local a respeito de como observar o processo de empreendedorismo. As falas dos empresários no grupo de foco, como a supracitada revelou um olhar focado para o consumo imediato e não para o crescimento econômico agregado.

Em síntese, as condições estruturais do ecossistema empreendedor de Rio Grande são caracterizadas pelas instituições formais relacionadas a prefeitura municipal, a universidade federal, o sistema S e o porto marítimo da cidade. A cidade conta com um balneário que movimenta a indústria do turismo, um centro comercial para movimentações na área de comércio e serviço, um porto marítimo e um complexo industrial que movimentam o setor logístico e de suprimentos e a universidade que movimenta o setor imobiliário. Todos os setores elencados movimentam o empreendedorismo por meio do comércio e serviços. Neste contexto entre instituições, infraestrutura e demanda, existem questões culturais a respeito do empreendedorismo que estruturam o ecossistema, como o empreendedorismo por necessidade, o conflito de interesses dos empreendedores e a dificuldade de entender o papel da educação no processo (figura 8).

Figura 8 – Condições estruturais do ecossistema empreendedor de Rio Grande.



Fonte: Elaborado pelo autor com base em Stam (2015).

4. 1. 2 Condições sistêmicas

De acordo com Stam (2015), as condições sistêmicas de um ecossistema empreendedor representam o coração do funcionamento do ecossistema. Neste contexto, a presença e a interação entre os elementos sistêmicos descreve a forma como o ecossistema empreendedor funciona. As condições sistêmicas são representadas pelas redes, pela liderança, pelas finanças, pelos talentos, pelo conhecimento e pelos serviços de suporte.

4. 1. 2. 1 Redes

De acordo com Stam e Van de Ven (2019), as redes fornecem uma interação a respeito das intenções e dos projetos de negócios locais. Neste contexto, funcionam como uma espécie de governança do ecossistema empreendedor. No caso de Rio Grande, foram relatados nas entrevistas dois movimentos em rede. O primeiro trata da liderança para o desenvolvimento regional (LIDER).

> Eu vejo um movimento Regional da cerca de um de um grupo chamado LIDER, que é a liderança para o desenvolvimento Regional, essa sigla né, que é liderada pelo Sebrae e trata de Inovação e empreendedorismo da Fronteira Oeste até a fronteira sul até aqui. Também fazemos parte de um movimento

> que é o INOVA RS que é liberado pelo governo do estado tem uma equipe sediada no Parque Tecnológico da universidade de Pelotas na liderança e em Rio Grande a FURG (E01).

O LÍDER represa um movimento do SEBRAE para tratar inovação e empreendedorismo na região sul do estado. Além disso, o INOVARS, projeto do governo do estado, também faz parte das atividades do ecossistema empreendedor e tem seus integrantes sediados no parque tecnológico das universidades de Pelotas e Rio Grande. Além destes projetos institucionais, existe um grupo municipal chamada rede de mulheres empreendedoras.

> A gente tem hoje a rede de mulheres empreendedoras que é uma iniciativa da primeira-dama que tem buscado essas pessoas que já estão empreendendo que tem algo lá no início, com uma ideia que seja ainda na informalidade de fazer docinho de fazer serviços manuais. Também temos o núcleo da mulher empreendedora aqui na câmara de comércio, porém a CDL representa o empreendedor formalizado né aquele que já tem um caminho já percorrido (E03a).

De acordo com entrevistado 03, a rede de mulheres empreendedoras representa uma iniciativa da primeira-dama do município que trata do processo de formalização de pequenas empreendedoras municipais. Desde o mapeamento até a regularização das mesmas. É possível observar que a CDL conta com um núcleo de mulheres que auxilia este processo por via do empresariado local já constituído.

No grupo de foco, os participantes compartilharam informações a respeito do funcionamento e dos objetivos da rede de mulheres empreendedoras. Neste contexto, a prefeitura criou um cadastro para mulheres que atuam em pequenos empreendimentos em casa, sob via da informalidade, para declararem suas atividades empreendedoras.

> Vamos fazer um georreferenciamento. Partir daí nós vamos fazer um mapa da cidade onde essas mulheres estão e o que elas estão entregando, independente da formalidade delas. Dentro desse ano alguns encontros com essas mulheres foram promovidos para a capacitação. A partir de um congresso, que teve o apoio da universidade e do Sebrae, passaram mais de 500 pessoas nos congressos. Então, a partir daí se surgiu a ideia dos polos. E aí nós vamos começar a formar polos de mulheres empreendedoras (P13).

A ideia da rede de mulheres empreendedoras reside em capacitar empreendedoras informais que atuam no município. Entretanto, o projeto se encontra em estado embrionário, na fase de mapeamento destas empreendedoras. De acordo com os participantes do grupo de foco

o objetivo da rede de mulheres empreendedoras reside em levar o conhecimento para as mesmas e fomentar a atividade empreendedora local.

> Então, ver o que aquela empreendedora precisa para empreender, o que ela vende. Ela vende a roupa pronta, mas ela vai precisar da caneta, vai ficar no papel. E aí a gente conseguir ter dentro do bairro aquele comércio que vai atender o empreendedor e aí faz girar. A economia gira em função de uma rede formada por empreendedores (P7).

Conforme o contexto apresentado pela fala supracitada, o objetivo da rede de mulheres empreendedoras reside em criar um sistema de suporte para o empreendedorismo local. Desta forma, uma integrante apoia as necessidades da outra e criam juntas um sistema de empreendedorismo local.

4. 1. 2. 2 Liderança

De acordo com Stam e Van de ven (2019), a liderança oferece ao ecossistema empreendedor orientação para ação coletiva. Neste contexto, a liderança pode emergir por via de parcerias público-privadas e também por líderes que emergem do empresariado local. No contexto de Rio Grande, as lideranças em direção ao empreendedorismo são organizadas pelas instituições formais interessadas na atividade empreendedora.

> O SENAC normalmente é uma das lideranças, nós incentivamos. Mas por vezes nos somos incentivados. Então por exemplo, para o programa liderança para o desenvolvimento Regional do Sebrae, o articulador principal foi o próprio SEBRAE. Nós tivemos um grupo de trabalho em Rio Grande há uns três anos que o SEBRAE também liderou. Porque ele tem esse papel na sua essência de trabalhar com pequeno empreendedor. E com o INOVA RS quem nos demandou foi a FURG a própria universidade através do Oceantec (E01).

Como pode ser observado na fala do entrevistado 01, as instituições formais do município coordenam projetos os quais é necessário assumir a liderança. Neste contexto, as mesmas procuram parceiros para a execução dos mesmos.

> Há muito tempo atrás, o SEBRAE, ele conseguiu uma governança empreendedora. A governança existe até hoje. E ela é uma iniciativa dos tipos os Vingadores. Assim, bem analogia de filme por aqui tu tinha ali alguns eixos trabalhados, como os eixos de turismo, de logística e educação empreendedora. E aí por algum motivo surgiram atores principais. E aí algum momento durante o período de 1 ou 2 anos foi esse pessoal que colocou umas demandas e metas e eles foram trabalhado. O grupo ainda existe até hoje (E02).

O caso supracitado revela antigos esforços de criar uma liderança para governança do ecossistema empreendedor de Rio Grande. Neste contexto, o SEBRAE na condição de coordenador do projeto, reuniu diversos atores interessados na atividade empreendedora para coordenar a governança do empreendedorismo em Rio Grande. Além disso, os atores interessados no empreendedorismo por parte do poder público também foram citados como exemplos de lideranças locais.

> O poder público, tanto Municipal como Estadual, através do porto de Rio Grande. Hoje nós temos uma liderança importante lá no porto. E hoje essa liderança participa também, então eu vejo que são muitos atores participantes desse processo. Então eu vejo assim, o poder público importantíssimo é um fomento na discussão na participação em geral e oportunidades facilitar a instalação de negócios e empreendimentos. Então eu acho que o município tem uma participação importante também (E04).

No contexto da fala do entrevistado 04, o poder público aparece como liderança no ecossistema empreendedor por via de agentes de alinhamento dos interesses locais. Além disso, o poder público atua como via facilitadora para realização de novos empreendimentos no município.

4. 1. 2. 3 Finanças

De acordo com Stam e Van de vem (2019), as finanças dizem respeito a oferta de capital para empresas e projetos consolidados ou em ascensão dentro do ecossistema empreendedor. Neste contexto, envolvem todos os agentes que injetam capital em atividades relacionadas ao empreendedorismo da região. No contexto de Rio Grande, os entrevistados expuseram que o acesso ao financiamento representa um caminho de dúvidas por parte dos empreendedores.

> A minha percepção é que eles dizem eu quero empreender, mas aonde eu vou, como eu vou, quem procuro, como acesso uma linha de crédito, por exemplo, se crédito para quem tem para empreender. Mas será que o cara que quer abrir uma barbearia, o cara quer abrir uma padaria, ele sabe que existe as linhas financiamento e como ele pode acessar? Então talvez o nosso próximo passo seja isso, uma evolução de movimento natural (E01).

No contexto apresentado pelo entrevistado 01, existem diversas linhas de créditos ofertadas pelos bancos para cada seguimento de empreendedorismo na cidade. Entretanto, o empreendedor tem dificuldades de tomar conhecimento da existência destas modalidades de

financiamento. A sugestão do entrevistado 01 é progredir nesta questão por meio de um movimento de acesso ao conhecimento.

> Nesse ecossistema, para fazer algumas sugestões, é preciso saber como anda o negócio, dar algumas dicas. Explicar sobre financiamentos por exemplo, bancários para ele quer aumentar se ele não quer aumentar se quer melhorar o negócio dele né. Explicar sobre linhas de crédito as vezes tem juros de alguns programas que ele pode se credenciar né e não sabe não conhece, desconhecimento né. Isso que teremos de fazer (E01).

Embora este movimento consista em tornar público o conhecimento a respeito das opções de financiamento para o empreendedor local, é possível observar que o município atua com questões de financiamento já estabelecidas para o mercado brasileiro, invés de propor suas próprias soluções.

> O projeto com o Sicredi é pra desenvolver negócios independentes. Se o cliente ele precisa de crédito, de alguma assistência do banco ou da cooperativa. Este projeto ele visa somente o desenvolvimento local. Então todas as cidades da zona sul recebem uma vez por ano. Uma parte subsidiada de consultorias são feitas pelo diagnóstico do SEBRAE. Analisamos essas empresas pra entender qual a maior necessidade e direcionar um produto, uma solução através do SEBRAE que fique de acordo com essa necessidade (E07).

Apesar de não ser uma iniciativa para o ecossistema empreendedor de Rio Grande, o projeto do Banco Sicredi elaborado para região sul do país também atende ao pequeno empreendedor em parceria com o Sebrae. Além do financiamento endereçado ao pequeno empreendedor, a atividade empreendedora de Rio Grande se alimenta de agências de fomento vinculadas ao governo federal.

> Conseguimos aí um milhão e trezentos mil reais em bolsa com o CNPQ, foi um resultado muito positivo. Trouxemos e vinte e duas empresas e doze foram contempladas com bolsas de mestrado e doutorado para elaboração de dissertação e teses junto dessas empresas (E06).

Em virtude da existência do parque tecnológico da universidade federal, o apoio do CNPq como órgão de fomento à pesquisa científica intervém na atividade empreendedora municipal, visto que assim como este capital fomenta pesquisas de mestrado e doutorado, estas pesquisas se alimentam das atividades do parque tecnológico que mantém pequenas empresas e *startups* dentro de seus limites territoriais.

No grupo de foco, os debates em torno das finanças do ecossistema empreendedor permaneceram em torno dos projetos da universidade. Orientados a transformar a Universidade Federal do Rio Grande em uma universidade cada vez mais empreendedora, seus representantes no grupo de foco ressaltaram projetos e os financiadores dos mesmos.

> Como vocês podem ver, tem muitos investimentos chegando, não somente da universidade, inclusive até o investimento da própria universidade. Mas a gente nunca para. Tem muitos editais, BNDS e sistema de busca para que isso aqui possa acontecer e começar a sermos também não somente uma universidade de pesquisa, extensão e ensino, como sempre foi esse tripé, mas também ser uma universidade empreendedora e inovadora (P11).

Além dos órgãos de fomento de pesquisa que tradicionalmente apoiam as universidades brasileiras, foi ressaltado pelos participantes do grupo de foco que o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDS) tem se apresentado como um importante parceiro para execução de projetos quando a universidade concorre à financiamentos por meio dos editais do banco. Embora estes órgãos de fomento sejam importantes, além do BNDS, do CNPq e dos empréstimos ofertados pelos bancos tradicionais para os pequenos empreendedores, outras formas de financiamento, como investimento anjo, não foram apontadas na discussão do grupo de foco.

4. 1. 2. 4 Talentos

De acordo com Stam e Van de vem (2019) os talentos de um ecossistema empreendedor correspondem ao capital humano para o empreendedorismo. Na pesquisa dos autores é levado em consideração apenas o elemento formação superior. Neste contexto, quanto maior a disponibilidade de pessoas de ensino superior disponível maior o espectro de talentos disponíveis para atuar no ecossistema. A respeito do capital humano, a presença da FURG e outras universidades particulares no município promove um alto grau de atividades de formação de nível superior na região. Entretanto, os entrevistados ressaltam que esta formação precisa de ajustes, pois o ensino técnico também é importante para o empreendedorismo e os meios de acesso à educação superior experimentam das desigualdades econômicas do país.

> Não to aqui dizendo que a academia não é importante, que o ensino regular não é importante, que a pós-graduação não é importante. Mas a gente tem que entender que nem todo mundo vai ter condições de chegar lá. Condições eu digo inclusive de acesso né igual dessas Universidades, ensino técnico. Mas as

> pessoas as vezes não tem essa oportunidade de educação profissional e no empreendedorismo eles ainda assim alcançam sucesso (E01).

O entrevistado 01 se refere ao processo desigual de acesso ao ensino superior como uma causa da existência do empreendedorismo por necessidade na região. Em diversos casos, as pessoas que não tem acesso ao ensino superior e, por consequência, uma formação para as profissões tradicionais, encontram no empreendedorismo por necessidade um meio de se sustentar. Além disso, as múltiplas áreas de formação da universidade levam a um processo de inserção desigual no mercado de trabalho.

> O mercado da área de tecnologia da informação está extremamente aquecido. Tu não consegues mais alunos de graduação pagando bolsa de quatrocentos reais. Os estudantes da área de que estão programando de casa para empresas de todo o Brasil. E por outro lado tu tens um paradoxo de vários formandos sem conseguir se colocar dentro do mercado (E06).

A entrevistada 06 ressalta que em áreas ligadas a tecnologia, são raros os alunos que aceitam bolsas de baixo valor, devido a alta procura por profissionais da área para exercer atividades remotas com boa remuneração por parte das empresas. Em contrapartida, em diversas áreas os alunos não conseguem colocação profissional.

No grupo de foco, foi debatido o aproveitamento destes talentos pelo empreendedorismo municipal. Os participantes do grupo apontaram a contradição do alto grau de formação dos acadêmicos da universidade e as baixas exigências de mão de obra qualificada demandadas pela atividade empreendedora local.

> A gente tem um limbo na juventude, que o cara é muito qualificado e não vai ter uma vaga para trabalhar comigo ou ele é pouco qualificado que eu não consigo colocar ele no comércio do meu empreendimento. Então, talvez seja uma busca de política pública ou privada e que a gente possa pensar em preparar pessoas para me ajudar a empreender (P09).

No contexto da fala supracitada, o debate ocorreu em torno da formação existente na cidade e da demanda por profissionais que a atividade empreendedora experimenta. Com a concordância de alguns participantes foi debatido que os negócios locais demandam pessoas aptas a atenderem no balcão da empresa, com técnicas de venda e não pessoas de formação qualificada.

> A qualificação dela é muito importante, mas, por exemplo, eu preciso eu sou comércio para mim ter alguém lá na ponta, precisando de um vendedor e não de alguém formado numa faculdade (P09).

Em contrapartida, alguns participantes relataram que é preciso ensinar para as pessoas o empreendedorismo de crescimento econômico agregado, com uma atividade empreendedora mais complexa do que o simples atendimento em balcão. Neste contexto, sugerem que a educação para o empreendedorismo deve permear a formação de base para que o jovem ao ingressar na universidade saiba que o empreendedorismo trata de crescimento econômico agregado e não apenas de atendimento ao público.

> A cidade empreendedora começa pela situação educacional que está aqui, estão fazendo isso porque na realidade a gente tem que entender que essa veia empreendedora, de crescimento econômico, que estamos falando tu só consegues colocar em uma pessoa jovem. Ela vai começar a entender isso. E aí, quando ela for adulta, ela vai já estar com aquilo no corpo. Ela já vai estar continuamente falando nisso quando ela vier aqui para a faculdade, ela já vai estar com isso na cabeça de por que uma pessoa qualificada não é vantajosa pra uma empresa? Porque ela não é orientada pro crescimento (P11).

Foi possível observar no grupo de foco que alguns representantes do empresariado local, em especial os pequenos comerciantes, não entendem seus negócios como empresas que buscam o crescimento econômico. Neste contexto, as atividades operam sob o objetivo final de estabilidade econômica da empresa. Assim, a baixa complexidade das atividades e a falta de orientação para o crescimento econômico das empresas não demanda a contratação de profissionais qualificados. Em contrapartida, a universidade forma profissionais qualificados e opera com o ensino de empreendedorismo orientado ao crescimento econômico. Assim, é possível observar uma desconexão entre o tipo de profissional que é formado para o ecossistema empreendedor e a mentalidade de necessidade profissional por parte do empreendedor local.

4. 1. 2. 5 Conhecimento

De acordo com Stam e Van de vem (2019), o conhecimento em ecossistemas empreendedores se dá no esforço empregado para aquisição de novos conhecimentos. Neste contexto, os investimentos em pesquisa e desenvolvimento representam o ponto de partida da análise. No caso de Rio Grande, a questão do conhecimento sob a ótica de pesquisa e desenvolvimento foi colocada em pauta pelos entrevistados com vínculo à universidade.

> A universidade ela não tem que formar empreendedores. Ela não tem que fazer novos empresários. Mas ela tem que ter o mecanismo para caso o estudante deseje, ele possa. Existe uma discussão latente também de como que não, não é o papel da universidade formar empresários, não é o papel da universidade formar empresas. Mas quem diz o papel da universidade? O estudante ele demanda, a universidade não tem que dizer para o estudante que ele tem que fazer ou não, mas ela tem que dar os instrumentos pra que ele possa, caso ele queira (E06).

De acordo com a fala da entrevistada 06 não é papel da universidade formar empresários, mas de possibilitar que esta opção. Além do papel da formação, surgiram relatos a respeito do papel da universidade em trabalhar com a inovação em seu campus.

> Precisamos ter uma universidade empreendedora. Eu fiquei feliz que saiu hoje que a FURG é a primeira universidade, é a primeira do estado, daí a terceira do país eu acho, em termos de inovação. Isso é um orgulho para nós. Nós temos que comemorar e temos que divulgar mais, cada vez mais, para que aqueles que não estão nesse ritmo, que entrem no ritmo de engajar as pessoas para que a gente consiga. Mostrar que é possível fazer isso que nós queremos fazer, fazer, fazer e fazer. Então, ninguém é melhor, todo mundo é igual, uns com mais capacidade e recursos, tem mais capacidade não precisa se esforçar tanto (E05).

Embora a universidade apresente um polo orientado para inovação, incubação de empresas de tecnologia e pesquisa e desenvolvimento na área. Alguns entrevistados relataram que existe uma necessidade de fortalecer a aproximação da mesma com o empresariado local.

> Eu estou vendo nesse momento que é academia, a universidade se aproximando das entidades empresariais quer seja na questão da inovação que seja na questão da pesquisa. Então acho que é a base para a gente empreender é isso. Eu acho que nós precisamos, Rio Grande precisa desse encontro de conhecimentos. Quando a academia, a Universidade se aproxima das entidades se aproxima efetivamente da realidade da comunidade, da realidade local. Isso nós temos uma grande possibilidade de desenvolvimento (E04).

Além da questão de pesquisa e desenvolvimento, os entrevistados abordaram a forma como a universidade repassa estes conhecimentos aos seus alunos bem como as características do empreendedor da cidade.

> A nossa educação precisa ser de melhor qualidade, com o melhor foco e principalmente com um viés, ou uma visão, de que o empreendedorismo

> precisa prevalecer em outras matérias. Então, pedagogicamente, nós temos que esteja de maneira transversal e até mesmo pensar em passar melhoras as essas disciplinas que estão são muito tradicionais que a gente tem que mudar também esses pensamentos das coisas para que a nós tenhamos alunos melhores preparados para o mercado de trabalho ao longo do tempo (E05).

De acordo com o entrevistado 05, as disciplinas precisam ser repensadas para tratar o empreendedorismo de forma transversal. Neste contexto, o tema do empreendedorismo precisa permear todas as disciplinas de todas as áreas do conhecimento. Por mais que a universidade disponha de disciplinas de empreendedorismo e gestão empresarial, a realidade do empreendedor local é diferente e, em diversos casos, carente de formação.

> Então o cara quer empreender, ele tem a noção básica né, mas ele tem que saber como fazer gestão financeira, como fazer gestão de marketing, como constituir o que ele precisa controlar. Então tem todo um ciclo que ele vai precisar passar, isso a prefeitura deve implantar sim, no máximo no primeiro trimestre do ano que vem (E01).

Neste contexto, o entrevistado 02 sugere que é necessário formar os empreendedores que já atuam no município. Assim, é necessário um mapeamento das empresas com potencial de crescimento e dar o devido suporte de conhecimento para estes empresários.

> Então a ideia é fazer um curso de empreendedorismo pra as empresas das potencialidades de possibilidade de área, de fornecedores. Conhecer na cidade toda a rede que existe. [...] a secretaria de desenvolvimento faz uma interação, pelo menos dar um ponto de referência, uma estratégia para que se consiga desenvolver a área de empreendedorismo na cidade (E02).

Embora ocorra pesquisa e desenvolvimento na região, esta categoria de análise trouxe mais elementos a respeito das demandas de formação para o empreendedorismo do que a necessidade de investimento em novos conhecimentos. Neste contexto, nota-se que a região precisa, em primeiro lugar alinhar o conhecimento entre os envolvidos na atividade empreendedora da região para, em um segundo momento, investir na busca de novos conhecimentos.

No grupo de foco, foi debatido o papel da universidade na geração de pesquisa e desenvolvimento para área de empreendedorismo. Neste contexto, foi ressaltado o avanço da universidade em relação ao *ranking* de universidades empreendedoras e a busca constante de inovações.

> Internamente, a gente está fazendo um trabalho, tem uma equipe engajada, fazendo um trabalho e a gente também consegue o respaldo da gestão superior para que a gente consiga, trabalhando pela inovação, que empreendedorismo para além dos muros da universidade. Todos nós aqui, sem dúvida nenhuma, que trabalhamos com inovação, estamos trabalhando para a região como um todo ou, dentro do mais, pra nossa cidade, sem dúvida nenhuma (P11).

Além disso, foi debatido o fato de a universidade expandir a disciplina de empreendedorismo para outras áreas do conhecimento, como as ciências biológicas e da natureza. Entretanto, foi ressaltado que apenas lecionar a disciplina para estes cursos não é suficiente e não está nos objetivos da universidade. Neste contexto, o objetivo maior da universidade é que os alunos de todas as áreas do conhecimento possam se engajar na pesquisa e desenvolvimento orientados à inovação tecnológica.

> Vai ter estudante de empreendedorismo que não vai querer entender o fenômeno e vai ter aquele que diz eu quero estudar o fenômeno. Eu quero perceber o fenômeno, mas vai ter gente que vai olhar, pra disciplina e dizer, mas eu tenho uma ideia de negócio. Vou querer colocar em prática e a gente tem que ter esse espaço para estes dois (P8).

Os participantes do grupo de foco ressaltaram que existem dois vieses de formação para o empreendedorismo. A parte científica de estudar o empreendedorismo como processo social, seus autores e fundamentos e a parte de formação do sujeito empreendedor. Neste contexto, o grupo debateu que a universidade precisa propor espaço para a existência das duas formas de conhecimento e formação.

4. 1. 2. 6 Serviços de suporte

Os serviços de suporte ou serviços intermediários, de acordo com Stam e Van de vem (2019), dizem respeito a disponibilidade de empresas intermediárias que facilitam o processo de empreendedorismo no ecossistema empreendedor. Neste contexto, estas empresas facilitam o processo de empreendedorismo por meio de serviços de assessoria. No caso de Rio Grande, os serviços de suporte abordados permeiam as atividades de assessoria empresarial e de formação para o empreendedorismo.

Na parte de assessoria empresarial o SEBRAE e o SENAC foram os mais citados dentre os entrevistados. O entrevistado 1 afirmou que em inúmeros casos os empreendedores apresentam grandes ideias, mas não sabem como operacionalizar as mesmas no mercado.

> A gente consegue por exemplo tá no Chuí, em Mostardas. Tá nas vilas daqui de Rio Grande para qualificar essas pessoas e às vezes o que a gente mais percebe, é que a pessoa quer empreender ele tem uma ideia, mas não tenho um método, não tenho um planejamento mínimo né. Não tem um plano de marketing. E o SENAC consegue ajudar, mas, precisamos fazer mais. O Senac ser o executor de um projeto de capacitação, é mais do que dar aulas, no nosso programa está proposto uma espécie de acompanhamento, daqui a dois ou três meses né, uma docente do SENAC que vai até o empreendedor e ver como está o andamento (E01).

Além disso, a sala do empreendedor gerida pela prefeitura apresenta diversos tipos de assessorias empresariais para aqueles empreendedores que pretendem iniciar as atividades no município de Rio Grande. Neste contexto, desde a operacionalização da ideia e os limites burocráticos da mesma até o processo de adequação da ideia ao mercado.

> [...] Por exemplo, um rapaz que comprou os pedalinhos da Redenção, que foi proibido lá, assim, o cara comprou e comprou. Ele não verificou se no mercado o que ele poderia fazer com aquilo e tal então, quando ele comprou, ele buscou na nossa sala e disse: comprei agora quero instalar. E aí às vezes a gente tem que falar para o cara que talvez ele poderia ter verificado antes isso. É uma questão de negócios, será que tem mercado certo, será que pode instalar, como é que tu vais usar isso aí. Então uma situação de direcionamento mesmo para os negócios que nós prestamos (E02).

Outra assessoria apresentada tem origem nas parcerias público e privado o qual uma empresa privada da cidade fornece espaço e recursos para realização de capacitação de empreendedores uma instituição de formação oferta cursos de capacitação para os mesmos.

> A YARA deu agora pra esse grupo de artesãos, aproximadamente vinte e cinco artesãos que queriam trabalhar como uma empresa, que não queriam ficar só na informalidade. Então, a gente fez um projeto onde a Yara subsidiou em cem por cento um ano de capacitação pra esses artesãos e hoje eles tem grupos, eles tem produtos, eles têm marca, inclusive a FURG também apoiou e identificou essa demanda, então eu acho que falta um pouco mais disso, as empresas grandes e privadas poderem intermediar essas capacitações pra que essas pessoas que não tenham oportunidade hoje possam pelo menos entender como é ter um negócio, se desenvolver e a partir disso gerar resultados pra própria cidade (E07).

Outros serviços de suporte como assessoria contábil e jurídica não apareceram dentre as falas dos entrevistados. Neste contexto, é possível observar que o ecossistema empreendedor

está orientado a formação de empreendedores e abertura de negócios e pouco se fala sobre os serviços necessários para a manutenção dos empreendimentos.

No grupo de foco, os debates em torno dos serviços de suporte do ecossistema empreendedor permearam os serviços de apoio em relação aos trâmites burocráticos necessários para realização de novos empreendimentos no município. O apoio da sala do empreendedor e do SEBRAE novamente foi exposto pelos participantes.

> Tem uma empresa que ocupa um prédio que é histórico e ela estava com problema de alvará e foi atendida pela nossa secretaria há um mês e meio. E esse problema se estendia há mais de quatro anos e ela conseguiu. E ela disse e conseguiu a liberação. Tá tudo certo porque antes ela vinha fazendo sucessivos alvarás temporários, porque não poderia consolidá-los (P07).

Além disso, foram colocados em pauta a organização de eventos por parte das diferentes instituições relacionadas ao empreendedorismo da região. De acordo com os participantes do grupo de foco, estes eventos funcionam como uma ação de unir as partes interessadas para que possam debater seus problemas e angústias.

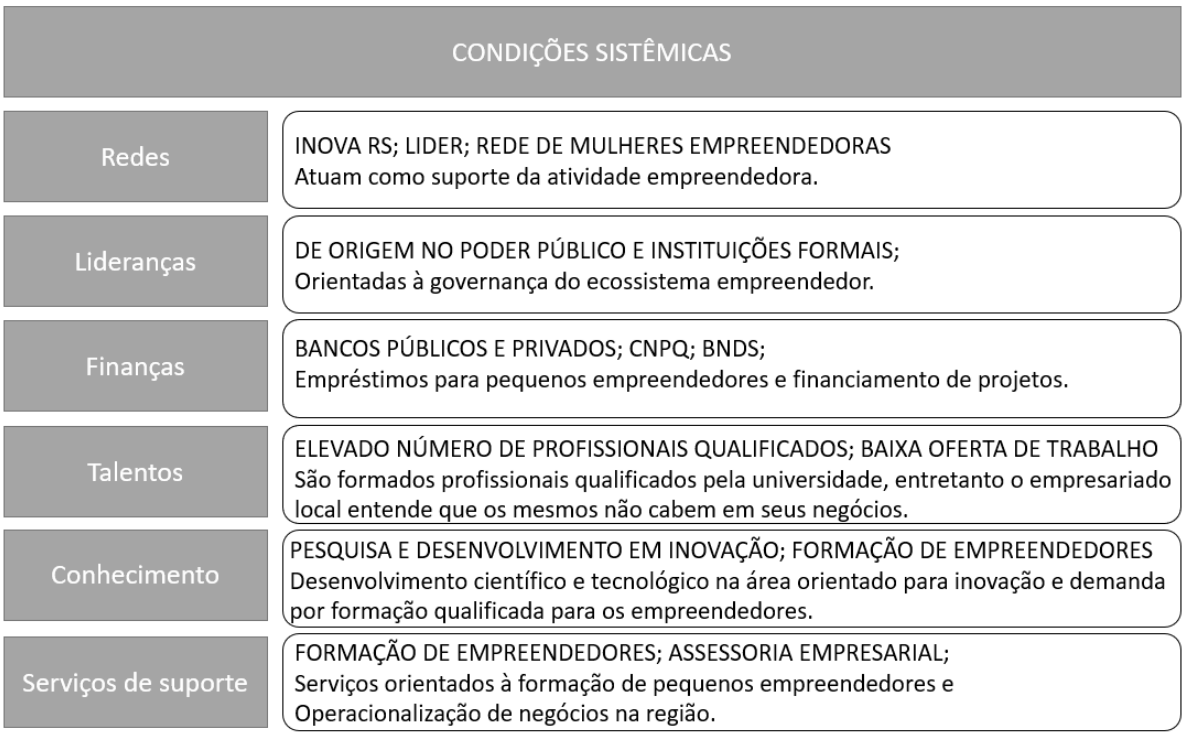
> É um programa da CDL, com a prefeitura em parceria, e a gente tem tentado juntar os empresários lá e fazer tanto os eventos para que a gente possa trazer turistas. A gente trazer conhecimento também para os nossos empresários e também ajudar eles a preparar os funcionários e eles mesmos para empreender (P09).

Em um contexto geral, no grupo de foco foi possível vislumbrar que os serviços de suporte debatidos pelos participantes são retratados apenas em questões de facilitação burocrática por parte da prefeitura e organização de eventos por parte de instituições interessadas em difundir o empreendedorismo. Os participantes do grupo de foco, assim como os entrevistados, não debateram a respeito de suporte jurídico e contábil.

Em síntese, as condições sistêmicas do ecossistema empreendedor de Rio Grande são caracterizadas pela formação de pequenas redes de empresários interessados em colaborar com a atividade empreendedores e as lideranças municipais tem origem no poder público e algumas instituições formais da cidade. Neste contexto, pouco foi abordado a respeito de lideranças de livre iniciativa. Os financiamentos do ecossistema têm como protagonistas os bancos públicos e privados bem como órgãos de fomento federal e pouco se fala a respeito de iniciativas de gestão de crédito dentro do ecossistema. Existe um elevado número de profissionais qualificados em contrapartida a resistência de oferta de cargos para os mesmos por parte de

empreendedores. A universidade é a protagonista em pesquisa e desenvolvimento na área da inovação bem como outras instituições que apoiam a formação de empreendedores. Por fim, os serviços de suporte do ecossistema, de acordo com os participantes da pesquisa, residem na formação de empreendedores e assessoria empresarial por parte das instituições formais do ecossistema empreendedor (figura 9).

Figura 9 – Síntese de resultados das condições sistêmicas



Fonte: Dados da pesquisa.

4. 1. 3 Produtos e resultados

Um ecossistema empreendedor viável, de acordo com Stam e Van de vem (2019), apresenta como produto de suas operações uma atividade empreendedora saudável. Como consequência deste produto, apresenta como resultado de seus esforços a construção de um valor agregado para a sociedade. Neste contexto, um crescimento econômico e um bem-estar social maior em relação a hipótese de as atividades não funcionarem de forma sistêmica. De acordo com os autores, os resultados sinérgicos promovidos pelo ecossistema representam a razão de sua existência.

No caso de Rio Grande, a atividade empreendedora é motivada pela geração de emprego. Em diversos relatos dos entrevistados esta foi a principal força motriz para empreender em Rio Grande. Entretanto, esta força motriz se mostrou orientada à fuga do

desemprego por parte de pequenos empreendedores e não a geração de emprego e renda por empreendedores ambiciosos.

> A gente sabe que a grande maioria da geração da riqueza do país vem do pequeno empreendedor, aquelas pessoas que botam a mão na massa. Buscam seu pequeno negócio, às vezes não tem não tem funcionários as vezes tem um ou dois colaboradores né, a riqueza [...] A pessoa pode fazer uma formação profissional gerar seu sustento, sustento da sua família e melhorar a qualidade de vida da sua família e gerar riqueza na verdade é o que a gente precisa no empreendedorismo (E01).

A atividade empreendedora de Rio Grande foi caracterizada pelos entrevistados como um processo que demanda esforços de manutenção. Neste contexto, ainda é necessário um processo de mapeamento e formalização das atividades em Rio Grande. Entretanto, as falas dos entrevistados 01, 03a e 06 enfatizam o viés da busca pela emancipação financeira do empreendedor individual por meio do empreendedorismo.

> [...]Ampliar a formalização de pequenas empresas, diminuir a mortalidade dos pequenos negócios e em conjunto com outras iniciativas. As pessoas se emancipam através da educação profissional no país onde é a média de estudos é 7 anos nós não temos ensino fundamental como já disse (E01).

> É para quem não tem emprego né. Então acho que representa uma economia saudável de pessoas ocupadas trabalhando e gerando a sua própria renda. E isso faz com que menos se se exija do que vem dado né bolsas e bolsas e bolsas que não que a gente tem algo contra bolsa mas, a pessoa aprender a fazer algo e ela mesmo poder gerar só para renda e em consequência disso mas às vezes a pessoa começa no negócio pequenininho daqui a pouco ela já tá gerando emprego para mais outras pessoas. E pagando imposto e esse imposto sim pode subsidiar aquelas pessoas que realmente necessitam por exemplo de uma bolsa porque tem uma situação de vulnerabilidade (E03a).

> No fim das contas você está querendo fazer isso tudo pra quê? Para diminuir a pobreza, para gerar mais oportunidade, manter os negócios aqui, gerar novos negócios que auxiliem as comunidades, que auxiliem as pessoas ao entorno (E06).

Embora a fuga do desemprego configure um elemento importante para o início da atividade empreendedora, a fala da entrevistada 03a enfatiza que em diversos casos este empreendedorismo por necessidade pode apresentar um viés de crescimento econômico e gerar emprego e renda para os cidadãos. Neste contexto, a renda do empreendedor, a fuga do

desemprego e a obtenção de impostos destas atividades representam as motivações principais para o exercício da atividade empreendedora municipal.

> Ganhar dinheiro entendeu, eu quero que todo mundo ganhe dinheiro. Ganhando dinheiro, a prefeitura ganha, porque vai pagar mais imposto. Com mais impostas, temos mais dinheiro para investir em educação, saúde, infraestrutura e fazer uma cidade melhor para os nossos filhos (E05).

Em relação aos resultados da atividade empreendedora, os entrevistados relataram que o principal valor agregado para a sociedade é a geração de emprego e renda. Além disso, a inovação e a retenção de talentos no município foram citadas.

> O resultado social do empreendedorismo pode ser visto por diversos indicadores. Poderia te dizer a geração de trabalho, renda e emprego. Hoje a nós temos mais de duzentos postos de trabalho juntos aos ambientes da Inovation e do OceanTech. Uma das empresas fundadas pelos nossos estudantes hoje tá empregando pessoas do Brasil todo. Acredito que conseguindo fazer que os estudantes se tornem autônomos a partir dos seus trabalhos. E trazendo outras pessoas, inserindo outras pessoas. E a gente conseguir modificar um pouco o nosso território, não perder os talentos (E06).

Além disso, a autonomia do estudante que investe esforços no empreendedorismo, principalmente em relação aqueles alunos que decidem empreender em parceria com o parque tecnológico da universidade, foi evidenciado pela entrevistada 06.

> Então é o papel do empreendedorismo e da inovação dos indicadores sociais é conseguir fazer com que os estudos de todas essas pessoas que saem da universidade conseguirem dar autonomia pro estudante. Gerar novas fontes de trabalho pra demais pessoas. Não apenas se colocando no mercado, mas gerando novos mercados (E06).

A geração de novos postos de trabalho como resultados do empreendedorismo bem como a criação de novos mercados foi evidenciada pela entrevistada 06. Neste contexto, a entrevistada afirma que este caminho é importante para solucionar o problema de falta de colocação dos estudantes que se formam na universidade.

> Temos grandes paradoxos porque a gente tem uma grande prospecção de projetos e uma capacidade de mão de obra que está sendo difícil de encontrar, por outro lado, a gente tem um conjunto de pessoas saindo formadas sem conseguir se colocar. Como que a gente junta esse povo? Como que a gente consegue melhorar (E06).

A entrevistada 06 conclui que são necessários esforços de cooperação entre as partes interessadas, pois inúmeras atividades da universidade ocorrem de forma isolada. Assim, a entrevistada afirma que se as atividades de inovação ocorressem de forma integrada poderia ocorrer um ajuste mútuo dos interesses e o resultado deste ajuste seria uma melhoria de resultados para o estudante.

> Porque muitas dessas pessoas podem estar atuando em habilidades *super hards* que estão sendo solicitadas, mas tu precisas de outras habilidades também. Então eu acho que a união faz a força. Se cada um continuar caminhando nos seus mundos, com as suas pessoas, com os seus projetos, com as suas ferramentas, com seus laboratórios a gente não vai ter o impacto que a gente poderia ter, se a gente unisse todos eles e os ambientes de inovação podemos construir algo que ajude em massa os nossos estudantes e nossa cidade (E06).

Em um contexto geral, os entrevistados afirmaram que o resultado principal da atividade empreendedora municipal é a busca pela melhoria na qualidade de vida. De acordo com os entrevistados, uma cidade inovadora, um crescimento econômico e busca por resolver os problemas da cidade levam a um empreendedorismo que propõe uma melhoria na qualidade de vida.

> Com a inovação se tem lugar melhor pra viver. Porque sair de casa e ver um negócio desenvolvido por ser atendido por uma empresa que é desenvolvida, tem um layout de uma empresa legal, você muda tua qualidade de vida tu fica num lugar que tu queres ficar (E07).

> Eu acho que é progresso, afinal de tudo é o progresso da cidade que é o resultado que se espera. Posso empreender sem fins lucrativos, empreender é empreendedorismo social, eu tenho empreendedorismo público tem empreendedorismo privado e o social (E02).

Outro esforço citado pelos entrevistados diz respeito ao resultado do empreendedorismo de manutenção do uso do dinheiro no município. Neste contexto, com o empreendedorismo local, os cidadãos podem gastar o dinheiro com empreendedores que exercem suas atividades no município, realizando uma economia circular.

> Mais do que isso é fazer com que a riqueza fique no município por que isso acontece muito em Rio Grande, eu percebo que a gente tem um dos maiores PIB do estado, geramos muita riqueza a riqueza não fica aqui. Precisamos, através do empreendedorismo, fazer com que as pessoas consumam na cidade

> e as pessoas gastem evidentemente aqui, estimulando a geração de emprego, gerando mais riquezas e qualidade de vida para toda população (E01).

No grupo de foco, os participantes debateram em torno dos resultados da atividade empreendedora. Assim como os entrevistados, foram relatados que os principais resultados da atividade empreendedora municipal representam a geração de emprego, renda e carga tributária. Além disso, foram relatados os resultados de crescimento econômico da cidade.

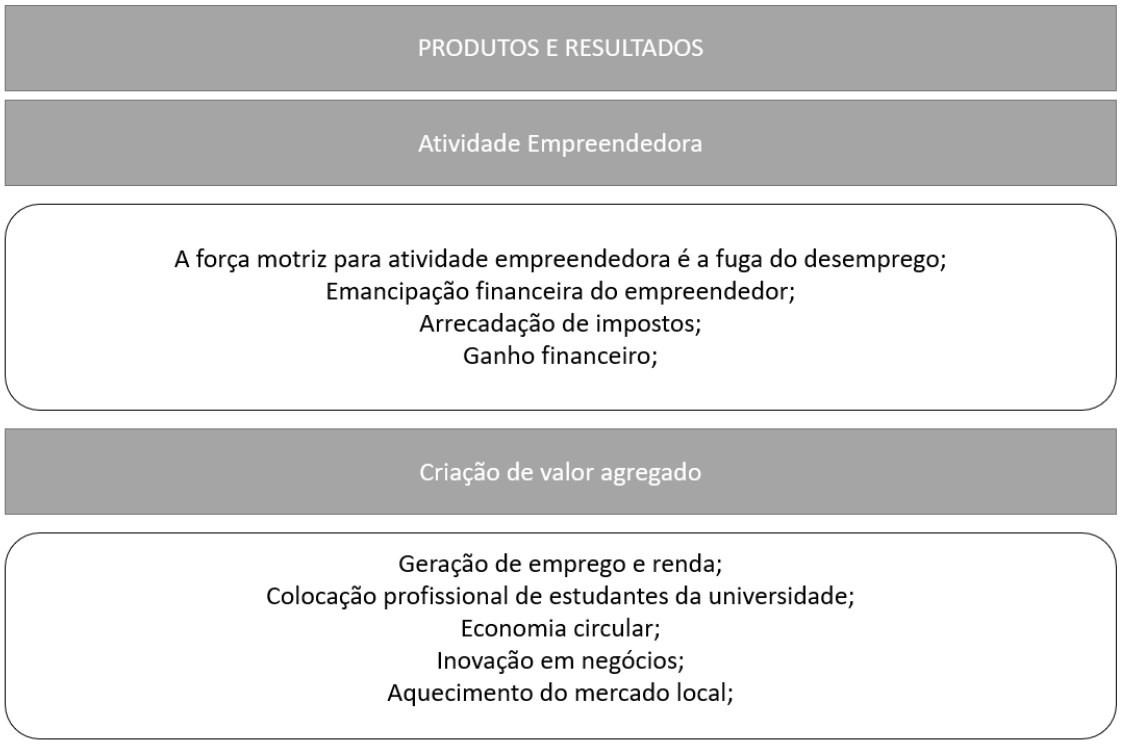
> No último ano nós conseguimos crescer 10%. Não sei se você sabe quantos negócios temos. Em Rio Grande, a gente tem 21.000 negócios em Rio Grande hoje, operando em um ano, um ano e meio. Um trabalho de desburocratização muito forte, que virou uma fixação da prefeitura (P10).

Além dos negócios abertos no município, os participantes relataram que o município representa a cidade que mais cresceu em número de negócios no Rio Grande do Sul. Os mesmos atribuíram estes resultados ao processo de desburocratização que ocorreu no município e as operações da sala do empreendedor gerenciada pela prefeitura.

> A gente não é só a primeira cidade, porque a gente tem um rank que a gente é a primeira cidade que a gente conseguiu crescer, 10%. Vocês têm ideia do que é isso? A gente aumentou 2000 novos negócios, a gente conseguiu chegar 6000 operações efetivas na Sala do Empreendedor. Sabe por quê? Porque quando as pessoas chegam lá, tem as meninas estão lá de corpo presente. Elas olham nos olhos das pessoas (P10).

Em síntese, os produtos e resultados do ecossistema empreendedor de Rio Grande se dão nos objetivos de recuperação dos índices de emprego e renda da cidade. Assim como a fuga do desemprego é a principal motivação para empreender no município, melhorar o índice de desemprego representa a causa dos investimentos em empreendedorismo na cidade. Neste contexto a atividade empreendedora é caracterizada pela emancipação financeira do empreendedor, arrecadação de impostos e ganho de dinheiro. Como resultados desta atividade empreendedora, todos os envolvidos na pesquisa relatam que a geração de emprego e renda e colocação profissional autônoma de estudantes representam o principal ganho do município em relação a atividade empreendedora. Além disso, o fortalecimento do mercado, geração de novos mercados e o fomento de uma economia circular dentro do município também representam ganhos da atividade sinérgica municipal (figura 10).

Figura 10 - Síntese de produtos e resultados do Ecossistema Empreendedor de Rio Grande.



Fonte: Dados da pesquisa.

4. 2 Estágio de formação do ecossistema

Os principais aspectos dos ecossistemas empreendedores, de acordo com Brown e Mason (2014), são os atores, os processos e as instituições. Além disso, os autores afirmam que os ecossistemas empreendedores passam por um período evolutivo. Ecossistemas empreendedores podem estar em estágio de desenvolvimento ou estágios de economia de escala. Neste contexto, a fim de atender o primeiro objetivo da presente dissertação, o ecossistema empreendedor de Rio Grande – RS foi analisado sob a perspectiva das categorias de análise extraídas do modelo de Brown e Mason (2017).

4. 2. 1 Atores dominantes e interações no ecossistema

Em ecossistemas empreendedores desenvolvidos, existe um elevado número de *startups*, empresas unicórnios e multinacionais que alavancam o desenvolvimento de novas ideias de negócios. Já em ecossistemas embrionários, o número de startups é reduzido e são as instituições locais que conduzem o processo de empreendedorismo (BROWN; MASON, 2017). Em busca de entender o processo de interação no ecossistema bem como os atores dominantes

do mesmo, os entrevistados representantes dos atores-chave foram convidados a comentar a sua percepção do processo de empreendedorismo no município.

Ao analisar os dados a respeito da presente categoria de análise foi possível observar que o processo de empreendedorismo em Rio Grande – RS se dá por meio de interações entre instituições e empresas consolidadas que operam no município.

> Eu vejo esse ambiente para o empreendedorismo de uma esfera macro, as instituições se falando, um planejamento estratégico participando junto e alguns eventos que incentivam [...] agora tivemos na semana do Empreendedor, o SENAC estava lá tivemos várias atividades, o que eu acho que pode melhorar! (E01).

> O secretário aqui em Rio Grande, no caso o secretário Desenvolvimento ele é um dos nossos diretores aqui da CDL. Hoje ele tem a cadeira de secretário né, mas ele sempre conversa com a gente daquilo que é importante, daquilo que nos prende aqui, de tudo que atrapalha o empreendedor de começar logo a fazer o seu negócio girar e para economia do município. Então existe bastante essa conversa de troca entre o poder público e nós como entidade que representamos o empresariado (E03a).

> Hoje tenho parceiros, o primeiro que tem me ajudado muito a gente tem uma parceria firmada com o SEBRAE. O SEBRAE é hoje realmente um grande aliado para uma Cidade empreendedora, nessas alterações de legislações eles nos ajudam muito. A FURG tem nos ajudado bastante, tanto o reitor, quanto o coordenador da incubadora de empresas e o diretor do parque tecnológico (E05).

É possível observar nas falas descritas acima que os atores dominantes no processo de empreendedorismo do município são representados pela Câmara dos Dirigentes Lojistas (CDL), pelo SEBRAE, pela universidade federal do município (FURG), pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) e pela prefeitura por meio da secretaria de desenvolvimento. Os atores dominantes, participam por meio do fomento de cursos de capacitação, realização de eventos, elaboração de políticas públicas e estreitamento de laços com o empresariado local. De acordo com os entrevistados 05 e 07 este processo é recente.

> Os empresários estavam loucos pra ser chamado, louco pra participar. Eu me reúno com a CDL, eu os chamo só para ouvir eles. Fazemos mensalmente, a gente faz um encontro de dois meses, faço uma espécie de prestação de contas da prefeitura. Mostramos o que nós estamos fazendo, ouço eles e deixo claro

> que eles podem ajudar, porque os empresários não podem ficar de fora da gestão da cidade (E05).
>
> Tem alguns outros grupos privados também que nos apoiam, grandes empresas do setor privado como a YARA que esse ano teve uma boa participação no projeto de desenvolvimento dos artesãos, a secretaria de cultura de desenvolvimento. São pilares aí que a gente tem pra trabalhar. E em relação a parceiros também eu vou citar aqui o Sicredi. Que é um parceiro que a gente tem aí há mais de três anos, temos um projeto em toda a zona sul onde eles apoiam tanto financeiramente como com consultorias pra que as empresas que são associadas se desenvolvam (E07).

De acordo com o entrevistado 05, os empresários começaram a ser convidados a participar de formulação de políticas públicas bem como se entregou aos mesmos um processo de prestação de contas dos planos do município em relação ao empreendedorismo na atual gestão da prefeitura. Já a entrevistada 07, afirma que as empresas municipais de grande escala apoiam o processo de empreendedorismo promovido pelo SEBRAE há pelo menos 3 anos. O processo de organização e gestão das *startups* é majoritariamente conduzido pela universidade federal do município por meio do parque tecnológico e da incubadora de empresas situada no mesmo.

> A gente tem junto a incubadora, o parque tecnológico, com diversos empreendimentos Spin-offs. Inclusive que tem ganho diversos prêmios nacionais. Muito na área de biotecnologia. Pequenos negócios gerando áreas de tecnologias do mar e biotecnologia com alto potencial de escala no mercado. A participação da universidade tem sido com a realização de eventos integradores e participação em conselhos. Junto com a prefeitura, onde tem todos esses agentes e onde a universidade planeja os eventos orientados a essas demandas que vem da cidade. Tem a prefeitura, os empresários para poder se pensar e construir junto com as startups da Inovattio e com o Oceantec, que são ligados à FURG (E06).

A universidade promove eventos e participa de editais de fomento a inovação promovidos pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), além disso conta com o seu orçamento federal para as atividades de fomento ao empreendedorismo no município. A universidade conta com parcerias de capacitação e interações em rede promovidas pela CDL e pelo SEBRAE.

> Promovemos eventos às vezes, desafios tecnológicos, hackathons e editais. O próprio programa do CNPQ de mestrado e doutorado acadêmico para inovação é um exemplo de como a FURG se encaixa no empreendedorismo (E06).

> A cada ano a gente tenta abrir novas parcerias, não só a quantidade, cita o exemplo da CDL que é uma entidade muito parceira nossa do SEBRAE, mas principalmente das empresas, ela traz capacitações pra desenvolver o empreendedorismo e também beneficiar os sócios da entidade. E o outro parceiro muito importante pra nós é a prefeitura. Não só com essa função do poder público no âmbito de projetos, mas sim também em nos ajudarem em ações. A gente tem por exemplo o UP, que é uma parceria que a gente tem com a FURG, a gente fez também este ano já vai ser o terceiro ano. Então tudo que o SEBRAE pode fazer na cidade pra fomentar o empreendedorismo e desenvolver o território, a gente faz (E07).

É possível observar nas falas das entrevistadas 06 e 07 que tanto a universidade quanto o SEBRAE contam com a prefeitura e a CDL para realizações de eventos e estreitamento de laços na rede, pouco foi falado a respeito da participação destas entidades em relação ao financiamento da atividade empreendedora. A interação se dá, de acordo com as falas supracitadas, com convites de participação e colaboração em eventos. Apesar de aparecer duas empresas da cidade como provedoras de recursos nas falas, as mesmas participam de projetos isolados das entidades e não foi foram abordados elementos que indiquem uma participação efetiva no processo de empreendedorismo da cidade.

No grupo focal realizado com atores-chave e empreendedores do município de Rio Grande – RS foi relatado a existência do conselho de ciência e tecnologia da secretaria de desenvolvimento do município. Os participantes relataram que é necessário no município um processo de interação maior entre a universidade, o poder público e o mercado.

> O ambiente da faculdade, da universidade tem que conversar com ele, com o ambiente do órgão público, tem que conversar com o ambiente da sociedade civil e o ambiente empresarial. Essas quatro classes não se conversaram (P10).

Neste contexto, 5 participantes do grupo focal concordaram que a universidade está cada vez mais aberta para diálogo com o mercado e com o poder público e diversas iniciativas estão em curso para o estreitamento dos laços. Os participantes que representam a universidade relataram que também é necessário o caminho contrário.

> Vocês (empresários) têm que se abrir mais para a universidade. A universidade também nunca esteve tão aberta a olhar, a olhar para fora de novo. Eu acho que está num momento muito positivo da universidade (P8).

Neste contexto, o empresariado local também precisaria se abrir para as pautas da universidade em relação a condução do empreendedorismo no município. Foi identificada a existência de uma pesquisa promovida pela CDL com apoio da universidade, entretanto esta pesquisa estava alinhada aos interesses da CDL em relação a composição da sua diretoria, com pouca ligação a atividade empreendedora na região. Além disso, 5 participantes concordaram que o processo de promoção de políticas públicas por parte da prefeitura tem sido realizado com a consulta aos empresários, instituições de suporte e a universidade.

> É uma questão de comunicação também. Acho que é importante, porque assim não adianta a gente ficar lá com um problema com a situação e não ter a comunicação de saber que aquele problema e aquela situação está passando (P7).

Também foi relatado um processo de interação entre os empresários, principalmente na época relacionada as restrições impostas pelas políticas públicas de combate a contaminação de corona vírus. Alguns empresários relataram que obtiveram suporte de estabelecimentos que tinham alvarás liberados para funcionamento para vender seus produtos em supermercados, quanto as políticas públicas promovidas pela prefeitura eram de fechamento das portas do comércio local. Entretanto, este processo ocorreu de forma simples, com conversa entre os donos dos estabelecimentos, sem nenhum tipo de promoção institucional para o mesmo.

> Se não fosse o supermercado na época, abrir as portas para a gente ter vendido nosso chocolate lá dentro, na porta do supermercado lá do shopping, não conseguiríamos desovar o nosso estoque no shopping na páscoa e esse empresário nos abriu as portas (P1).

Por fim, todos os participantes se demonstraram animados pela interação causada pelo grupo focal, promovido no coração da universidade. Neste contexto, 4 participantes concordaram que a iniciativa da reunião entre os representantes para debater o empreendedorismo no município representou algo que não aconteceria se não fosse a condução da pesquisa por parte da universidade e que outras iniciativas como esta deveriam entrar para a agenda pública de debate ao empreendedorismo.

> É muito bom escutar, eu estar dentro de um Oceantec, da universidade, que eu sou egresso, eu sou formado por aqui. Estamos tentando promover esses espaços e acho que é isso que vai levar pra frente (P11).

4. 2. 2 Orientação empreendedora

A orientação empreendedora, pelo modelo de Brown e Mason (2017), é definida pelo caminho percorrido pelas *startups* para se tornar uma empresa de *blockbuster*. Neste contexto, em ecossistemas empreendedores desenvolvidos, a orientação empreendedora é considerada alta visto que um vasto número de *startups* e o objetivo central das mesmas é o crescimento que culmina na geração de empreendedorismo de *blockbuster*. Assim, as *startups* crescem, se tornam grandes empresas e passam a ocupar novas posições dentro do ecossistema empreendedor. Já em ecossistemas embrionários, a orientação empreendedora é considerada baixa, visto que as poucas *startups* que emergem no ecossistema e conseguem crescer são vendidas para multinacionais com origem fora do ecossistema empreendedor.

No caso de Rio Grande, a orientação empreendedora pode ser observada nas falas dos entrevistados 05, 06 e 07. Entretanto, o empreendedorismo não é abordado sob a perspectiva da *startup*, mas na perspectiva da entrada e permanência de novas empresas na região.

> Se nós olharmos a nossa história, nós temos uma história riquíssima de empreendedorismo, de coragem e de inovação. As primeiras fábricas de tudo foram aqui. Ao longo do tempo, nós fomos perdendo e quando tu ver outras regiões que cresceram sem ter nada e crescendo e, por aqui, indústrias foram embora. Nós estamos ficando para trás, entendeu, das oportunidades, acreditamos que não temos o potencial que nós temos, tanto em termos de novos negócios quanto turismo (E05).

A fala do entrevistado 05, remonta a explicação dada aos ciclos econômicos da região expressa no capítulo 3. Neste contexto, apresenta-se um passado empreendedor em virtude de a região abrigar uma série de empresas em crescimento em diversas indústrias. Entretanto, as diversas crises econômicas, desencadearam uma série de encerramentos de atividades, apresentando no histórico da região uma sequência de acidentes econômicos e reposicionamento de atividades. Além disso, a fala do entrevistado 05 ilustra que a região experimenta de uma série de crenças relacionadas a capacidade da região, embora o mesmo aborde que a região experimenta de um potencial novos negócios, especialmente na área do turismo.

Embora existam projetos para que a região se torne mais empreendedora, estes projetos estão orientados a abertura de novas empresas de qualquer formato e processos de desburocratização. Neste contexto, não incorporam a ideia de geração de *startups* e incentivo ao crescimento até ao ponto de *blockbuster*.

> Então, aqui na cidade de Rio Grande, especificamente, a gente tem um projeto, que é o Cidade Empreendedora. A cidade vai apoiar o empreendedor, esse projeto trabalha além do poder público, que é o principal objetivo, os empreendedores locais. Com ele, teremos uma desburocratização nos processos de empresas e todas as secretarias se envolvem nesse projeto. Então partindo disso aqui, em Rio Grande, a gente já tem modelo de cidade empreendedora [...] isso significa que a cidade pelo olhar do poder público, ela já tem uma visão de uma cidade empreendedora (E07).

De acordo com o contexto apresentado pelo entrevistado 07, Rio Grande pode ser considerada uma cidade empreendedora pois está em um processo de desburocratização dos alvarás de liberação bem como setor de compras da cidade de modo a apoiar os empreendedores locais em seu crescimento. Embora o projeto auxilie no processo de abertura de *startups*, poucos foram os entrevistados que abordaram as mesmas sob a perspectiva do empreendedorismo no município. O termo *startup* só aparece nas falas da entrevista 06:

> A gente tem tido aí junto a incubadora, o parque tecnológico, diversos empreendimentos de startup, que vem de spin-offs de pesquisa. Inclusive que tem ganho diversos prêmios nacionais na área de biotecnologia. Pequenos negócios gerando áreas de tecnologias do mar e biotecnologia com alto potencial de escala e mercado (E06).

De acordo com a entrevistada 06, existem na região, em especial na universidade onde a mesma trabalha, diversas *startups*, especialmente na área da biotecnologia e, em alguns casos, as mesmas foram premiadas no âmbito nacional. Além disso, algumas destas *startups* apresentam alto potencial de escala no mercado. Entretanto, a fala da entrevistada 06, representa um posicionamento isolado, visto que a mesma trabalha no local onde as *startups* estão alojadas. Os demais entrevistados, tratam o empreendedorismo sob a perspectiva da empresarização.

> É claro que a gente está falando aqui de empreendedorismo, eu estou entendendo a maneira formal dos movimentos de abrir a empresa se constituir, mas, tem também o microempreendedor individual e muitas das vezes não tem é a pessoa como o nome já diz, é a própria pessoa (E01).

> Quantas pessoas hoje, daqueles mais de mil CNAEs, podem começar já a trabalhar, não precisam ficar um mês esperando pra ter um alvará ou uma avaliação da prefeitura. Então isso só tem a beneficiar o empreendedorismo, as empresas locais e também quem ainda nem é empreendedor, quem quer ser. Então com certeza hoje a gente ainda está trabalhando muito forte desenvolvimento do (E07).

As falas dos entrevistados 01 e 07 ilustram esta percepção do empreendedorismo a partir da abertura de novas empresas. Neste contexto, o empreendedorismo é visto sob a perspectiva da abertura de novos CNPJs no município, inclusive nas aberturar relacionada ao microempreendedor individual (MEI) e não na geração de novas empresas orientadas ao crescimento até o momento de se tornarem *blockbusters*.

No grupo de foco, foi relatado que existe, no setor de contas públicas da prefeitura um movimento de capacitar as empresas locais para participação nos processos de licitação, para que as mesmas possam crescer em faturamento atendendo a necessidade de suprimentos do serviço público.

> As contas públicas e privadas estão engajadas nessa mobilização, trazendo este novo tema para a mesa, que é capacitar as empresas a participar de licitações e como atender grandes empresas (P13).

Além disso, foi relatado que existem esforços para mudar as percepções a respeito de sucesso e fracasso dos empresários da cidade, para que observem as oportunidades de crescimento dentro da região. Duas pessoas concordaram que a cidade está diferente no tratamento de novos empreendimentos, principalmente relacionado a desburocratização do processo de instalação, um dos participantes relatou que uma *startup* foi criada e constituída na cidade em 2 dias. A *startup* em questão, encontra-se incubada na universidade da cidade, entretanto seu endereço fiscal estava registrado na cidade vizinha, devido a lei de liberdade econômica, foi possível realizar a mudança de registro.

> É uma startup nossa que ainda tinha o endereço fiscal dela no município de Pelotas, que ela abriu lá. Ela estava conosco, incubada, e agora, em função até da Lei de Inovação, ela está trazendo para cá o seu endereço (P11).

Entretanto, também foi relatado pelo grupo de foco, com a concordância de 4 participantes, que existem inúmeras iniciativas de abertura de empresas nas periferias do município, principalmente de mulheres que vendem pães e doces, ou possuem salões de beleza,

grande parte destas iniciativas individuais de empreendedorismo, por necessidade, ainda se encontram na informalidade.

> O que o que eu percebi em todos os bairros que eu andei tinham mulheres empreendendo. Tinha uma plaquinha ali naquela casinha ou pão ou doces, ou unhas ou cabelo ou qualquer coisa. Então, o que observei? Essas mulheres elas estão ali na informalidade (P7)

O grupo de foco também relatou uma barreira cultural relacionada a orientação empreendedora, com a concordância de 4 pessoas ao final da fala do participante. Esta barreira está relacionada ao crescimento da região e da cooperação entre empreendedores de um mesmo ramo. Foi relatado que um empreendedor abriu um espaço no mercado público e recebeu a notícia de que o município iria capacitar artesões para também ocupar aquele espaço e o mesmo entendeu que o município estava gerando uma espécie de concorrência prejudicial para o negócio do empreendedor.

> Hoje eu estive no Mercado Público, numa pessoa que está empreendendo, porque nós disponibilizamos um espaço. E quando eu falei pra ela, nós vamos capacitar, nós vamos fazer cursos, nós vamos qualificar o artesanato local. Ela disse não, tu vais fazer concorrência pra mim (P13).

Também foram relatadas diversas iniciativas da CDL, do SEBRAE, do núcleo de mulheres empreendedoras e da universidade para incentivar o empreendedorismo orientado à exploração das oportunidades de mercado e do crescimento de pequenas empresas. Neste contexto, foram relatados a promoção de encontros, palestras e *workshops*, orientados ao fomento do empreendedorismo, mas também a capacitação do empresário local para a orientação empreendedora. O grupo relatou que nestes encontros são feitas apresentações e falas de empreendedores de crescimento da região bem como presidentes de *startups* incubadas na universidade.

> Nós temos a Câmara de Comércio, nós temos a CDL, nós temos um núcleo de mulheres da Câmara de Comércio. Então, esses movimentos. Porque um depende do outro. Se a gente não tiver essa comunicação, esse apoio, esses eventos e esse suporte, as pessoas não vão saber o que acontece na cidade (P7).

4. 2. 3 Negociadores

Os negociadores, de acordo com Brown e Mason (2017), representam indivíduos bem relacionados que atuam no ecossistema como sujeitos que ligam novos empreendedores aos empreendedores existentes. Neste sentido, conectam recursos a ideias, empreendedores e o poder público. Os autores argumentam que estes indivíduos comumente são representados por empresários consolidados, ou ex-empresários, que atuam para fazer as coisas acontecerem. Em ecossistemas desenvolvidos existe um número elevado de negociadores, com trajetória de crescimento no ecossistema. Já em ecossistemas embrionários, os negociadores podem ser reunidos em uma pequena sala, estes tendem a dominar um setor específico da economia local e a maioria dos negócios desenvolvidos na região.

No caso de Rio Grande, foi observado que o turismo representa um dos pilares de atuação dos atores-chave. Neste contexto, representantes da prefeitura e da universidade atuam em conjunto com empreendedores para estabelecer o fomento do turismo como catalizador das oportunidades de mercado a serem exploradas por novos empreendedores.

> Fazendo um recorte hoje da prefeitura, mas eu enquanto instituição, participei de uma série de eventos de conversas de instituição para o programa da liderança desenvolvimento Regional aí tem um outro exemplo do eixo de turismo a gente tem um plano para desenvolver o turismo na cidade isso envolve empreendedores obviamente (E01).

> Eu vejo forte ligação do Distrito Industrial, das empresas e a situação de Rio Grande. Tem uma liga muito forte assim nesse sentido de atração de empresas em termos de informação e comercializar a cidade e suas potencialidades enfim. O SEBRAE, a FURG, organizam eventos, seminários, tudo. No turismo existem alguns planos já desenhados pela prefeitura, inclusive até com Banco Mundial (E02).

É possível observar que existe um pequeno grupo de empresários que se reúne para debater os caminhos da região no que tange a geração de emprego e renda, seja pelo empreendedorismo, seja pela atração de novos negócios na região.

> Hoje nós temos um grupo liderado por um jovem empreendedor que se destacou aqui no cenário Municipal. E hoje ele está se dedicando a coordenação desse grupo. Então se fala inovação e afins, mas eu acho que é sempre voltado ao empreendedorismo. Nós temos grandes possibilidades de trazer novidades para Rio Grande, de empreender em Rio Grande. Abrir caminhos e gerar oportunidades para todos aqui. Seja por uma startup, seja

> através de uma empresa tradicional, nós temos muitas oportunidades a partir desse grupo por isso, tenho grande satisfação em ver as a hoje isso tomando corpo (E04).

Além de se reunirem para debater a respeito da atração de investimentos e oportunidades de mercado, este grupo de empresários atua em empreendimentos sociais do município, como a gestão do hospital filantrópico da cidade. Em fevereiro de 2021, os empresários foram convidados para gerenciar o hospital filantrópico do município, a pedido da prefeitura.

> Eles estavam loucos para participar, foi só chamar. Na Santa Casa também tem um processo que a gente participou porque também se entendia que queria ter um lado mais profissional na gestão. A Câmara de comércio foi chamada para ser ouvida e mensalmente a gente faz um encontro de prestação de contas da prefeitura para os empresários (E05).

> Quando nós chegamos lá, em fevereiro esse desse ano, para você entender não tínhamos orçamento, planejamento, nós não temos sequer um propósito definido. Nós não temos proposito, qual é a missão, visão e valores. Essa falta de propósito, essa falta de foco fez com que a Santa Casa fosse tendo um déficit a cada ano. Isso gerou uma dívida, que se fosse uma empresa, ainda vende o patrimônio, fecha como empresa. Como é uma entidade filantrópica, nós vamos administrar a dívida. Eu acho que estava mesmo na hora dos empresários colocar essa sua visão dentro da Santa Casa, e na verdade, nós hoje lá representamos os empresários que se uniram para poder fazer com que se desenvolva na perspectiva de continuidade do negócio (E04).

É possível observar nas falas supracitadas, que além do envolvimento na geração de novas oportunidades de mercado para região, os negociadores se envolvem na manutenção dos serviços de suporte do município, visto que existe um déficit a ser superado para a boa prestação dos serviços para os cidadãos. Além disso, a prefeitura organiza encontros com estes negociadores para divulgar uma espécie de prestação de contas da gestão do município bem como utiliza deste pequeno grupo de empresários como conselheiros dos projetos de políticas públicas.

No grupo de foco, foi relatado que um grupo de empresários atua na organização do mercado da cidade, tanto em termos de organização de empreendedores para cooperação quanto em termos de gestão de suprimentos dos negócios dos mesmos.

> Se eu vendo pizza e tu vende pizza aqui no Sul, custa muito mais dinheiro trazer a farinha que sai muito mais dinheiro, trazer, por exemplo, uma queixa

> que eu ouvia muito. Era trazer o material para fazer sushi? Por que eu não me junto com todos os restaurantes? A gente traz esse material todo pra cá e divide os custos. Vai ser muito mais barato (P14).

Embora este grupo exista, 6 pessoas concordaram que é difícil implementar o associativismo na cabeça dos empresários, pois elementos como a concorrência podem representar pontos negativos da cooperação entre os mesmos.

> É muito difícil implantar o associativismo na cabeça das pessoas, meu concorrente, vai dar oportunidade pro meu concorrente, então ele vai vender mais do que eu? E aí tu vais qualificar. Mas aí a farinha que eu uso, tu vais usar também e vai ficar todo mundo na mesma qualidade? Então é muito difícil implantar o associativismo de forma pura (P10).

Além disso, o grupo comentou que existe um processo de organização, liderado pelo mesmo grupo de empresários, para que pequenos empresários locais possam atender as grandes empresas do terminal portuário da cidade. Embora os empreendedores do município não consigam sozinho suprir as demandas do polo industrial, existe a ideia de que empreendedores do mesmo ramo cooperem para fornecer os suprimentos suficientes para as grandes indústrias da região.

> Porque quando tu percebes que quatro ou cinco pessoas que fornecem uniforme sozinhos não conseguem atender ao terminal de containers, mas juntos eles conseguem (P13).

Além disso, foi relatado o papel da câmara dos dirigentes lojistas em organizar os empreendedores municipais, com a concordância de 3 pessoas, foi exposto que os empreendedores da região tinham por costume cobrar do poder público atitudes em relação ao empreendedorismo, mas de forma descoordenada. Neste contexto, a entidade promoveu, dentre seus associados, o espírito de organização das demandas do empresariado local e realiza o contato das mesmas com o poder público.

> E a CDL foi no cassino através de um tempo e me deu a oportunidade de protagonismo, de seguir um caminho e tentar organizar o empreendedorismo local. E isso foi muito bacana, porque teve uma proposta concreta, com credibilidade (P9).

Foi relatado também o papel da universidade, principalmente da nova reitoria, em implantar o empreendedorismo no município e abrir as portas da universidade para os empresários conhecerem as instalações de fomento ao empreendedorismo já existentes na

mesma. Três empresários reconheceram que há pouco tempo se tem a ciência de que a universidade investia na criação, manutenção e crescimento de *startups*.

> Claro que o conhecimento que a FURG está desenvolvendo para a gente, posso chegar em algum lugar e ver. Hoje vocês conversaram com a gente. Bom saber que o investimento de startup acontecendo, isso aí é muito bacana (P12).

Por fim, dois participantes expressaram que, embora os grandes empresários se organizem, os pequenos empresários precisam entender a necessidade de cooperação, sem dar peso ao fator da força de mercado que será dada para o concorrente, mas em virtude de atender uma gama maior de pessoas e explorar uma gama maior de mercados dentro da região.

> Para esse empreendedorismo fixo, pequeno, o que a gente tem feito é isso, é trazer e tentar o associativismo, o cara sair da frente da lojinha dele e olhar para quem está do lado, não só pro concorrente, mas pro lado, se juntar, pra gente, poder atender uma gama maior de pessoas (P9).

4. 2. 4 Empreendedorismo de blockbuster

O empreendedorismo de *blockbuster*, de acordo com Brown e Mason (2017), retrata as empresas emergentes do ecossistema empreendedor. Neste contexto, são empresas que surgem no ecossistema e apresentam ao longo dos anos um largo crescimento econômico. As empresas que crescem em uma determinada região, se tornam elementos fundamentais para manutenção do ecossistema empreendedor, pois passam a desempenhar outros papeis, tais como financiadores, negociadores e aceleradores de novos investimentos. Além disso, de acordo com os autores, um pequeno número de sucessos corporativos desencadeia uma cultura empreendedora maior ao expor casos de sucesso dentro do ecossistema. Em ecossistemas desenvolvidos, as empresas de *blockbuster* representam o empreendedorismo de alto crescimento a partir da inovação, normalmente vinculado a indústria da tecnologia. Estas empresas crescem em ritmo acelerado e passam a desenvolver outros papéis no ecossistema empreendedor. Já em ecossistemas em desenvolvimento, o número de empreendimentos *blockbuster* é limitado, ocorrendo pequenos casos de sucesso, em setores tradicionais e voltados ao consumidor como alimentação e bebidas. Neste contexto, embora o negócio se apresente de forma tradicional, o sucesso pode ser explicado por meio de ações corporativas disruptivas para a região.

No caso de Rio Grande, poucos foram os casos que se caracterizaram como empreendedorismo de *blockbuster.* Embora os entrevistados reconheçam casos de sucesso na

cidade, o empreendedorismo que dá certo é citado como aquele em que o empreendedor observa o sucesso dos grandes players e de alguma forma inova em seus processos gerenciais.

> O empreendedor que dá certo de qualquer forma é aquele que se dedica, aquele que corre atrás do objetivo que ele tem e termos casos positivos nesse sentido acho que é essencial. Não que tu faças igual, mas para que tu tenhas no caminho percorrido por alguém que deu certo que tu possas fazer aquilo também. E aí também criar o que tu achas necessário para ti especificamente com o um empreendedor iniciante, mas tem alguns exemplos que deram certo e cresceram (E03a)

Os entrevistados relataram que existem diversas ações de expor os sucessos da região para os jovens empreendedores. Neste contexto, é possível identificar que existem esforços de manutenção da cultura empreendedora local com base na história de vida de empreendedores locais bem como as barreiras e as oportunidades enfrentadas pelos negócios que cresceram na região.

> Agora no dia mundial do empreendedorismo feminino teve um evento, em um hotel da cidade, que foi promovido pela rede de mulheres empreendedoras que convidou então CDL para ser parceira do evento. As empreendedoras foram lá e tiveram alguns momentos para mulheres falarem a respeito de seus casos de sucesso e então encorajar essas outras mulheres que estão dando os primeiros passos a continuarem e também saberem que tem um apoio de outras mulheres que já estão mais avançados do processo (E03a).

O maior caso de sucesso de empreendedorismo local é representado por um supermercado, que ao longo dos anos de desenvolvimento do município tomou crescimento e hoje conta uma estrutura de 10 lojas, em três municípios da região, uma cede administrativa e uma central de distribuição. Além disso, o mesmo representa um dos maiores empregadores da região. Embora, ao longo dos anos o supermercado representou o principal *player* do setor de alimentos na cidade, diversos novos empreendimentos externos trouxeram filiais para Rio Grande, alterando a dinâmica da concorrência. Nas entrevistas, os representantes da empresa afirmaram que possuem um papel importante na região, embora novos *players* entrem no mercado, a empresa está disposta a se reinventar e gerar novas oportunidades para o município.

> Nós somos uma estrutura importante para Rio Grande que se adapta facilmente as questões do mercado. Hoje nós temos entrando em Rio Grande outros players do atacarejo. Eu acho que muito ao contrário de ser danosos, isso beneficia e faz a gente se reinventar. Faz a gente se desacomodar do posto de

> principal player, com isso temos hoje uma estrutura de empresa que está aberta para essa a mudança, temos projetos nesse sentido então dentro desse ecossistema, nos adaptamos facilmente a realidade. Então eu acho que a nossa empresa está preparada para contribuir com a evolução da cidade, se adaptar e gerar oportunidades também (E04).

Além disso, através da forte representação da empresa na Câmara dos dirigentes lojistas, o grupo participa de inúmeras decisões de incentivo a outras áreas do empreendedorismo de Rio Grande, como o turismo.

> A riqueza histórico e cultural da cidade, de belezas naturais, elas são comuns em muitas cidades e nós precisamos aproveitar melhor isso e como é que nós participamos disso, lá na CDL. Na CDL nós desenvolvemos um trabalho que eu faço para fomentar o turismo (E04).

O entrevistado representante da empresa, também relatou que, apesar o empreendedorismo em Rio Grande, como movimento, estar em seus estágios embrionários a empresa faz diversas ações para incentivá-lo, seja por representações em assembleias na prefeitura ou investimento direto em novas ideias.

> Porque as pessoas querem empreender lá? Nós precisamos tornar a cidade Rio Grande atrativa. Uma cidade mais moderna é melhor desenvolvida com oportunidade. Então é isso que a gente vê isso a gente consegue como, não é a nossa empresa que vai gerar isso, mas podemos participar, por exemplo, de uma assembleia junto com a prefeitura. Colocando à disposição a nossa estrutura e participando também. Nós investimos, fazemos diversos investimentos, seja pela lei de incentivo quer que seja diretamente. Nós financiamos diversas ações nesse sentido (E04).

No grupo de foco, pouco foi relatado a respeito do empreendedorismo de *blockbuster*. Neste contexto, os participantes pouco se envolveram em questões a respeito do papel dos *players* de sucesso da região, colocando em pauta apenas os assuntos referentes aos projetos da região e como que estes projetos se colocam nos seus negócios. Entretanto, dois momentos chamaram a atenção para esta categoria de análise. O primeiro representa o relato do diretor de uma grande empresa de terminal de containers logísticos localizada no porto da cidade. De acordo com o participante, a empresa há alguns anos tinha por objetivo a implantação de torres de telefonia móvel para melhorar o sinal da região, em virtude dos seus negócios. Embora o objetivo fosse interno, a empresa negociou com a empresa de telefonia móvel a implantação da rede em todo o município, beneficiando a região. Além disso, a empresa conseguiu com o

governo do estado, por meio de negociações, a liberação da concessão do sinal e a implantação das torres na região. Embora a empresa tenha enfrentados dificuldades para pôr em prática o projeto, na troca de governo municipal o mesmo segue em tramitação, no governo atual para ser implantado.

> Um exemplo prático, tem uma torre de celular que a gente quer botar na região do Distrito Industrial desde 2017. Para complementar, claro, nós tínhamos um objetivo, pensando em si, melhorar o sinal para a empresa que nós somos um grande cliente tem muitas, mas a gente fez pressão em cima da Telefônica, dona da Vivo, e conseguimos dentro da nossa área, junto a Superintendência de Porto Alegre, a liberação de uma concessão. A gente não é dono daquela área, mas a gente agilizou o processo (P2).

Outro ponto da discussão que chamou atenção para esta categoria de análise, no grupo de foco, se deu no instante que uma participante relatou um processo de como os pequenos empreendimentos afetam o faturamento dos grandes empreendimentos bem como a importância do sucesso dos empreendimentos maiores para o faturamento de pequenos empreendimentos. Na fala, a participante relata que uma empreendedora de bairro emergente pode gastar seu faturamento em supermercado pequeno, este por sua vez, se abastece nos supermercados maiores e os funcionários do alto escalão de supermercados maiores compram nas boutiques da cidade. Neste contexto, um empreendimento de pequena escala de um bairro emergente pode contribuir para o faturamento de grandes empresas e por sua vez realimentar a rede de empreendedorismo da cidade.

> Tem uma costureira lá na Santa Rosa e ela costura. Ela empreende, ela costura para fora. Enfim, ela está ali empreendendo. Aquele dinheirinho que ela ganha lá com as costuras dela, ela compra no minimercado lá da Santa Rosa, um mercadinho na venda aqui que vende para ela no mercadinho ele compra. Vamos colocar no Guanabara aí ou lá, que é o dono do exemplo da Guanabara, ele vai comprar numa boutique. O dono da boutique vai no salão de beleza. Então é mais ou menos assim que as pessoas têm que pensar que a roda gira na cidade (P7).

Embora a categoria de empreendedorismo de *blockbuster* não tenha apresentado resultados específicos no grupo de foco, é possível observar que existem empresas de sucesso na cidade e que suas atividades impactam no dia a dia da região. Seja por meio de ações de melhoria da infraestrutura física da cidade, por financiamento de eventos ou pelo processo de geração de emprego e renda e circulação de capital no município.

4. 2. 5 Reciclagem empreendedora

A reciclagem empreendedora, de acordo com Brown e Mason (2017), trata de aspectos relacionais do ecossistema empreendedor. Neste sentido, representa um processo de reflexão e atuação a respeito do histórico de empreendedorismo do ecossistema. Nas palavras dos autores, o empreendedorismo se apresenta aos empreendedores novos e velhos como um processo contínuo de construção social. Assim, antigos empreendedores que obtiveram sucesso podem investir os frutos de seu trabalho no próprio ecossistema por meio de investimento anjo e através de transferência de conhecimento. Os autores afirmam que este processo revela um ciclo de continuidade da cultura empreendedora do ecossistema de modo que os novos empreendedores podem dar seguimento em seus projetos com o apoio dos recursos oriundos da colheita de empreendedores do passado do ecossistema.

Outro ponto da reciclagem empreendedora retrata o processo de reorganização do ecossistema. Neste contexto, encerramento de projetos e sociedades podem gerar novos projetos de empreendedorismo. Assim, empreendedores com conhecimentos distintos oriundos de projetos independentes podem, em virtude da convergência de conhecimento e objetivos, se reunirem para dar início a um novo projeto dentro do ecossistema (BROWN; MASON, 2017).

No caso de Rio Grande, este tema aparece de forma inexplorada pelos participantes da pesquisa. Neste contexto, as indagações a respeito da continuidade da atividade empreendedora após as finalizações que empreendedores enfrentam pelos diversos motivos que os levam a isso geraram diversas reflexões dos participantes da pesquisa.

> A gente trabalha muito em cima do sucesso. Porque que as empresas fecham? Esse que eu tenho que entender, eu tenho na minha percepção enquanto diretor de uma instituição na maioria das vezes é por uma falta de aptidão, os empresários que confundem daqui a pouco a questão técnica de faturamento ou com o meu salário. Normalmente a gente faz um evento de cases de sucesso e talvez os cases de insucesso nos ensine muito mais né. Eu acredito dessa forma, então não, nós não temos um ecossistema preparado para trabalhar o fracasso ou com a descontinuidade de empreendimentos? O ecossistema não se preocupa tanto assim com os empreendedores que saem de projetos não se pergunta como e nem porquê (E01).
>
> Fechamento de negócios é uma questão de mercado que a gente não tem controle, sobre dar baixa na empresa porque enfrentei uma pandemia acho que a pandemia é o caso mais comum, melhor exemplo, tinham um formato de

> empresa e aí o que eu faço, a gente consegue orientar dentro das possibilidades (E02).

O tema foi tratado pelos participantes da pesquisa como algo recorrente na região: a finalização de empreendimentos. O entrevistado 1, na fala supracitada, reconhece que não existe um processo de entendimento dos motivos que levaram ao encerramento de projetos e também se pergunta se o município, na condição de ecossistema ou região empreendedora, consegue explorar as razões pela qual empreendimentos são encerrados bem como uma ausência de um processo de reorganização destes empreendedores. Já o entrevistado 2, acrescenta que o encerramento de projetos é observado sob um ponto de vista mecânico. Neste contexto, empresas fecham em virtude das dificuldades apresentadas pelo contexto da região e, dentro da burocracia imposta na região, o trâmite é feito sem a investigação do como e do porquê do encerramento do empreendimento.

Em relação ao papel das instituições do no processo de reciclagem empreendedora, os entrevistados expressaram que não existe na região nenhum processo de reorganização de empreendedores.

> A CDL não tem algo para reorganizar essas pessoas que encerraram projetos. Somente o que a gente tem é a nossa diretoria de empreendedorismo que nos ajuda bastante na qualificação e a contratação de cursos de qualificação. [...] nosso auxílio vem muito nesse sentido de proporcionar que a pessoa tenha conhecimento para aplicar no seu negócio (E03a).

> Especificamente não temos nada nesse sentido. O que nós do SEBRAE sempre indicamos é na linha de do início do negócio. Quando a pessoa quer abrir um negócio o ideal é que ela pense na viabilidade econômica daquele negócio, que ela estruture um planejamento, um plano inicial que entenda todas as variáveis e veja se ao menos aquele é o melhor modelo. Então muitas pessoas que tem uma ideia de ter um negócio tem uma veia empreendedora quando elas fazem o plano de negócios, porém na metade do caminho elas já enfrentam dificuldades (E07).

É possível observar nas falas dos entrevistados 3 e 7 que o tema é tratado a partir da perspectiva da finalização de empreendimentos em virtude da capacidade do empreendedor. Neste contexto, existe uma carga negativa imposta ao empreendedor relacionada fechamento de projetos. De acordo com as falas, a região se preocupa em qualificar o empreendedor para que seu projeto não se encerre e esta qualificação se dá no uso de ferramentas e técnicas orientadas a abertura de negócios. É possível observar que o ecossistema se estrutura do ponto

de vista da abertura de novos negócios, mas este processo é independente e vem da iniciativa de empreendedores. Assim, o suporte apresentado está relacionado aos novos empreendedores que precisam de ajuda. Não foi evidenciado, durante as entrevistas, que exista um processo de organização de empreendedores, nem a coleta de dados a respeito dos motivos do encerramento dos projetos e dos objetivos futuros destes empreendedores.

No grupo de foco, pouco foi relatado a respeito do processo de reorganização de empreendedores, em diversos momentos foi relatado que a cidade se preocupa em incentivar novos negócios, ofertar uma burocracia mais sofisticada para facilitar o processo de abertura de empresas, entretanto nada foi falado a respeito do encerramento das atividades. No grupo, o encerramento de atividades empreendedoras se dá em virtude das dificuldades apresentadas pelo contexto da região como pandemia, falta de qualificação do empreendedor para dar continuidade de seus negócios, falta de mão de obra qualificada para atividades operacionais e excesso de mão de obra qualificada que não pode ser aproveitada nos negócios da região. Apenas em um determinado momento o encerramento e a continuidade de projetos, por meio de assessoramento do empreendedor, foi questionado.

> Por enquanto, é se virar para pegar o dinheirinho do pão que eu vendi hoje e pagar as contas. Mas a gente se propõe a potencializar esse empreendedor? Agora, se ele vai adiante ou não? Bom, aí é o critério dele. Um "baita" exemplo que nós temos na nossa cidade é a Roberta, é uma guria que era bióloga. Mudou. Começou a fazer docinhos. Vendeu bombomzinho. Sim, mas ela empreendeu determinado momento. Ela abriu o negócio dela e fracassou. Ela mesmo conta várias vezes, fracassou, mas ela foi em frente, mudou a ideia e quantos podiam mudar as ideias e continuar? (P7)

Também não foi ofertada pelos participantes a explicação a respeito da existência um mecanismo de controle dos encerramentos dos empreendimentos tão pouco os objetivos futuros dos empreendedores que passam por desinvestimentos. Alguns empreendedores aposentados participam por meio do assessoramento da Câmara dos Dirigentes Lojistas aos empreendedores em atividade.

4. 2. 6 Políticas públicas

Brown e Mason (2017) afirmam que as políticas públicas representam a base do desenvolvimento de ecossistemas empreendedores ao redor do globo. Neste contexto, os autores apresentam três crenças a respeito da formulação de políticas públicas para o desenvolvimento de ecossistemas empreendedores.

A primeira, diz respeito a ecossistemas empreendedores que se concentram apenas no desenvolvimento de *startups*. Neste contexto, as políticas públicas formuladas dizem respeito ao incentivo e manutenção desta modalidade de empreendimentos. Os autores criticam esta abordagem pelo fato de as *startups* representarem apenas uma modalidade de ator dominante em ecossistemas empreendedores. Neste contexto, as *startups* que crescem e passam a se estruturar como grandes empresas passam a não encontrar mais suporte nas políticas públicas para o desenvolvimento de suas atividades e acabam migrando para outros *clusters* econômicos. Assim, ecossistemas empreendedores devem estabelecer políticas públicas orientadas a empresas de crescimento econômico, independentemente de sua estrutura organizacional (BROWN; MASON, 2017).

A segunda crença diz respeito ao enfoque de políticas públicas orientadas para empresas de base tecnológica, principalmente as que tem sua fundação no seio de universidades. De acordo com Brown e Mason (2017), este tipo de formulação de política pública é comum em ambientes cujo o desenvolvimento de inovação balizam as atividades do ecossistema. Embora muito comum, os autores argumentam que este comportamento não reflete a realidade do ecossistema empreendedor em sua síntese conceitual. Neste contexto, em regiões com baixo potencial de inovação ou ausência de indústrias de tecnologia, as políticas públicas orientadas ao desenvolvimento de base tecnológica se tornam insuficiente. De acordo com os autores, a essência do ecossistema empreendedor está descrita pelo desenvolvimento econômico e social em virtude do movimento sinérgico entre os atores, dos mais diversos setores econômicos, que o compõem. Neste contexto, as políticas públicas devem atender a todos os setores os quais o ecossistema empreendedor experimenta.

Por fim, Brown e Mason (2017) argumentam que a terceira característica que permeia a formulação de políticas públicas para o desenvolvimento de ecossistemas empreendedores diz respeito às intervenções políticas restritas. Neste contexto, um único ator dominante no ecossistema baliza a formulação de políticas públicas de acordo com seus interesses. Assim, a formulação de políticas públicas tende a atender o interesse de atores específicos e fortes no ecossistema como empresários, políticos e universidades.

No caso de Rio Grande, o entrevistado 5 reconhece a existência da desigualdade social da região. Neste contexto, uma das motivações para o desenvolvimento do ecossistema empreendedor da cidade reside no encurtamento da distância entre o PIB e o IDH da região.

> Hoje Rio Grande tem um desafio enorme pela frente que é diminuir o hiato que tem do PIB altíssimo e o nosso IDH lá embaixo. É muito distante, não tem porque ter essa distância do que é construído e o que é consolidado. Esse é um desafio que eu pretendo, que é o meu contrato em quatro anos, talvez não consigo fazer isso em quatro anos diminuir tantos esses hiatos. Mas deixar plantado que é possível fazer e agente produzir. Nós temos que gerar desenvolvimento (E05).

De acordo com o relato supracitado, os esforços da região em desenvolver o ecossistema empreendedor reside na geração de valor agregado para a sociedade. Esta definição de desenvolvimento está de acordo com a literatura de ecossistemas empreendedores (ISENBERG, 2016). Entretanto, no contexto de políticas públicas é possível perceber entre a fala dos entrevistados que um pequeno grupo de atores participam do processo de formulação.

> Quando a gente discute esse tipo de política normalmente é quem, a academia, SENAC, a prefeitura e o SEBRAE. E os empreendedores não. Então talvez aí seja um ponto de melhoria. Trazer pessoas que estão no meio e quais são as dificuldades deles. Aí eu não to dizendo só para pessoas que querem empreender. Mas aquelas pessoas que podem dizer quais são as dificuldades de manter o empreendimento aberto (E01).

Dentre os projetos de políticas públicas relatados pelos entrevistados o foco principal das políticas do ecossistema reside na formação de empreendedores, incentivos econômicos para a participação das empresas na modernização da cidade e a conexão entre os agentes do ecossistema para resolução dos problemas do município.

> Umas quatro semanas atrás eu estive no gabinete do prefeito [...] com ele apresentando um plano de capacitação para aquelas pessoas que querem empreender em Rio Grande. Na prática o negócio é assim, não vamos fazer o 5W2H e vamos pensar no futuro fazer uma matriz. O cara que quer empreender vai lá na sala do empreendedor em Rio Grande e consegue a regularizar o seu negócio, por exemplo, e dali ele tem uma trilha de formação que ele poderá acessar (E01).

> Nós precisamos de uma cidade mais moderna e melhor desenvolvida com oportunidade. Então é isso que a gente vê, mas isso a gente consegue como? Não somos nós, quanto empresa, que vamos gerar isso, mas nós, quanto empresa, vamos poder participar por exemplo, de uma assembleia junto com a prefeitura. Colocando à disposição e participando também. Com investimentos pela lei de incentivo (E04).

> Tem aí um projeto que vai ser construído com essas entidades, a prefeitura, as empresas, o governo e a universidade, não está nomeado isso ainda, mas ele é um projeto que liga os agentes da hélice justamente pra pensar ações pra resolver os problemas da cidade (E06).

Ao longo das entrevistas, diversos atores relataram o movimento de articulação para a política pública orientada ao projeto cidade empreendedora liderado pelo SEBRAE com os atores locais. É possível observar que a aprovação da lei de liberdade econômica aprovada no município teve por objetivo uma reestruturação na burocracia do município para a abertura de novos empreendimentos de baixo risco.

> Há pouco a gente teve ali na prefeitura o prefeito assinando a lei de liberdade econômica e ai desburocratizando uma série de atividades, ou seja, algumas atividades que tinha que ter uma série de regramento para poder abrir um negócio e hoje mais de mil atividades em Rio Grande elas não tem quase que a burocracia, posso chamar assim, esse movimento é uma vitória da sociedade, é uma vitória da dos pequenos empreendedores de todo mundo que apoia o movimento de empreendedorismo na cidade (E01).

> A lei de liberdade econômica, por exemplo, foi aprovada agora pouco, era uma meta que estava sendo desenhada para não ter tanta burocracia para liberar atividades de baixo risco. Aí os coordenadores que eram o pessoal do SEBRAE, do parque tecnológico da FURG. Eu fui dos coordenadores do eixo de empreendedorismo e com a gente tem alguma coisa para ligar o projeto com o reitor da FURG e os outros nomes a parte de logística como o porto e o distrito industrial (E02).

> O SEBRAE mesmo que há um ano ou dois anos atrás em São José do Norte ajudou a aprovar a lei de liberdade Econômica fez com que isso acontecesse e auxiliaram a prefeitura pra que isso acontecesse e aqui em Rio Grande esse ano isso aconteceu. E acho que sem o SEBRAE seria algo praticamente impossível porque eles foram mostrando o caminho (E03a).

Embora a lei de liberdade econômica facilite o processo de abertura de empresas, a grande política pública de empreendedorismo do município percorre o caminho da abertura de diversos tipos de empresas em diversos tipos de setores de atuação. Neste contexto, há um breve indício de que o movimento do empreendedorismo na região gira em torno da abertura de novas empresas, do ponto de vista da empresarisação.

> Aqui em Rio Grande, hoje a gente vê com a lei de liberdade Econômica aprovada que isso tudo facilita porque daí mais do que aquilo que já vem nato

> pessoa né de querer entender de querer a liberdade que o empreendedorismo proporciona junto com os desafios que eles proporcionam também quanto tá o ambiente em que é mais fácil desburocratizado Tem um negócio de poder seguir assim como os planejamentos sem as dificuldades que não precisam ser impostos se torna mais fácil acho que hoje na cidade o empreendedorismo está sendo visto o melhor olhos pelo poder público (E03a).

É necessário apontar que existe um interesse particular do SEBRAE na execução deste projeto. A fala do entrevistado 7 evidencia esta afirmação. No contexto de Rio Grande, o projeto cidade empreendedora representa a aderência de um município a um projeto elaborado e executado pelo SEBRAE para incentivar o empreendedorismo em diversos municípios. Assim, o projeto pronto e realizado em parceria com a prefeitura do município e outros atores da atividade empreendedora é ajustado de acordo com a realidade do município. Entretanto, os pilares do projeto são os mesmos para diversos municípios.

> Cada regional tem uma pessoa que é um gestor de políticas públicas. Neste caso, a articulação de projeto do Cidade Empreendedora é feita por ele, com o poder público. Neste caso de assinatura de contratos e todos os projetos que a gente tem, esse gestor de políticas públicas faz todo o acompanhamento e o levantamento das necessidades no âmbito municipal. O que que essa prefeitura aqui precisa pra que Rio Grande se torne uma cidade empreendedora? Então o papel do SEBRAE é fazer toda essa identificação junto com a secretaria e a partir daí já ter um script de soluções. [...] estamos trabalhando aqui em Rio Grande vários eixos. Tem eixo da inovação, tem o eixo de compras públicas que vai beneficiar muito os empreendedores locais. Então o SEBRAE ele realmente faz toda a operação. Ele faz a capacitação primeiramente do poder público pra depois analisar juntamente o que que pode ser feito com as empresas (E07).

Neste contexto, é possível observar uma semelhança com o terceiro caso a crítica feita por Brown e Mason (2017) em relação as crenças na formulação de políticas públicas de ecossistemas empreendedores. É possível inferir que existe um interesse de um ator particular, que é o SEBRAE, na execução desta política pública. Apesar do município adotar a participação de alguns atores-chave no processo de formulação do projeto, o planejamento e a execução do mesmo é orquestrada pelo SEBRAE.

No grupo de foco, as disfunções burocráticas existentes no município foram evidenciadas. Dois participantes comentaram que até o presente momento, os processos

burocráticos do município representam empecilho para o desenvolvimento do empreendedorismo.

> Eu entendo que, como empresário e como querendo o suporte, o apoio da cidade, mas nem sempre pode. Há a burocracia que nos impede muitas vezes conseguir (P9).

> Tu vai lá para Santa Catarina, as leis são outras. Aqui a coisa já muda de figura, já que muitas coisas já são empecilho para que a gente consiga avançar (P12).

Apesar da evidência de algumas reclamações a respeito da estrutura burocrática do município, alguns participantes abordaram que a cidade passa por um processo de reestruturação da burocracia municipal que tem por objetivo auxiliar o empreendedor em seus processos. Entretanto, foi ressaltado que é necessário planejar um processo de comunicação entre as partes interessadas para que as mudanças realizadas na estrutura burocrática do município cheguem nos empreendedores menores. Além disso, foi ressaltado que a lei de liberdade econômica colocou o município como uma cidade acolhedora de novos empreendimentos.

> O arcabouço legal está preparado. Eu acho que tem bastante gente trabalhando para que isso. Esteja mais favorável à criação de negócios. Agora a gente precisa se comunica mais. A gente não cita isso, a gente não fala disso. A gente tratou esses dias no conselho exatamente sobre isso. A nova lei de inovação vai sair. A gente já saber que quer criar uma startup em Rio Grande vai ser muito fácil, que é botar uma antena assim do jeito que vai ser facílimo (P10).

> Rio grande hoje é a primeira cidade do Brasil. Não estou falando do Rio Grande do Sul, do Brasil a ser mais acolhedora a qualquer empreendimento. Nós temos classificado 1.155 CNAE de baixo risco nessas cidades (P11).

Também foi relatado no grupo de foco o processo histórico que o município enfrenta. Os participantes comentaram que a estrutura burocrática do município está desatualizada, mas existe um processo de reestruturação da mesma. Além disso, outros projetos de lei, além da lei de liberdade econômica foram citados.

> Nós fomos a primeira cidade do estado, a mais antiga. O nosso plano diretor é de 1972. Então, todo o nosso regramento, nosso arcabouço institucional precisa respeitar ainda os processos burocráticos e os trâmites que não de nós dependem (P10).

> São ações que parecem poucas, mas não são a lei de Inovação, a Lei das Antenas e a lei da liberdade econômica. São quatro ações que, para o

> investidor, é uma enormidade barreira. Nós conseguimos trazer para o Rio Grande uma empresa de Porto Alegre. Por que? Porque nós fizemos a Lei de inovação, com uma nova lei de inovação. Eles vieram de Porto Alegre, transferiram o seu endereço comercial, seu adereço de jurídico para a cidade de Rio Grande e nós, por diminuir o valor do ISSQN conseguimos isso. (P13)

Apesar de ser intitulada como lei de inovação, na descrição dos participantes, o ponto forte da lei é a redução do Imposto sobre Serviços de Qualquer Natureza e a lei das antenas trata do processo burocrático para instalação e remoção de antenas no município que foi reestruturada. Estas leis, apesar de influenciarem pouco falam a respeito do crescimento econômico que remete a discussão de ecossistema empreendedor. Neste contexto, as leis foram incorporadas ao movimento do empreendedorismo, mas não foi possível auferir no grupo de foco se as políticas públicas foram executadas em prol do ecossistema empreendedor ou das atividades gerais no município.

Uma iniciativa da universidade federal da região chamou atenção e foi evidenciada por um participante. Neste caso, a universidade incorporou a sua estrutura uma incubadora de empresas de base tecnológica orientada ao crescimento e maturação de ideias de alunos da universidade para transformar seus projetos em empresas locais.

> A minha startup nasceu, graças às políticas da universidade e da incubadora que nós, enquanto projeto, iniciamos um projeto de pré-incubação de ampliação e tivemos a felicidade de ter parcerias e apoio do governo do Rio Grande do Sul e do governo federal (P6).

Apesar da iniciativa da universidade ter como foco o crescimento econômico como prevê a síntese conceitual do ecossistema empreendedor, a iniciativa representa uma política isolada da universidade, que tem como provedor de recursos o governo estadual e federal. Além disso, a iniciativa vai de encontro com a segunda crítica de Brown e Mason (2017) ao processo de formulação de políticas públicas, visto que tem por objetivo beneficiar apenas empresas de base tecnológica e não o ecossistema empreendedor como um todo.

4. 2. 7 Fluidez e Diversidade de atores

Em ecossistemas empreendedores, de acordo com Brown e Mason (2017), a forma como os atores se comunicam e troca informações e recursos tem relevância para as características de um ecossistema empreendedor. Além disso, é necessário levar em consideração o domicílio empresarial dos atores do ecossistema, pois viagens e trocas internacionais e entre ecossistemas afetam os resultados do mesmo. Em ecossistemas de escala,

os atores são diversos e com níveis de internacionalização altos, costumam não ser nativos do ecossistema, entretanto as trocas entres os atores são altas. Já em ecossistemas embrionários, os atores são predominantemente nativos, com negócios locais e as trocas entre os mesmos ocorrem em nível local.

No caso estudado, os atores são predominantemente nativos do ecossistema e pouco diversificados. Os empreendedores da região são descritos como pessoas que investem seus poucos recursos em ideias de negócios. Além disso, o processo de apoio entre os pequenos empresários é escasso. Neste caso, o empreendedor tem a ideia, empreende sozinho, quebra sozinho e encerra o projeto sozinho.

> O cara empreendendo por espasmos, como a gente chama. O cara foi demitido pegou rescisão empreendeu e daqui a seis meses quebrou. É o que a gente vê muito hoje por aqui (E01).

Os entrevistados reconhecem a necessidade de um processo que facilite a comunicação entre os atores. Além disso, é necessário que os atores observem e repensem o ecossistema de forma integrada, com diálogo e execução de novos projetos.

> Eu acho que é a cidade quem faz, o empreendedor e o empreendedorismo quem faz são as pessoas e não as maquinas. As máquinas não têm jeito, foram as pessoas conversando e debatendo e brigando as vezes também. Eu gosto de uma expressão que é nova que o pessoal fala ah tem que botar o bode na sala, eu nunca entendi porque tu projetar um bode na sala é o caos e outra coisa ninguém desenvolve sozinho ... se não tiver as pessoas conversando aí a cidade é estagna não tem jeito (E02).

Em uma tentativa de ouvir o empresariado local, um entrevistado afirmou que a Câmara dos Dirigentes Lojistas (CDL) encomendou uma pesquisa a respeito dos desejos de seus associados. Neste contexto, emergiu a demanda de uma renovação na liderança da instituição que até então era administrada por pessoas com mais tempo de empreendedorismo na cidade.

> Foi feito uma pesquisa da CDL para entender qual era o desejo do associado. E aí se descobriu nessa pesquisa que o associado queria uma liderança da CDL de pessoas mais jovens de novos empreendedores. Então a gente tinha uma diretoria bem tradicional com bastante experiência e o que o que o associado queria eram pessoas jovens a frente da instituição que é uma instituição tradicional (E03b).

Com a nova liderança, a instituição buscou atender demandas de seus associados e incluir novos contextos e ideias a respeito de empreendedorismo e inovação, demandados pelos empreendedores mais novos da região.

> E foi aí que eu apareci aqui e me chamaram porque eu sou empreendedora, eu sou empresária, sou do Comércio, mas eu sou jovem, eu tenho 30 anos e a instituição nunca teve alguém tão jovem representando. E acho que esse é justamente isso, o empreendedor novo chegando e sendo bem recebido pelo empreendedor já há mais tempo no mercado (E03a).

Embora seja um processo de interação que leva em consideração a diversidade de atores, esta atitude é isolada. Apenas a CDL tratou do assunto com propostas de intervenção. Os demais participantes relataram que fazem a sua parte e até mesmo conversam, mas não entraram em detalhes.

No grupo de foco, os participantes são predominantemente nativos do município, moram e atuam na região. Embora diversos participantes tenham vivências e contatos fora do município a cidade apresenta um processo de cultivar interações locais. Os participantes relataram um projeto a respeito de compras das grandes empresas e poder público. O projeto faz parte do projeto cidade empreendedora e tem por objetivo que as grandes empresas realizem suas compras com fornecedores da região.

> A gente vai trabalhar esse eixo de compras, esse projeto é exatamente a materialização ou a grande escala daquelas visitas feitas em 2019, 2020. Porque quando tu percebes que quatro ou cinco pessoas que fornecem uniforme sozinhos não conseguem atender ao Tecom, mas juntos eles conseguem. É isso que a gente está tentando resgatar nas pessoas a auto estima, a cooperação (P2).

Em contrapartida, para poder competir, empresários locais devem trocar informações e até mesmo firmar parcerias para atender a demanda. Entretanto, o processo se encontra em estágio de pesquisa e formulação e demanda de um maior tempo de execução para ser explorado.

4. 2. 8 Dinâmica Espacial

De acordo com Brown e Mason (2017), a dinâmica espacial retrata o alcance da atuação do ecossistema empreendedor. Se por um lado a categoria anterior retrata as interações entre atores, nesta categoria são tratados o alcance dos produtos e resultados do ecossistema. Em ecossistemas embrionários, a dinâmica espacial é majoritariamente em nível local, com poucas

questões a nível nacional e internacional. Já em ecossistemas de escala, o alcance dos produtos e resultados do empreendedorismo tem caráter internacional.

Em rio grande, os atores-chave concentram seus resultados no alcance do empreendedor local. Neste contexto, as ações dentro do ecossistema visam dar suporte e sensibilizar o empreendedor da região.

> A gente tem um trabalho mais profissional e um pouco mais no chão. Porque eu volto a dizer pra finalizar, nós temos algo muito bom institucional assim falando, programas e palestras, seminários, workshops, tem o parque tecnológico, tem um INOVA RS tem um líder, mas gente precisa chegar a quem precisa que é o cliente que é empreendedor (E01).

Embora as atividades se realizem a nível de empreendedorismo local, algumas empresas maiores instaladas no município também são atendidas pelos atores do ecossistema. Estas empresas colocam no ecossistema empreendedor uma dinâmica espacial maior, visto que o município experimenta de um porto marítimo e um distrito industriam que estabelecem relações a nível internacional.

> Nós atendemos os empreendedores na Secretaria, desde os micros empreendedores que seriam aquele pessoal que vende um cachorro quente por exemplo, até os empreendedores de alto grau que é o terminal de gás, refinaria, estaleiro, enfim, todas aquelas empresas que estão instaladas no Distrito Industrial passam pela secretaria de alguma forma (E02).

O projeto de organização do processo de compras da indústria e do poder público também aparece nesta categoria como um impulsor do aumento do dinamismo do ecossistema de modo que pretende aproximar os empreendedores locais de realizar transações de mercado com empresas de maior porte.

> A gente participa se colocando à disposição do poder público para organizar isso que vem sendo conversado com o SEBRAE relacionada à cidade empreendedora. O SEBRAE tá fazendo esse trabalho de pesquisa com a indústria e tem um ponto eles chamam a CDL, como representante do comerciante, para ver o que é necessário e a gente chama então o comércio e diz ... a indústria temos um estudo, uma pesquisa que a indústria precisa disso, disso e disso e dentro do teu CNPJ consegue fazer encomenda. Se tu consegues ter um preço que seja competitivo para oferecer para a indústria esse investimento que seria feito fora da cidade ou estado vai ser feito aqui (E03a).

A universidade, como ator-chave do ecossistema empreendedor, tem forte influência no tamanho das dinâmicas espaciais do ecossistema da região. Visto que os produtos de ensino e pesquisa realizados pela mesma possuem alcances internacionais.

> O papel da PROITI hoje, no empreendedorismo, ele é muito ligado à transferência de tecnologia. Então, quando tu tens uma inovação, e a gente é o décimo terceiro colocado aí em torno, né. Décimo segundo, décimo terceiro colocado mundialmente divulgado em termos de inovação, significa que o Brasil tem muita inovação em pesquisa. A gente pretende agilizar e aproximar o processo de transferência de tecnologia, gerando negócios, produtos e gerar processos para transferência (E06).

Além da universidade, o SEBRAE, como um ator forte no município, com presença nacional também representa um forte ator para o aumento do dinamismo espacial do ecossistema. O projeto cidade empreendedora, liderado pelo SEBRAE, reúne diversos municípios para debater o empreendedorismo a nível local.

> SEBRAE vai estar em todo lugar que tem negócios. Nós atendemos todas as cidades, então é todo mundo que quiser se desenvolver. O SEBRAE é o sistema que apoia o pequeno negócio então, pode nos procurar ou simplesmente entrar em contato com a regional do SEBRAE e vai ser direcionado, vai receber um atendimento e é isso que a gente faz, a gente desenvolve o território. A gente desenvolve empresas e principalmente percentual de gestão, a gente mede isso. O que tu tens que fazer pra isso? Então se tá muito na mão do outro lado, fica na mão do empresário, do empreendedor que quer se desenvolver ou não. Então, a gente faz um suporte todo a gente fala, dá dicas, tenta levar pro melhor caminho, a gente estuda negócios (E07).

No grupo de foco, chamou atenção dos pesquisadores participantes a demanda de reorganizar a cultura empreendedora local para que os empreendedores aprendam a observar o potencial da região em termos de estrutura física e demanda. Com a concordância de 3 participantes, foi relatado que existem regiões menores, com menos oportunidades que são melhores desenvolvidas que as região de Rio Grande. Também foi relatado que é preciso realinhar a visão de empreendedorismo, visto que em muitos casos os empreendedores surgem por necessidade e não pela oportunidade de mercado. Tornando as operações destes empreendimentos orientadas ao consumo local de modo a não aproveitar o potencial da cidade em termos de dinâmica espacial.

> Várias entidades vêm se esforçando para mudar o humor da cidade, mudar da forma que a gente enxerga o investimento no setor, enxerga comércio, enxerga renda, economia. Muitos empreendedores na nossa região são por necessidade, por falta de oportunidade, não enxergam ela como ela é. E isso tem a ver com a cultura empreendedora. Mas a gente vê que a nossa região, ela é a menos desenvolvido do estado, menos que a região Sul Campanha e fronteira. Se olhar no mapa, temos uma extensão gigantesca de terra e muitas coisas fortes para serem aproveitadas (P3)

Em suma, as dinâmicas espaciais do ecossistema empreendedor de Rio Grande, se encontram no meio do caminho entre um ecossistema de escala e um ecossistema embrionário. Apesar das atividades de empreendedorismo da região se concentrarem de forma local, orientadas ao comércio e ao consumo local, há projetos de expansão do alcance dos resultados do município. Há interações com atores externos em virtude de a cidade experimentar de uma universidade federal, um distrito industrial e um porto marítimo. Neste contexto, algumas relações de empreendedorismo cruzam as fronteiras do ecossistema. Principalmente na questão de pesquisa e tecnologia e serviços de importação e exportação.

4. 2. 9 Síntese de resultados e classificação do ecossistema

Considerando os dados expostos até o presente momento, é possível constatar que o ecossistema empreendedor de Rio Grande, de acordo com o modelo de Brown e Mason (2017), inclina-se para a classificação de ecossistema embrionário (Quadro 6).

Quadro 6 - Taxonomia básica de ecossistemas empreendedores – resultado do caso.

Dinâmica do ecossistema	**Ecossistema embrionário**	**Caso de Rio Grande**
Atores dominantes	Número limitado de *startups*. As firmas estabelecidas são o alicerce da economia local e frequentemente conduzem o processo de *startups*.	Baixo número de *startups*, as existentes se concentram no coração da universidade, que é o alicerce e inovação do município. A atividade empreendedora é organizada pelas instituições locais como a CDL, o SEBRAE, o SENAC, a prefeitura e a universidade.
Natureza das interações no ecossistema	Interações limitadas dentro do ecossistema. Fracas interações verticais entre *startups*, empresas maiores e fontes de capital de crescimento.	Os empresários são convidados a participar do processo de empreendedorismo promovido pelas *startups* pela universidade. Algumas empresas locais financiam atividades de empreendedorismo através do contato do SEBRAE e intermédio da CDL.

Níveis de orientação empreendedora	Baixo. As *startups* se concentram em saídas precoces e / ou prematuras. Firmas de alto crescimento são frequentemente adquiridos por multinacionais estrangeiras.	A orientação é baixa. Existem *startups* na região, mas o processo de desenvolvimento se encontra em estágio inicial. O movimento de empreendedorismo é direcionado à abertura de novas empresas, independente das motivações de crescimento econômico.
Importância do papel dos negociadores	Um número limitado de negociadores tende a dominar a maioria dos negócios importantes focados em setores únicos.	Poucos negociadores, os mesmos ligados ao turismo e o comércio na região. Os projetos são comumente liderados pela universidade e por agentes da prefeitura. Além disso existe um grupo de empresários que atua no assessoramento de políticas públicas, atração de investimentos e gestão de entidades sociais.
Fluidez e diversidade de atores no ecossistema	Predominância de empresários com domicílio local, baixos níveis de 'empresários transnacionais'.	Diversos empresários com domicílio na região e interações a nível local. Projetos de interação entre empresas multinacionais e empresários locais em estágio de desenvolvimento.
Nível de empreendedorismo de *blockbuster*	Limitados, mas às vezes empreendedorismo de "*blockbusters*" ocorre.	Apresenta-se limitado na região, poucas empresas emergentes e disruptivas, relatado apenas 1 grande caso no município. A empresa participa do desenvolvimento da atividade empreendedora por meio de participação em assembleias, financiamento de eventos e projetos do poder público e do sistema S bem como representação junto à CDL.
Natureza da reciclagem empreendedora	Pequeno número de grandes 'saídas' de mercado. Baixos níveis de reciclagem empresarial, mas limitados a pequenos projetos. Número limitado de anjos, principalmente sindicalizados e co-investimento com fontes governamentais de capital de risco.	Diversos relatos de encerramento de empreendimentos. Nenhum mecanismo de reorganização de empreendedores e de transformação de empreendedores de sucesso em investidores anjo.
Dinâmica espacial	Principalmente focado de forma local com algumas	Empreendedorismo focado em consumo local. Existem diversos empreendimentos com

	conexões com outras interações nacionais para financiamento, capital humano e inovação.	relações internacional e universidade que divulga seus resultados a nível internacional. Entretanto, esta dinâmica espacial mais abrangente é pouco aproveitada pelo empreendedor local.
Importância e foco de políticas públicas	Papel forte para a política, normalmente se concentra no aumento de recursos (especialmente financiamento) para novas empresas de base tecnológica.	As políticas públicas se encontram em processo de formulação e retratam um processo de organização de atores-chave e qualificação de empreendedores. Ainda em processo embrionário, as políticas públicas aprovadas têm por foco a reestruturação da burocracia do município bem como reorganização da atividade empreendedora da cidade.

Fonte: Brown e Mason (2017, tradução própria) e dados da pesquisa.

É possível observar no quadro 6, que o ecossistema empreendedor analisado se aproxima das definições de Brown e Mason (2017) de um ecossistema embrionário. Esta aproximação se dá em virtude do número limitado de atores-chave, interações em níveis locais, formas de financiamento limitadas, baixa participação de grandes empresas em projetos de novos negócios, interações limitadas e a nível local, poucos casos de empreendedorismo de *blockbuster*, políticas públicas em estágio de desenvolvimento e diversos casos de encerramento de empreendimentos em contrapartida de poucas ações de reciclagem empreendedora.

5 DISCUSSÃO

Com base nos resultados supracitados, com o objetivo de atender aos objetivos III e IV e responder as questões balizadoras 2 e 3. Se faz necessário um debate acerca dos achados da presente pesquisa. Neste contexto, este capítulo debate a aplicabilidade e desconexões dos modelos de Stam (2015) e de Brown e Mason (2017) ao contexto do caso estudado. Além disso, em virtude do caráter exploratório do presente estudo, com base nos resultados e no debate teórico empírico, serão propostas implicações práticas para que o município de Rio Grande seja caracterizado como um ecossistema empreendedor bem como uma agenda de pesquisa para atender os gargalos teórico-empíricos encontrados na pesquisa bem como o desenvolvimento da temática em regiões similares ao município de Rio Grande.

5. 1 O modelo de Stam e o ecossistema empreendedor de Rio Grande

O modelo de Stam (2015) representa um modelo de causas ascendentes e descendentes para a análise de elementos do ecossistema empreendedor. Neste contexto, exprime como os fatores estruturais e os fatores sistêmicos de um ecossistema empreendedor, em causa descendente, caracterizam a atividade empreendedora de um ecossistema bem como definem o resultado final do mesmo bem como, pela via ascendente, estes resultados afetam os elementos estruturais e sistêmicos do ecossistema.

No caso de Rio Grande, o ecossistema empreendedor está estruturado por atores e instituições fortemente ligados aos governos estadual e federal. Em alguns casos, associações de representação do empresário foram citadas. Neste contexto, nota-se que o ecossistema empreendedor de Rio Grande possui instituições formais ligadas à atividade do empreendedorismo. Entretanto, não foram citadas instituições fundadas em virtude do mesmo. Assim, existem esforços de manutenção do empreendedorismo por parte de instituições estabelecidas para outros fins que dedicaram esforços para esta atividade. A cultura empreendedora do município dá ênfase ao empreendedorismo por necessidade, deixando de lado a participação de empreendedores ambiciosos. Neste contexto, as oportunidades exploradas dizem respeito a atividades exploráveis pelos empreendedores e não oportunidades de mercado local. Além disso, é forte a necessidade de ganhos imediatos que coloca os interesses particulares dos empreendedores acima do desenvolvimento econômico regional. Com a existência de um balneário, um distrito industrial, um centro comercial, uma universidade federal e um porto marítimo, a demanda experimentada por este ecossistema dialoga com as demandas das organizações ligadas a estas estruturas físicas.

Já as condições sistêmicas do empreendedorismo em Rio Grande refletem um caráter emergencial em suas atividades. Neste contexto, não foram expostos planejamentos estratégicos que culminaram na geração de condições sistêmicas, ou seja, as condições sistêmicas presentes no município funcionam como suporte a uma atividade empreendedora desconexa já existente que foram criadas por atores interessados na melhoria da atividade. Assim, as redes relatadas dão suporte à atividade empreendedora, mas não buscam novos mercados à explorar, as lideranças tem origem no poder público e carecem de protagonismo da sociedade civil e do empresariado, o financiamento de projetos tem origem no aproveitamento de programas de crédito de bancos nacionais e órgãos de fomento e carecem de iniciativas do ecossistema para um financiamento próprio, existe uma alta formação de talentos de nível superior e uma baixa adesão dos mesmos no mercado de trabalho que oferece uma atividade pouco complexa e não orientada ao crescimento econômico, mas ao ganho imediato, o conhecimento é fomentado por atividades de pesquisa e desenvolvimento em inovação dentro da universidade, mas pouco é aproveitado pelo empresariado local e os serviços de suporte são orientados à formação de empreendedores sob a ótica da gerência de seus negócios e não para o empreendedorismo de crescimento extraordinário e todos os seus elementos.

Conforme as condições apresentadas acima e os resultados já apresentados este trabalho considera que o município de Rio Grande apresenta uma atividade empreendedora motivada pela fuga do desemprego e a emancipação financeira do empreendedor. Afastando-se da lógica de ecossistemas empreendedores balizados pelo crescimento econômico extraordinário (ISENBERG, 2010; STAM; 2015; ROUNDY, 2017). Além disso, as atividades do ecossistema bem como as políticas públicas promovidas para a sua manutenção caminham para o impulsionamento de novos CNPJ por parte de Microempreendedores Individuais (MEIs), ou seja, corroboram com o objetivo central de fuga do desemprego e emancipação financeira do empreendedor logo no estágio inicial. Neste contexto, afastando-se da busca pela exploração de novos mercados, os empreendimentos giram em torno do atendimento da demanda gerada pela estrutura física. Assim, o balneário cassino movimenta o comércio, o turismo e o entretenimento. Já a universidade e o porto, que atraem pessoas para o município, movimentam o setor imobiliário, o comércio e demandam suprimentos para suas atividades.

Por fim, o valor agregado pela atividade empreendedora apresenta descrições insuficientes para um crescimento extraordinário imposto pela literatura de ecossistemas empreendedores, relacionado a qualidade de vida, ganhos extraordinários e geração de novas

empresas de sucesso (ISENBERG, 2016; BROWN; MASON, 2017; ROUNDY, 2017). Neste contexto, o valor relatado pelos participantes da pesquisa conversa com tentativas de geração de novos postos de trabalho, colocação profissional de estudantes formados pela universidade, tentativas de colocar em prática uma economia circular que não dependa de investimentos externos e aquecimento do comércio local.

Em virtude dos resultados encontrados ao aplicar o modelo de Stam (2015) à realidade relatada pelos atores-chave da atividade empreendedora do município de Rio Grande, foi possível observar a presença de todos elementos estruturais e sistêmicos previstos no modelo. Além disso, foi possível observar que estes elementos caracterizam a atividade empreendedora da região bem como geram resultados ao ecossistema. Entretanto, ao tratar da causa ascendente do modelo, não foram retratados como estes resultados que ainda estão em construção pelo ecossistema empreendedor afetarão o mesmo. É possível inferir com este trabalho que o ecossistema empreendedor de Rio Grande se caracteriza por uma atividade empreendedora já existente no qual atores-chave com interesses conflitantes atuam para sua melhoria. Embora exista uma atuação em relação ao ecossistema, esta atuação carece de governança. Ou seja, os movimentos realizados pelos atores-chave são desconexos e atendem a seus interesses particulares se afastando da coalescência de intenções, coerência de atividades e financiamentos propostos por Roundy et al (2018). Além disso, a realidade do ecossistema empreendedor de Rio Grande apresenta conflitos relacionados ao debate entre qualidade e quantidade de empreendedorismo proposto por Stam (2015) no instante em que mede seus esforços por abertura de novos CNPJ ou liberação imediata de CNAE em confronto às propostas do autor de empreendedorismo de crescimento extraordinário e presença de empreendedores ambiciosos. De acordo com Stam (2015), a centralização do empresário como líder do ecossistema empreendedor é essencial para o seu desenvolvimento e a realidade de Rio Grande exprime um protagonismo do poder público, divergindo em ideias com a literatura. Cabe ressaltar, que Isenberg (2016) prega a descentralização da gestão de um ecossistema empreendedor, onde os atores-chave atuam de forma integrada, com ausência de protagonismo de comando. Neste contexto, se faz necessária a elaboração de processos de governança para o ecossistema empreendedor.

5. 2 A tipologia de Brown e Mason e o ecossistema empreendedor de Rio Grande

A tipologia de Brown e Mason (2017) apresenta um modelo de caracterização de ecossistemas empreendedores orientado para dois exemplos de estruturas sistêmicas. Neste

contexto, ecossistemas empreendedores maduros podem ser considerados ecossistemas de escala e ecossistemas em desenvolvimento podem ser considerados ecossistemas embrionários. Os autores atentam que a literatura imatura da temática de ecossistemas empreendedores carece de modelos teóricos e que este modelo representa uma tentativa preliminar de estabelecer instrumentos de análise para área. Cabe ressaltar, que os autores afirmam que a essência dicotômica do modelo pode apresentar limitações de análise, pois determinados ecossistemas podem apresentar características dos dois estágios de evolução apresentados pelo modelo. Além disso, os autores recomendam que pesquisadores da área explorem em profundidade a complexidade dos diversos ecossistemas empreendedores existentes para ampliar o conhecimento sobre o tema.

No caso do município de Rio Grande, a tentativa de classificação se deu por intermédio de uma pesquisa qualitativa. Neste contexto, buscou-se uma exploração profunda, sob ponto de vista dos atores-chaves, das crenças e percepções a respeito dos elementos constituintes da tipologia de Brown e Mason (2017) para a execução da análise. Assim, conforme os resultados expostos no subcapítulo 4.2, este trabalho considerou o ecossistema empreendedor de Rio Grande como um ecossistema embrionário. Embora o trabalho apresente resultados para todas as categorias de análise, cabe uma análise a respeito da aplicabilidade do modelo dentro do caso estudado.

Em primeiro lugar, a tipologia de Brown e Mason (2017) aborda o ecossistema empreendedor com um expressivo foco em *startups*. Neste contexto, o modelo dos autores se aproxima do erro de intenção apontado por Isenberg (2016). De acordo com o autor, a geração de *startups* em ecossistemas empreendedores é resultado das atividades sistêmicas de um empreendedorismo estruturado em confronto a ideia de que para estruturar o empreendedorismo se faz necessário a geração de *startups*. Neste contexto, as *startups* não representam um ponto de partida para estímulo ao empreendedorismo, mas sim um resultado do mesmo. Embora o caso estudado apresente um pequeno número de *startups*, estas estão diretamente conectadas as políticas de inovação da universidade local afastadas da realidade da atividade empreendedora municipal. Em ecossistemas embrionários, de acordo com Brown e Mason (2017) as firmas estabelecidas são responsáveis pela geração de *startups* e representam o alicerce da economia local. Embora as grandes empresas que operam no município representem o alicerce da economia local, não são elas que conduzem a geração de *startups*, mas sim as políticas de inovação da universidade federal.

Em segundo lugar, de acordo com os resultados desta pesquisa, é possível notar um conflito de interesses entre os agentes do ecossistema. Quando são isoladas as falas de representantes da universidade é perceptível a atuação focada em inovação de base tecnológica. Neste contexto, o empreendedorismo é promovido com base no incentivo de *startups* de origem em *spin-offs* de pesquisas acadêmicas. Por outro lado, o poder público local vem desenvolvendo políticas públicas de abertura de novas empresas e pouco se aborda a respeito da escalabilidade dos negócios para classificar o município como uma cidade empreendedora. Já os empreendedores estabelecidos na região, focados no consumo local e no atendimento imediato das necessidades financeiras de suas empresas pouco aproveitam da dinâmica de inovação promovida pela universidade. Neste contexto, a atividade empreendedora do município de Rio Grande se afasta do ecossistema de inovação organizado pela universidade visto que, embora as atividades do ecossistema de inovação da universidade movimentem a economia local, o empresariado existente na região pouco aproveita os resultados do mesmo e são raros os casos de participação do empresariado local no suporte destas atividades.

Por fim, é necessário dar atenção a uma categoria de análise do modelo que chamou atenção de todos os participantes desta pesquisa, a natureza da reciclagem empreendedora. De acordo com Brown e Mason (2017), ecossistemas empreendedores embrionários apresentam um baixo nível de reciclagem empreendedora, ou seja, pouca reorganização de empreendedores com projetos descontinuados. No caso do município de Rio Grande, nenhum participante da pesquisa foi capaz de descrever ações de reciclagem empreendedora local. Em diversos casos, os participantes relataram que este é um processo que é necessário se desenvolver no município. Ou seja, não existe no ecossistema empreendedor de Rio Grande, um processo de reciclagem empreendedora. Neste contexto, pouco se sabe o que acontece com empreendedores que tem seus projetos descontinuados, tão pouco os motivos para que o fato tenha ocorrido. Assim, não existe um monitoramento das atividades empreendedoras. Uma das razões para que isso ocorra pode estar relacionado ao fato das políticas públicas desenvolvidas para o empreendedorismo local tenham foco na abertura de novas empresas, de qualquer natureza, e, apenas este número, representar a métrica de empreendedorismo local.

5. 3 Implicações práticas ao observar o município de Rio Grande como um ecossistema empreendedor

Ao analisar o município de Rio Grande sob a ótica de ecossistema empreendedor, é possível apontar diversas implicações práticas para que o município possa ser considerado um

ecossistema. Embora todas as categorias de análise propostas pelos modelos adotados tenham sido contempladas, se faz necessário alguns ajustes práticos para que as atividades de fato se tornem sistêmicas. Em primeiro lugar, é necessário a elaboração de uma estrutura de governança da atividade empreendedora. Em diversas falas destacadas ao longo do texto, é possível observar que inúmeros atores-chave tem interesse na promoção do empreendedorismo local. Entretanto, a atividade é descoordenada e inúmeras iniciativas individuais foram expostas sem que exista uma estrutura de agência destas iniciativas. Embora alguns comitês tenham sido criados e expostos pelos participantes, uma reunião com diversas partes interessadas, como ocorreu no grupo focal desta pesquisa, foi considerada pelos participantes uma iniciativa ímpar na região.

Isenberg (2016) relata que em ecossistemas empreendedores a coordenação das atividades se dá de forma descentralizada, onde todos os agentes devem ter poder de participação e protagonismo. No contexto do município de Rio Grande, nota-se um protagonismo do poder público nas atividades de manutenção do empreendedorismo. Assim, o empresariado local apenas se nutre das mudanças gerenciadas por estes agentes, se afastando do papel de protagonismo. Embora tenham ocorrido relatos de grupos de empresários que se reúnem com o poder público para promoção de políticas públicas que atendam ao interesse dos empreendedores, também houveram relatos de que os pequenos empreendedores locais, não são consultados a respeito das suas demandas e não tem a oportunidade de participar do gerenciamento da atividade empreendedora da região, apenas reagem a mesma. Seguindo os aspectos da co-evolução abordada por Isenberg (2016) todos os agentes de um ecossistema devem realizar movimentos que alteram o funcionamento do mesmo de modo que as mudanças propostas por um determinado agente alteram a postura dos outros agentes. Neste caso, se faz necessário que empreendedores locais tomem o protagonismo da agência da atividade empreendedora local, por meio da participação e de iniciativas privadas que alterem a estrutura dominante do ecossistema.

Por fim, é necessário que os praticantes da atividade empreendedora local abordem o empreendedorismo como algo já existente no município e que precisa ser desenvolvido. De acordo com Isenberg (2016), ecossistemas são estruturas que não podem ser criadas, pois elas já existem por natureza. Entretanto, a atividade humana pode aplicar processos de desenvolvimento para uma maximização de seus resultados. Em diversos relatos, foi possível observar que as políticas públicas de empreendedorismo local tem como objetivo centrar a

geração de novas atividades, criação de novas empresas, formalização de trabalhadores autônomos como empreendedores por meio do MEI, entre outras atividades cujo o objetivo final é o incremento dos números que representam a métrica de empreendedorismo, ou seja, o número de empresas em atividade no município. Neste contexto, fica evidente o erro da criação, citado por Isenberg (2016), que trata de políticas públicas orientadas para criar um sistema que já existe, mesmo que de forma descoordenada. Assim, são necessárias políticas públicas de desenvolvimento da atividade empreendedora já existente, bem como o monitoramento desta atividade para garantir que os projetos de empreendedorismo local tenham potencial de crescimento econômico, tenham por objetivo a escalabilidade dos negócios bem como a geração de valor social. Portanto, os formuladores de políticas públicas devem apresentar projetos que desenvolva a atividade empreendedora já existente e crie mecanismos de manutenção da mesma bem como adote mecanismos de controle que levem em consideração o tamanho do crescimento econômico gerado pelas atividades empreendedoras e não apenas o aumento do número de empresas bem como criticam Brown e Mason (2017).

5. 4 Uma agenda de pesquisa em ecossistema empreendedor diante do caso estudado

A relevância de um estudo de caso, de acordo com Stake (1995), se dá na capacidade de aprendizagem que um caso propõe. Embora os modelos adotados para realizar uma análise da atividade empreendedora de Rio Grande sob a perspectiva ecossistêmica tenham sido suficientes para apresentar resultados que enquadrem o município a um ecossistema empreendedor, alguns *gaps* de pesquisa multidisciplinares precisam ser apontados em relação ao trabalho executado.

Os modelos de Stam (2015) e Brown e Mason (2017) são modelos preliminares com pouco uso empírico. Apesar de Wurth *et al* (2021) apresentarem uma atualização do modelo de Stam (2015), esta nova proposta apenas acrescenta uma agenda de pesquisa que propõe a análise entre ecossistemas e pouco acrescenta novas informações ao modelo. Neste contexto, este trabalho apresenta novos dados empíricos em relação a uma determinada realidade. Cabe ressaltar que os modelos adotados têm origem quantitativa e o estudo de caso exploratório apresentado nesta dissertação representa uma tentativa de explorar qualitativamente a capacidade dos modelos sob o ponto de vista da percepção dos atores-chave da atividade empreendedora de um município. Neste contexto, as limitações de análise experimentadas ao longo da pesquisa abrem espaço para uma proposição de novas pesquisas diante das limitações inferidas pelos modelos.

De acordo com Roundy (2017), questões culturais, crenças e valores, logicas institucionais e simbologias empreendedoras e o papel das organizações de suporte são de extrema importância para lógica de ecossistemas empreendedores. Os resultados desta pesquisa demonstram que a cultura empreendedora local se apresenta como fator limitante do desenvolvimento da atividade empreendedora. Neste contexto, desenvolver pesquisas qualitativas a respeito da cultura empreendedora local se faz importante para entender esta questão limitadora. Estudos de cultura na área do empreendedorismo podem desmistificar crenças e valores a respeito da atividade empreendedora bem como buscar entendimentos da origem da cultura local a respeito do empreendedorismo para então desenvolver uma estrutura de políticas públicas que alterem esta realidade. Cabe ressaltar que a cultura local de empreendedorismo pouco é conhecida, pouco é explorada. Neste contexto, como uma cultura empreendedora pode ser ensinada sem que a mesma tenha sido estudada por especialistas em estudos de cultura?

Além disso, este estudo de caso demonstrou um interesse grande do poder público de inserção do empreendedorismo nas escolas para difundir a cultura empreendedora desde a tenra idade dos estudantes locais. Mas qual o papel da educação na difusão do empreendedorismo? Como a área da educação observa a inserção do empreendedorismo nas escolas de nível básico? Os pesquisadores que promovem o empreendedorismo precisam desenvolver trabalhos multidisciplinares para que não ocorra uma invasão de áreas de conhecimento. Não é possível, dentro do referencial teórico de ecossistema empreendedor adotado nesta pesquisa, debater a aplicabilidade das propostas de educação do ecossistema empreendedor de Rio Grande. Entretanto, a educação básica se apresenta nos resultados desta pesquisa como algo latente e prestes a sofrer intervenções do poder público para a promoção do empreendedorismo. Neste contexto, o que a literatura de ecossistemas empreendedores desenvolve a respeito do papel de políticas públicas de educação na promoção do empreendedorismo?

Outro *gap* de pesquisa apresentado por este trabalho diz respeito a qualidade do empreendedorismo. Em diversos relatos, as políticas públicas de promoção do empreendedorismo se dão por meio de formalização de trabalhadores autônomos. Entretanto, Brown e Mason (2017) apontam que o empreendedorismo deve ser observado por ordem do crescimento econômico gerado pela atividade empreendedora em um debate a respeito da quantidade e a qualidade de empreendedorismo de uma região ao realizar uma crítica as políticas públicas de ecossistemas empreendedores. Neste contexto, são necessárias pesquisas

da perspectiva da qualidade do empreendedorismo gerado em regiões similares ao caso estudado. Também é necessário um mapeamento do que de fato é atividade empreendedora e o que é trabalho autônomo. Neste contexto, pesquisas que cruzem as temáticas de trabalho e empreendedorismo são necessárias para entender a dinâmica das atividades consideradas empreendedoras por estas políticas públicas.

Por fim, destaca-se o papel das políticas públicas no debate de ecossistemas empreendedores. As políticas públicas se apresentam como cruciais em diversos documentos da literatura de ecossistemas empreendedores (ISENBERG, 2016; BROWN; MASON, 2017; ROUNDY, 2017, RATTEN, 2020). Os resultados do presente estudo de caso demonstram que a região estudada apresenta diversas políticas públicas de promoção ao empreendedorismo, mas qual a efetividade das políticas públicas relatadas na promoção de uma atividade empreendedora de crescimento econômico agregado? Neste contexto, se faz necessário pesquisas profunda a respeito do papel dos projetos elencados pelos atores-chave participantes para a promoção de um empreendedorismo produtivo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo de caso buscou adotar o guarda-chuva conceitual proposto pela literatura de ecossistemas empreendedores para analisar a atividade empreendedora do município. Para tal, foram realizadas entrevistas individuais e um grupo de foco para reunir elementos empíricos a respeito da crenças e percepções de atores-chave do empreendedorismo municipal para atender os objetivos específicos e propor respostas as questões balizadoras do presente estudo.

Para o primeiro objetivo específico foi proposta a análise do ecossistema empreendedor municipal diante do prisma de seus elementos, produtos e resultados. O modelo de Stam (2015) foi adotado para analisar as condições estruturantes, as condições sistêmicas, os produtos e os resultados da atividade empreendedora de acordo com os relatos dos participantes da pesquisa. Destaca-se nesta etapa o protagonismo do poder público na agência da atividade empreendedora bem como o fato das estruturas físicas do município conduzirem o propósito da atividade empreendedora, orientada diretamente ao consumo, e representarem o catalisador das demandas municipais. Além disso, o empreendedorismo por necessidade, o conflito de interesses entre empreendedores e a dificuldade de entender o papel da educação no processo do empreendedorismo balizam as questões culturais a respeito do empreendedorismo. O município é formado por pequenas redes de empresários em coalizão com lideranças do poder público municipal. Participam do processo a universidade federal orientada à qualificação profissional e geração de inovação tecnológica e instituições que oferecem um serviço de suporte ao empreendedorismo com assessorias de gestão e qualificação empresarial. Cabe destacar que o município enfrenta uma questão em relação ao alto índice de formação e baixa colocação profissional. Como produto das atividades empreendedoras se dá o empreendedorismo por necessidade orientado à ajustes das demandas de emprego e renda do município. Neste contexto, a falta de oportunidades de emprego formal representa uma forte motivação para empreender por parte do jovem empreendedor bem como a melhoria dos índices de desemprego e renda representam a força motriz dos esforços municipais em empreendedorismo. Assim, o resultado esperado do empreendedorismo municipal é representado pelo ajuste de índices de desempenho econômico bem como fortalecimento do mercado local.

No segundo objetivo específico, a análise proposta diz respeito ao estágio de desenvolvimento do ecossistema empreendedor de Rio Grande. Neste contexto, foi adotada a

taxonomia de Brown e Mason (2017). De acordo com as percepções dos atores-chave, os principais resultados da análise inferem que o ecossistema empreendedor de Rio Grande representa um ecossistema embrionário em virtude do número limitado de atores-chave, foco em interações locais, limitadas formas de financiamento, baixa participação das grandes empresas em projetos de novos negócios, poucos casos de empreendedorismo de *blockbuster*, políticas públicas em estágio de desenvolvimento e diversos relatos de encerramento de projetos em contraposição a poucas ações de reciclagem empreendedora.

O primeiro e o segundo objetivo específico respondem a primeira questão balizadora do estudo que diz respeito a como se caracteriza a atividade empreendedora do município de Rio Grande. Neste contexto, na percepção dos atore-chave, a atividade empreendedora de Rio Grande apresenta características emergentes, logo as ações de desenvolvimento apresentam como ponto de partida diversos objetivos conflitantes. Assim, os empreendedores estabelecidos têm por objetivo o ganho imediato de rendimentos e os novos empreendedores a fuga do desemprego. A poder público municipal está orientado ao ajuste de métricas de desempenho econômico bem como estabelecer a imagem de uma cidade empreendedora. Já a universidade interessada em gerar inovação tecnológica em função de seus *spin-offs* de pesquisa e colocação profissional dos estudantes qualificados pela instituição. Outras associações de empresários têm como objetivo a manutenção dos interesses particulares de seus associados em confronto ao desenvolvimento do mercado local. Estes interesses conflitantes são comuns de acordo com a literatura de ecossistemas empreendedores (ISENBERG, 2016; BROWN; MASON, 2017), entretanto, no ecossistema empreendedor de Rio Grande ocorre a carência de elementos de governança do sistema. Neste contexto, este trabalho apresenta elementos empíricos que evidenciam a existência de todos os elementos necessários para atividade sistêmica, mas não é possível inferir que de fato o sistema funcione, embora existam atores-chave interessados em seu desenvolvimento.

No terceiro objetivo específico deste estudo de caso, foi proposto a análise das implicações práticas e teóricas de observar um município sob o prisma de um ecossistema empreendedor. Este objetivo específico, diz respeito a relevância do presente estudo de caso e a capacidade de aprendizagem proposta pelo mesmo. Foi possível encontrar todos os elementos descritos pelos modelos adotados na realidade do município de Rio Grande. Entretanto, é necessário impor ressalvas a aplicação dos modelos bem como apontar os limites de alcance dos mesmos. A predominância de modelos quantitativos para medir e analisar ecossistemas na

literatura implica em limitações de uso dos mesmos para estudos qualitativos. O modelo de Stam (2015) implica em um modelo causal que diz respeitos ao ciclo da atividade empreendedora que opera em causas ascendentes e descendentes. No caso do município de Rio Grande, não foi possível verificar a causa descendente do modelo, pois a atividade empreendedora está em estágio de desenvolvimento, portanto o modelo apresenta limitações em ecossistemas imaturos como o do caso estudado. Já o modelo de Brown e Mason (2017), opera com protagonismo de *startups*. Isenberg (2016) critica esta abordagem afirmando que as *startups* representam resultados de empreendedorismo de sucesso e não um meio para atingi-lo. Além disso, os autores do modelo atentam que a característica dicotômica do modelo pode deixar de lado ecossistemas que estejam em um processo de transição entre um estágio e outro. O modelo dos autores coloca em pauta níveis altos e baixos de cada indicador para definir o estágio de desenvolvimento, mas não define a margem de análise destes limites. Como resultado, foi possível apenas atestar com elementos empíricos a existência dos elementos e os baixos níveis, mas devido a característica preliminar e descritiva do modelo não foram possíveis análises profundas a respeito da efetividade das atividades. Assim, a segunda questão balizadora do estudo foi respondida com ressalvas. Neste contexto, foi possível analisar um município como Rio Grande sob a ótica de um ecossistema empreendedor devido a existência de atividade empreendedora e algumas ações sistêmicas de atores envolvidos, mas a análise foi limitada devido os modelos apresentarem sua origem em ecossistemas reconhecidos e de realidades distintas do município de Rio Grande.

Por fim, no quarto objetivo específico foi proposto o desenvolvimento de uma agenda de pesquisa no âmbito da temática de ecossistemas empreendedores de regiões similares ao caso de estudo. Com base nas discussões da presente dissertação, destaca-se a necessidade de explorar como aspectos culturais influenciam o desenvolvimento da atividade empreendedora. Neste contexto, pesquisas multidisciplinares que envolvem as ciências humanas foram destacadas como a área da educação, ciências políticas e ciências sociais, principalmente pesquisas críticas que se conectam com aspectos de qualificação profissional e o papel da educação no desenvolvimento do empreendedorismo. Além disso, o estudo de caso demonstrou a necessidade de explorar um cruzamento das temáticas de empreendedorismo, trabalho e políticas públicas para debater a qualidade do empreendedorismo gerado por este tipo de região e suas políticas públicas de promoção ao empreendedorismo. Assim, no que diz respeito a

terceira questão balizadora da pesquisa, a presente dissertação apresentou alguns pontos de avanço em pesquisa necessários para a temática de ecossistemas empreendedores.

As questões acima elencadas podem nortear ações gerenciais quanto ao desenvolvimento do ecossistema empreendedor local, visto que a presente dissertação mapeia e analisa os aspectos que constituem o sistema que movimenta a atividade empreendedora local bem como aponta limitações da sistemática por trás desta atividade. Os diferentes atores do processo de empreendedorismo local podem adotar este trabalho como base para avaliar as reais necessidades de políticas públicas para aprimorar o ecossistema empreendedor local. Embora diversos atores tenham interesse no desenvolvimento do empreendedorismo local, as ações ainda se apresentam de forma descoordenada, exigindo um processo de governança do empreendedorismo. O presente trabalho aponta os principais elementos que podem constituir o comitê de governança e aponta algumas necessidades de análise do mesmo para o bom desenvolvimento do empreendedorismo produtivo na região.

Quanto as limitações desta pesquisa, destacam-se três pontos. O primeiro envolve as dificuldades de realização do estudo diante do contexto da pandemia de Covid-19. Neste contexto, houveram atrasos na execução das entrevistas e algumas ocorreram por meio de videoconferência, que pode apresentar uma limitação de coleta de dados não verbais por parte dos pesquisadores. A segunda limitação diz respeito a exclusividade e o difícil acesso dos participantes da pesquisa, devido uma difícil conciliação de agenda a realização do grupo focal experimentou um processo de demora em sua construção bem como alguns atores-chave não puderam estar presentes. Além disso, houve dificuldade de retomar algumas entrevistas para analisar pontos que não foram abordados, devido limitações de prazo e agenda dos participantes. Por fim, destaca-se a limitação teórica do tema de ecossistemas empreendedores que experimenta de diversos modelos quantitativos de análise (STAM, 2015; BROWN; MASON, 2017) que podem apresentar limitações de aplicação em pesquisas qualitativas como o presente estudo de caso.

Como sugestões de pesquisas futuras, indica-se um aprofundamento das categorias de análise e o papel isolado das mesmas na atividade empreendedora local. Neste contexto, com uma série de estudos a respeito da estrutura do ecossistema empreendedor e do papel de cada elemento dos modelos pode-se elaborar um instrumento de análise qualitativa para ecossistemas empreendedores em desenvolvimento como o do caso estudado. É necessário instigar os pesquisadores da temática de ecossistemas empreendedores a observarem outros locais que

desenvolvem suas atividades empreendedoras. Neste contexto, localidades que se afastam dos casos estudados pela literatura demandam de estudo por parte de pesquisadores interessados na temática. Este trabalho representa um primeiro esforço disso e demanda de seus pares outras análises comparativas para construir conhecimento em cima dos elementos empíricos encontrados. Por fim, indica-se uma expansão do mapeamento e análise do papel particular dos atores-chave da atividade empreendedora local para compreende-la de forma profunda.

REFERÊNCIAS

ACS, Zoltan J. et al. The lineages of the entrepreneurial ecosystem approach. **Small Business Economics**, v. 49, n. 1, p. 1-10, 2017.

AOYAMA, Yuko. Entrepreneurship and regional culture: The case of Hamamatsu and Kyoto, Japan. **Regional Studies**, v. 43, n. 3, p. 495-512, 2009.

AUDRETSCH, David B. et al. Entrepreneurial ecosystems: economic, technological, and societal impacts. **The Journal of technology transfer**, v. 44, n. 2, p. 313-325, 2019.

AUDRETSCH, David B. et al. The dynamics of entrepreneurial ecosystems. **Entrepreneurship and regional development**, v. 30, n. 3, p. 471-474, 2018.

AUDRETSCH, David B.; BELITSKI, Maksim. Entrepreneurial ecosystems in cities: establishing the framework conditions. **The Journal of Technology Transfer**, v. 42, n. 5, p. 1030-1051, 2017.

AUDRETSCH, David B.; MOOG, Petra. Democracy and entrepreneurship. **Entrepreneurship Theory and Practice**, p. 1042258720943307, 2020.

AUTIO, Erkko et al. Digital affordances, spatial affordances, and the genesis of entrepreneurial ecosystems. **Strategic Entrepreneurship Journal**, v. 12, n. 1, p. 72-95, 2018.

BAGGIO, Adelar Francisco; BAGGIO, Daniel Knebel. Empreendedorismo: Conceitos e definições. **Revista de empreendedorismo, inovação e tecnologia**, v. 1, n. 1, p. 25-38, 2015.

BALA SUBRAHMANYA, M. H. How did Bangalore emerge as a global hub of tech startups in India? Entrepreneurial ecosystem—Evolution, structure and role. **Journal of Developmental Entrepreneurship**, v. 22, n. 01, p. 1750006, 2017.

BAHRAMI, Homa; EVANS, Stuart. Flexible re-cycling and high-technology entrepreneurship. **California Management Review**, v. 37, n. 3, p. 62-89, 1995.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 7ª ed. Editora Vozes Limitada, 2008.

BERMAN, Alexander; CANO-KOLLMANN, Marcelo; MUDAMBI, Ram. Innovation and entrepreneurial ecosystems: fintech in the financial services industry. **Review of Managerial Science**, p. 1-20, 2021.

BHAWE, Nachiket; ZAHRA, Shaker A. Inducing heterogeneity in local entrepreneurial ecosystems: The role of MNEs. **Small Business Economics**, v. 52, n. 2, p. 437-454, 2019.

BICHLER, Bernhard Fabian et al. Regional entrepreneurial ecosystems: how family firm embeddedness triggers ecosystem development. **Review of Managerial Science**, p. 1-30, 2021.

BRADFORD, S. C. Sources on specific subjects. **Engineering**, v.37, 85-86, 1934. Cambridge, MA, 1949.

BRASIL; Ministério da Economia. **Painel mapa de empresa**. Disponível em <https://www.gov.br/governodigital/pt-br/mapa-de-empresas/painel-mapa-de-empresas> Acesso em 15 de jul. de 2021.

BRITO, Sónia; LEITÃO, João. Mapping and defining entrepreneurial ecosystems: a systematic literature review. **Knowledge Management Research & Practice**, v. 19, n. 1, p. 21-42, 2021.

BROWN, Ross; MASON, Colin. Inside the high-tech black box: A critique of technology entrepreneurship policy. **Technovation**, v. 34, n. 12, p. 773-784, 2014.

BROWN, Ross; MASON, Colin. Looking inside the spiky bits: a critical review and conceptualisation of entrepreneurial ecosystems. **Small Business Economics**, v. 49, n. 1, p. 11-30, 2017.

CAVUSGIL, S. Tamer. Advancing knowledge on emerging markets: Past and future research in perspective. **International Business Review**, v. 30, n. 2, p. 101796, 2021.

COOKE, Philip; URANGA, Mikel Gomez; ETXEBARRIA, Goio. Regional innovation systems: Institutional and organisational dimensions. **Research policy**, v. 26, n. 4-5, p. 475-491, 1997.

CRESWELL, John W.; CRESWELL, J. David. **Projeto de pesquisa**: Métodos qualitativo, quantitativo e misto. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DIÁRIO POPULAR; Programa "Rio Grande Cidade Empreendedora" é lançado oficialmente, 2021. Disponível em <https://www.diariopopular.com.br/zona-sul/programa-rio-grande-cidade-empreendedora-e-lancado-oficialmente-160489/> Acesso em 04 de agosto de 2021.

EXTRACLASSE; **A ressaca de um polo naval abandonado**, 2018. Disponível em < https://www.extraclasse.org.br/economia/2018/04/a-ressaca-de-um-polo-naval-abandonado/> Acesso em 03 de agosto de 2021.

FELDMAN, Maryann P. The character of innovative places: entrepreneurial strategy, economic development, and prosperity. **Small Business Economics**, v. 43, n. 1, p. 9-20, 2014.

FIALHO, C. B.; **O fortalecimento do ecossistema empreendedor a partir dos seus domínios na percepção dos principais atores do ambiente local**, 2019. Tese (Doutorado em Administração) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2019.

FISCHER, Bruno Brandão; QUEIROZ, Sérgio; VONORTAS, Nicholas S. On the location of knowledge-intensive entrepreneurship in developing countries: lessons from São Paulo, Brazil. **Entrepreneurship & Regional Development**, v. 30, n. 5-6, p. 612-638, 2018.

FORLIANO, Canio; DE BERNARDI, Paola; YAHIAOUI, Dorra. Entrepreneurial universities: A bibliometric analysis within the business and management domains. **Technological Forecasting and Social Change**, v. 165, p. 120522, 2021.

GASPAROTO, M. R. M.; **A Unicamp no contexto do ecossistema empreendedor da Região Metropolitana de Campinas: um estudo utilizando a metodologia análise de redes sociais**. 2019. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências, Campinas, SP.

GHIO, Niccolò; GUERINI, Massimiliano; ROSSI-LAMASTRA, Cristina. The creation of high-tech ventures in entrepreneurial ecosystems: Exploring the interactions among university knowledge, cooperative banks, and individual attitudes. **Small Business Economics**, v. 52, n. 2, p. 523-543, 2019.

GIL. Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, L. A. V.; **Corrida maluca em territórios desconhecidos: como empreendedores gerenciam incertezas individuais e coletivas em ecossistemas empreendedores**, 2013. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

GOSWAMI, Ketan; MITCHELL, J. Robert; BHAGAVATULA, Suresh. Accelerator expertise: Understanding the intermediary role of accelerators in the development of the Bangalore entrepreneurial ecosystem. **Strategic Entrepreneurship Journal**, v. 12, n. 1, p. 117-150, 2018.

GUERRERO, Maribel; URBANO, David; GAJÓN, Eduardo. Higher Education Entrepreneurial Ecosystems: Exploring the Role of Business Incubators in an Emerging Economy. **International review of entrepreneurship**, v. 15, n. 2, 2017.

HANNAN, Michael T.; FREEMAN, John. The population ecology of organizations. **American journal of sociology**, v. 82, n. 5, p. 929-964, 1977.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE; **Panorama municipal**. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/rio-grande/panorama>. Acesso em 15 de jul. de 2021.

ISENBERG, Daniel J. Applying the ecosystem metaphor to entrepreneurship: Uses and abuses. **The Antitrust Bulletin**, v. 61, n. 4, p. 564-573, 2016.

ISENBERG, Daniel J. How to start an entrepreneurial revolution. **Harvard business review**, v. 88, n. 6, p. 40-50, 2010.

ISENBERG, Daniel. The entrepreneurship ecosystem strategy as a new paradigm for economic policy: Principles for cultivating entrepreneurship. **Presentation at the Institute of International and European Affairs**, v. 1, n. 781, p. 1-13, 2011.

LOTKA, Alfred J. The frequency distribution of scientific productivity. **Journal of the Washington academy of sciences**, v. 16, n. 12, p. 317-323, 1926.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2018.

MILWOOD, Pauline A.; MAXWELL, Andrew. A boundary objects view of Entrepreneurial Ecosystems in tourism. **Journal of Hospitality and Tourism Management**, v. 44, p. 243-252, 2020.

MOORE, J. F.; Predators and Prey: A New Ecology of Competition. **Harvard Business Review**, v. 71, n. 3, 75-86, 1993.

MULDOON, Jeffrey; BAUMAN, Antonina; LUCY, Carol. Entrepreneurial ecosystem: do you trust or distrust? **Journal of Enterprising Communities: People and Places in the Global Economy**, 2018.

NKUSI, Alain C. et al. The role of the entrepreneurial university in building an entrepreneurial ecosystem in a post conflict economy: An exploratory study of Rwanda. **Thunderbird International Business Review**, v. 62, n. 5, p. 549-563, 2020.

OCEANTEC; **Oceantec – Parque tecnológico da FURG**, 2021. Disponível em < https://oceantec.furg.br/> Acesso em 04 de agosto de 2021.

OLIVEIRA, M. R.; **Modelo para o estímulo à criação de spin-offs acadêmicas baseado em ecossistemas empreendedores**, 2015. Tese (Doutorado em Engenharia da Produção) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015.

PEREIRA, H. C. B.; **O ecossistema empreendedor de Belo Horizonte: análise do caso San Pedro Valley**, 2017. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

PIRES, M. C. C.; **Cartografia histórica da cidade do Rio Grande/RS: Expansão urbana e mudanças ambientais (1737-2017)**, 2019. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2019.

POLBITSYN, S. N. Russia's rural entrepreneurial ecosystems. **Economy of Region**, v. 15, n.

1, p. 298–308, 2019.

PORTER Michael. Clusters and the New Economics of Competition. **Harvard Business Review**, p. 77-90, 1998.

RATTEN, Vanessa; THOMPSON, Ashleigh-Jane. Digital sport entrepreneurial ecosystems. **Thunderbird International Business Review**, v. 62, n. 5, p. 565-578, 2020.

RIO GRANDE; **Lei da Liberdade Econômica é aprovada por unanimidade pelo Legislativo Municipal**, 2021a. Disponível em < https://www.riogrande.rs.gov.br/pagina/lei-da-liberdade-economica-e-aprovada-por-unanimidade-pelo-legislativo-municipal/> Acesso em 04 de agosto de 2021.

RIO GRANDE; **Rio Grande, cidade histórica**, 2021b. Disponível em < https://www.riogrande.rs.gov.br/pagina/rio-grande-2/#link> Acesso em 03 de agosto de 2021.

ROUNDY, Philip T.; BRADSHAW, Mike; BROCKMAN, Beverly K. The emergence of entrepreneurial ecosystems: A complex adaptive systems approach. **Journal of Business Research**, v. 86, p. 1-10, 2018.

ROUNDY, Philip T. Hybrid organizations and the logics of entrepreneurial ecosystems. **International Entrepreneurship and Management Journal**, v. 13, n. 4, p. 1221-1237, 2017.

ROUNDY, Philip T. "It takes a village" to support entrepreneurship: intersecting economic and community dynamics in small town entrepreneurial ecosystems. **International Entrepreneurship and Management Journal**, v. 15, n. 4, p. 1443-1475, 2019.

ROUNDY, Philip T. Paying attention to the customer: consumer forces in small town entrepreneurial ecosystems. **Journal of Research in Marketing and Entrepreneurship**, 2018.

SANTOS, Jadir Perpétuo et al. Industry 4.0-Efforts to adjust man the Revolution 4.0. Research, **Society and Development**, v. 9, n. 4, p. 2, 2020.

SCHEIDGEN, Katharina. Degrees of integration: how a fragmented entrepreneurial ecosystem promotes different types of entrepreneurs. **Entrepreneurship & Regional Development**, v. 33, n. 1-2, p. 54-79, 2021.

SCHILLO, R. Sandra. based spin-offs as agents in the entrepreneurial ecosystem. **The Journal of Technology Transfer**, v. 43, n. 1, p. 222-239, 2018.

SEBRAE; **Perfil das cidades gaúchas**, 2020. Disponível em: <https://datasebrae.com.br/municipios/rs/Perfil_Cidades_Gauchas-Rio_Grande.pdf>. Acesso em 09 de agosto de 2021.

SEBRAE; **Programa Cidade Empreendedora**, 2021. Disponível em < https://cidadeempreendedora.sebraers.com.br/> Acesso em 04 de agosto de 2021.

SILVA, M. C.; **Análise do ecossistema empreendedor brasileiro e dos fatores críticos de sucesso para a gestão de incubadoras de empresa**, 2017. Tese (Doutorado em Engenharia Mecânica) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.

SPIGEL, Ben; HARRISON, Richard. Toward a process theory of entrepreneurial ecosystems. **Strategic Entrepreneurship Journal**, v. 12, n. 1, p. 151-168, 2018.

SPIGEL, Ben. The relational organization of entrepreneurial ecosystems. **Entrepreneurship theory and practice**, v. 41, n. 1, p. 49-72, 2017.

STAKE, Robert E. **The art of case study research**. Thousand Oaks: SAGE Publications, 1995.

STAM, Erik. Entrepreneurial ecosystems and regional policy: a sympathetic critique. **European Planning Studies**, v. 23, n. 9, p. 1759-1769, 2015.

STAM, Erik; VAN DE VEN, Andrew. Entrepreneurial ecosystem elements. **Small Business Economics**, v. 56, n. 2, p. 809-832, 2021.

TUCKMAN, Bruce W. Developmental sequence in small groups. **Psychological bulletin**, v. 63, n. 6, p. 384, 1965.

WURTH, Bernd; STAM, Erik; SPIGEL, Ben. Toward an entrepreneurial ecosystem research program. **Entrepreneurship Theory and Practice**, p. 1042258721998948, 2021.

YUSOFF, W. F. W. et al. An analysis of entrepreneurial ecosystem among Small Medium Industries (SMEs) in Malaysia: A proposed model. **International Business Management**, v. 10, n. 17, p. 3762–3769, 2016.

ZHANG, Jonathan Z.; WATSON IV, George F. Marketing ecosystem: An outside-in view for sustainable advantage. **Industrial Marketing Management**, v. 88, p. 287-304, 2020.

ZEN, Aurora Carneiro; FRACASSO, Edi Madalena. Quem é o empreendedor? As implicações de três revoluções tecnológicas na construção do termo empreendedor. **RAM. Revista De Administração Mackenzie**, v. 9, p. 135-150, 2008.

ZIPF, George Kingsley; Human Behavior and the Principle of Least Effort. Local: **Addison-Wesley**, 1949.

APÊNDICE A

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO
Roteiro semiestruturado para entrevistas individuais com atores-chave do ecossistema empreendedor

INTRODUÇÃO

1. Apresentação do entrevistador e dos objetivos do projeto.
2. Fale sobre o(a) (instituição ou ator-chave o qual o entrevistado representa) e a sua ligação com o empreendedorismo no município:

ELEMENTOS, PRODUTOS E RESULTADOS

3. Como você observa o papel das instituições que atuam no empreendedorismo da cidade e como você avalia a atuação delas? O que você tem a dizer sobre a infraestrutura física da cidade para o empreendedorismo?
4. Como você observa a população da cidade em termos de empreendedorismo, adaptação e aceitação à atividade empreendedora e a demanda do município por essa atividade?
5. Você acredita que a cidade apresenta as condições necessárias para o empreendedorismo? Fale sobre as redes de apoio e as lideranças:
6. Em termos de financiamento, conhecimento, trabalhadores com a formação adequada e serviços de apoio ao empreendedorismo, como você observa o empreendedorismo na cidade?
7. Qual seria o resultado da atividade empreendedora na cidade? Quais produtos são entregues a população e ao empresariado e como eles geram valor para a região?

CLASSIFICAÇÃO DO ECOSSISTEMA

8. Você poderia falar sobre empreendimentos que obtiveram um crescimento notável no município? Com que frequência casos como este ocorrem?
9. Na sua opinião, como o fracasso ou o encerramento de empreendimento é visto na região? Qual o papel do fracasso e da finalização de empreendimentos no empreendedorismo municipal?
10. Como você observa as políticas públicas de incentivo ao empreendedorismo? Qual o papel delas e como você avalia o efeito das mesmas na atividade empreendedora?

DESENVOLVIMENTO DO ECOSSISTEMA

11. Quais ações de desenvolvimento da atividade empreendedora você tem visto nos últimos anos? Quais foram as suas ações (ou da sua instituição)? Como você as avalia?

ENCERRAMENTO

12. Abrir espaço para que o entrevistado fale algo que não foi abordado, agradecer a participação e informar a disponibilidade de demonstrar os resultados da pesquisa.

***Roteiro elaborado com base no referencial apresentado no capítulo 2, seção 2,3 e metodologia descrita no capítulo 3, seção 3.5.1**

APÊNDICE B

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO
Tópico Guia para Grupo Focal com Empreendedores de Rio Grande – RS*

Moderadores: Alisson Bastos e Lívia D'avila

Observadores: André Lemes e Theodora Holz

Participantes: Empreendedor 1 (Nome do empreendimento 1); Empreendedor X (Nome do empreendimento X).

Local: Sala de reuniões 1 do Oceantec.

PAUTAS INICIAIS – APRESENTAÇÃO/FAMILIARIZAÇÃO

1. Apresentação dos objetivos do projeto e do mediador.

2. Convite aos empreendedores a se apresentarem e compartilharem a experiência de empreender em Rio Grande.

PAUTAS DE CONFLITO – FASE TEMPESTUOSA

3. Abordar os benefícios e as dificuldades de empreender em Rio Grande.

4. Levantar quem, na opinião dos empreendedores, pode fazer algo para resolver as questões de dificuldades bem como o que poderia ser feito.

PAUTAS DE CONSENSO – FASE DE COESÃO DE IDEIAS

5. Percepções do grupo quanto ao desenvolvimento do empreendedorismo na cidade (passado, presente e futuro).

6. Levar o grupo a elencar uma série de passos para o empreendedorismo no município.

PAUTAS DE DESEMPENHO – OBJETIVOS DA PESQUISA

7. Quem são ou foram as pessoas centrais para o empreendimento na cidade?

8. Quais as instituições mais importantes para o empreendedorismo no município e qual o papel delas?

9. Participam de algum tipo de associação? Qual? Quais os impactos delas no empreendedorismo?

10. Quais grandes empresas da cidade fazem parte do seu empreendimento hoje? De que forma ela participa?

11. O cidadão de Rio Grande, em termos de cliente e trabalhador, como é a relação dele com o empreendedorismo?

12. Do governo, quem é a pessoa que você acredita essencial no empreendedorismo da cidade? O quanto o governo afeta a tua atividade empreendedora?

13. Quais as principais fontes de noticias sobre o empreendedorismo na cidade? Como você se informa sobre o que está acontecendo no município?

ENCERRAMENTO – INICIO DA FASE DE LUTO

14. Abrir espaço para que os empreendedores manifestem algum outro tipo de ator-chave.

15. Agradecer pela presença, dispor contato e disponibilidade de demonstrar resultados da pesquisa.

***Tópico guia elaborado com base no referencial apresentado no capítulo 2, seção 2,3 e metodologia descrita no capítulo 3, seção 3.5.2.**

APÊNDICE C

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE

INSTITUTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS, ADMINISTRATIVAS E CONTÁBEISPROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

MESTRADO EM ADMINISTRAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezado participante,

"Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa **"ANÁLISE DO ECOSSISTEMA EMPREENDEDOR DE RIO GRANDE NA PERSPECTIVA DE SEUS ATORES-CHAVE",** desenvolvida por Alisson de Moraes Bastos, discente de Mestrado em Administração da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, sob orientação da Professora Dra. Lívia Castro D'avila.

Sobre o objetivo central

O objetivo central do estudo é analisar o ecossistema empreendedor de Rio Grande bem como a forma como os atores-chave da atividade empreendedora do município percebem as ações de desenvolvimento do mesmo.

Mecanismos para garantir a confidencialidade e a privacidade

Qualquer dado que possa identificá-lo será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa, e o material será armazenado em local seguro.
A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você poderá solicitar do pesquisador informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados neste Termo.

Procedimentos detalhados que serão utilizados na pesquisa

A sua participação consistirá em responder perguntas de um roteiro de entrevista aos pesquisadores do projeto. Ao assinar o presente termo, o entrevistado concordará com a gravação em áudio do material da entrevista realizada bem como anotações realizadas pelos pesquisadores no momento da realização da entrevista.

Tempo de duração da entrevista/procedimento/experimento

O tempo de duração da entrevista é de aproximadamente uma hora.

Guarda dos dados e material coletados na pesquisa

As entrevistas serão transcritas e armazenadas, em arquivos digitais, mas somente terão acesso às mesmas o aluno e seu professor orientador.
Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, por pelo menos 5 anos, conforme Resolução CNS nº 466/12.

Sobre divulgação dos resultados da pesquisa

Os resultados serão divulgados em palestras dirigidas ao público participante, relatóriosindividuais para os entrevistados, artigos científicos e na dissertação/tese.Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitêde Ética em Pesquisa da FURG (CEP/FURG). O Comitê de Ética é a instância que tem por objetivo defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Dessa forma o comitê tem o papel de

avaliar e monitorar o andamento do projeto de modo que a pesquisa respeite os princípios éticos de proteção aos direitos humanos,da dignidade, da autonomia, da não maleficência, da confidencialidade e da privacidade.

Contatos: (53) 3237-3013 e cep@furg.br

Alisson de Moraes Bastos – Mestrando em Administração (PPGA/FURG).

Rio Grande,____de_____de_____.

Declaro que entendi os objetivos e condições de minha participação na pesquisa econcordo em participar.

(Assinatura do participante da pesquisa)

Nome do participante: _____